

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

Tatiana Vieira Lucinda

O jornalista como “herói da informação”: uma análise do *Profissão Repórter*

Juiz de Fora
Novembro de 2008

Tatiana Vieira Lucinda

O jornalista como “herói da informação”: uma análise do *Profissão Repórter*

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito para
obtenção de grau em Bacharel de
Comunicação Social na Faculdade de
Comunicação Social da UFJF.

Orientadora: Profa. Dra. Christina Ferraz
Musse

Juiz de Fora
Novembro de 2008
Tatiana Vieira Lucinda

O jornalista como “herói da informação”: uma análise do *Profissão Repórter*

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para obtenção de grau em Bacharel de Comunicação Social na Faculdade de Comunicação Social da UFJF.

Orientadora: Profa. Dra. Christina Ferraz Musse

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado em 27/11/2008 pela banca composta pelos seguintes membros:

Pra. Dra. Christina Ferraz Musse (UFJF) - Orientadora

Prof. Ms. Cristiano José Rodrigues (UFJF) – Convidado

Profa. Dra. Márcia Cristina Vieira Falabella (UFJF) – Convidada

Conceito Obtido _____

Juiz de Fora
Novembro de 2008

AGRADECIMENTOS

A Deus, por me guiar em todas as difíceis escolhas e capacitar-me a enfrentar os obstáculos com coragem e perseverança.

Aos meus pais, pelo amor incondicional e apoio irrestrito durante toda a minha trajetória escolar.

Aos irmãos, que, apesar da distância, sempre me guardam em pensamento, vibrando comigo a cada conquista.

Aos amigos, pelo carinho e por torcerem pelo meu sucesso.

Aos colegas da Facom, pelas memoráveis horas de descontração e, também, de esforço conjunto durante esses quatro anos de faculdade.

À tia Lourdes, tia Sandra e tia Célia, por depositarem total confiança em mim, incentivando-me a vislumbrar um futuro promissor.

Aos queridos professores, desde o pré-escolar à graduação, fonte de sabedoria, alicerce de minha formação acadêmica e cidadã e, para sempre, referência de ética e profissionalismo.

Uma gratidão especial à professora Christina Musse, que me acompanhou durante todo este trabalho, despertando minha capacidade crítica e ancorando-me em todas as dificuldades encontradas. Mais que mestre, uma grande amiga.

E aos professores Cristiano Rodrigues e Márcia Falabella por se prontificarem a avaliar esta pesquisa e por depositarem confiança em meu trabalho.

RESUMO

O presente estudo trata da análise do programa *Profissão Repórter*, exibido pela Rede Globo de televisão. A proposta inicial parte da avaliação dos mecanismos narrativos e as estratégias da série, tendo como foco o perfil do repórter. Observa-se que o programa trabalha com o jornalismo de profundidade, ancorado por experiências do jornalismo investigativo e do *New Journalism*. Em outra linha, tem-se a humanização do personagem do repórter, através do desnudamento dos bastidores da apuração, sem, no entanto, desmistificar a aura que envolve os profissionais televisivos. Tal prática é criticada sob a ótica da espetacularização, a partir da obra de Guy Debord, e também tendo como base a *Jornada do Herói*, teorizada pelo roteirista Christopher Vogler e a pesquisadora Mônica Martinez. O jornalista assume, no programa, um comportamento heróico e passa a se firmar como um dos protagonistas da reportagem.

Palavras-chave: Televisão. Jornalismo. Repórter.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	07
2 O ESPETÁCULO TELEVISIVO.....	12
2.1 O IMPACTO DO AUDIOVISUAL.....	13
2.2 A REPRESENTAÇÃO ESPETACULAR.....	14
3 JORNALISMO DE PROFUNDIDADE.....	20
3.1 JORNALISMO LITERÁRIO.....	20
3.2 JORNALISMO INVESTIGATIVO.....	21
3.2.1 O trabalho de apuração.....	22
3.2.2 Jornalismo investigativo na TV: primeiras experiências.....	23
3.2.3 Caco Barcellos e o jornalismo investigativo.....	25
3.3 O REPÓRTER COMO HERÓI.....	29
4 PROFISSÃO REPÓRTER.....	43

4.1 PRIMEIRAS EXPERIÊNCIAS.....	43
4.2 JORNALISMO OU DRAMATIZAÇÃO?	52
4.3 O PROGRAMA.....	57
5 A “JORNADA” DO REPÓRTER.....	69
5.1 O CHAMADO À AVENTURA.....	71
5.2 AS PROVAÇÕES.....	74
5.3 DESAFIOS E LIÇÕES.....	75
5.4 O RECONHECIMENTO.....	79
6 CONCLUSÃO.....	82
7 REFERÊNCIAS.....	86
8 APÊNDICE.....	90
9 ANEXOS.....	108

1 INTRODUÇÃO

Ao longo de mais de quarenta anos, o jornalismo vem se especializando e experimentando novas formas de difusão da informação. Com o surgimento da televisão, especialmente, as práticas discursivas assumiram vários formatos e muito do que antes era desconsiderado, passou a ser utilizado como uma rica fonte de informação. Isto porque o meio audiovisual permite uma pluralidade muito grande de sentidos. Cada tomada de ângulo pela câmera tem muito a dizer, e, somando-se a isto, existe o discurso verbal, utilizado, na maior parte das vezes, para direcionar o significado da imagem.

Dentro dessa linha de experimentalismo na produção e divulgação de conteúdo informativo, foi criado o quadro *Profissão Repórter*, que fez parte, durante quase dois anos, do programa *Fantástico*, exibido aos domingos pela Rede Globo. Prova do

sucesso do novo formato adotado pela série foi que, em junho de 2008 ele se tornou uma atração independente, com dia e horários específicos para a exibição na emissora.

O que se tem é uma supervalorização da informação em todas as suas formas sígnicas. Tudo o que faz parte da apuração é aproveitado pelo quadro: os bastidores da reportagem agora são revelados e assumem uma importância muito grande na edição final apresentada aos telespectadores. A cobertura de um fato é realizada de maneira multiangular, ou seja, vários repórteres se dividem para acompanhar todos os lados que a questão em foco possui. Além disto - e talvez o que mais chama a atenção na série - trata-se de um trabalho desenvolvido por jornalistas recém-formados, por isto, tudo é desafio. A ação da reportagem une-se à emoção da descoberta do novo, conferindo ao *Profissão Repórter* um caráter único dentro da televisão brasileira.

Devido a este pioneirismo da atração, sentimos a necessidade de estudá-lo analítica e criticamente. Experiências bem sucedidas tendem a servir de base para trabalhos futuros e, se hoje, o jornalismo já começa a se destacar de seu antigo mito da objetividade, o *Profissão Repórter* certamente pode ser apontado como uma tendência desta faceta humanista que o correspondente da informação tem assumido.

Para embasar esta pesquisa, utilizamos como fundamento teórico principal as obras *A jornada do escritor - estrutura mítica para contadores de histórias e roteiristas*, do pesquisador americano Christopher Vogler e *Jornada do Herói - a estrutura narrativa na construção de histórias de vida em jornalismo*, da jornalista Mônica Martinez. O que queremos, com isto, é entender a postura do repórter dentro da série. Não é por menos que o próprio nome do programa já traz esse foco na figura do jornalista e de seu ofício e, quando se parte para uma análise mais aprofundada do

material que é apresentado aos telespectadores, nota-se que esta centralização no comunicador também é latente.

Como toda experiência tem suas causas e motivações, abordamos, no primeiro capítulo desta pesquisa, três vertentes do jornalismo que podem ser detectadas no trabalho desempenhado pela equipe do *Profissão Repórter*: a espetacularização da notícia, o jornalismo literário e o jornalismo investigativo. Ainda neste capítulo, fazemos uma ponte entre as influências destas modalidades jornalísticas na carreira de Caco Barcellos. Com isto, torna-se possível entender as razões que levaram à criação do programa e quais os seus principais objetivos.

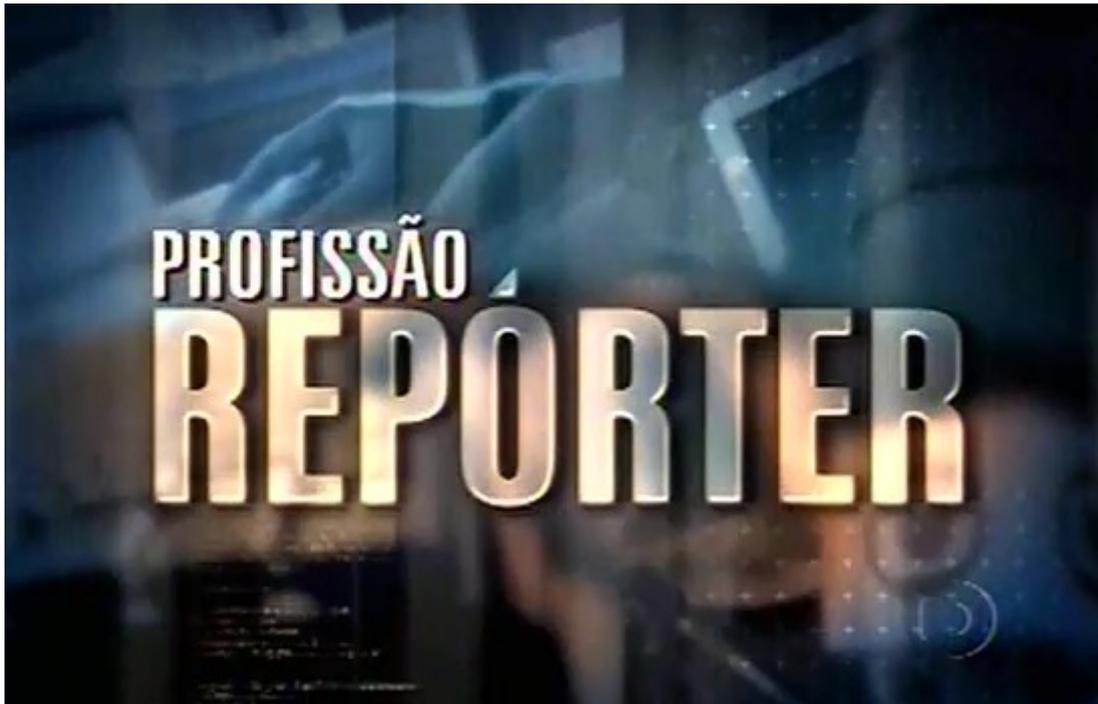
No segundo capítulo, trabalhamos especificamente com a atuação do jornalista. Nossa hipótese é a de que o trabalho de apuração dos repórteres se assemelha à jornada de um herói e, por isso, eles acabam sendo concebidos como "mártires da informação". A profissão ganha uma nova dimensão e significado perante o público - e talvez esteja aí um dos objetivos da série, além de sua inicial proposta de levar a informação de uma maneira diferente.

Já no terceiro capítulo desta monografia, nosso foco é o próprio programa, suas peculiaridades e características. Nele analisamos, de maneira detalhada, cada aspecto explorado pelo *Profissão Repórter*, observando seu formato e conteúdo. A movimentação do repórter na cena, suas aparições diante da tela e seus comentários em *off*, as escolhas de ângulos pelo cinegrafista, sua postura e liberdade de que dispõe na matéria, as escolhas temáticas e a edição do conteúdo final. Tudo isto é observado de maneira minuciosa em nossa pesquisa. Tentamos também fazer um histórico da série, levantando as principais influências de outras atrações da mesma emissora. Como a Rede Globo foi pioneira nas experiências dentro da trajetória mais atual da televisão

brasileira, e hoje, é uma das maiores referências quando se fala em telejornalismo, optamos por somente resgatar os programas criados e exibidos por esta rede de TV. A escolha se deve ainda ao próprio fato de que o objeto de nosso estudo também faz parte do mesmo canal.

Já na quarta e última seção deste trabalho, selecionamos uma das edições do *Profissão Repórter* para a aplicação de todas as teorias versadas ao longo desta monografia. Assim, nos aproximamos do objetivo principal de verificação das hipóteses levantadas e fechamos a pesquisa com o que de mais importante queremos revelar: a forma inovadora de se fazer o programa.

Durante todo o tempo dedicado a este estudo, tentamos um contato com os participantes do quadro. Conversamos por telefone com a repórter Júlia Bandeira e o editor Eduardo Acquarone, que demonstraram bastante interesse pela nossa escolha temática. Um encontro pessoal chegou a ser marcado, no entanto, devido a determinações por parte da emissora - que proíbe seus funcionários de manterem qualquer tipo de proximidade com estudantes de graduação (permitindo-a apenas para mestrandos e doutorandos), tivemos que abrir mão desta oportunidade e buscar outras vias para enriquecer nosso trabalho. Como conseguimos muitas entrevistas concedidas por Caco Barcellos a *sites* e programas de TV e nos detivemos em uma análise aprofundada de uma edição - que foi de extrema valia para a finalização da pesquisa-, acreditamos que nosso trabalho não foi comprometido pelo imprevisto que nos acometeu. Apesar de lamentarmos muito pela situação, não perdemos o entusiasmo em, descobrir, pelo nosso próprio esforço, todas as motivações que possivelmente orientam a equipe na produção das reportagens apresentadas.



Na mídia contemporânea, a imagem fabricada não se limita a 'embelezar' a dura realidade da vida, mas a substitui pela relação entre homem e vida encenada pela mídia.

José Arbex Júnior (2001, p. 268).

2 O ESPETÁCULO TELEVISIVO

Desde as eras primitivas, uma das principais necessidades manifestadas pelo homem foi a de interagir, e, principalmente, elaborar representações de si mesmo e da realidade que o cercava. Ao longo dos anos, as formas de manifestação comunicativa foram se aprimorando, passando de pinturas rupestres, danças e rituais de espetáculo, até chegar a uma comunicação oral efetiva e o posterior aperfeiçoamento da escrita e sua difusão através de livros e jornais.

No final do século XIX, começa a ser explorada uma nova ferramenta que iria mudar toda a estrutura sociocultural nas décadas seguintes: a câmera de gravação em película. A partir daquele momento, o homem descobria mais uma forma de elevar e satisfazer a sua vaidade. Ele poderia ver-se representado não através de figuras congeladas, registradas até então pela câmera fotográfica. Agora seria possível captar e projetar imagens em movimento, que reforçariam ainda mais o realismo da representação. O ser humano torna-se capaz de reproduzir a realidade para compreender o mundo à sua volta.

O cinema foi um dos primeiros grandes passos para a futura consolidação do que podemos chamar de “sociedade da representação”. Com a nova máquina de registro e exibição de imagens era possível enrolar “o mundo real num carretel para desenrolá-lo como um tapete mágico da fantasia”. (MCLUHAN, 2003, p 219). A realidade torna-se apreensível. Surge, então, a possibilidade de armazenar e transmitir um grande volume de informação em uma única “tomada” feita pela câmera. Esse mundo palpável adquire simbolismo ainda maior, seja através de uma imagem de detalhe, de um movimento inusitado da câmera ou mesmo da ação encenada.

Os anos se passaram e, com eles, caminhou a evolução dos meios e técnicas de comunicação e representação social. Em meados da década de 1940, quando o cinema

já havia passado por diversos experimentalismos, surge um novo aparelho que vem unir toda a sensorialidade auditiva ao impacto do visual. A televisão aparece tímida, pouco convincente ao olhar daquela sociedade do rádio, aparelho extremamente admirado porque conseguia envolver o público em profundidade ao despertar a sua imaginação. “O som do rádio era preenchido por todos os sentidos e não apenas com a visão da ação” (MCLUHAN, 2003, p.340). Por isso, poucos depositavam a fé em que o meio audiovisual, tão complexo e ainda inacessível à maioria das pessoas, se tornaria, posteriormente, o grande ícone da sociedade de massa.

2.1 O IMPACTO DO AUDIOVISUAL

A televisão se revelou o veículo que possuía as características ideais para uma representação mais atrativa (e, talvez, convincente) da realidade. Além de ver as imagens em movimento, era possível ouvir o som real da ação enquadrada, com isso, o envolvimento do público tornava-se inevitável. Para apreender as informações transmitidas pela TV, o telespectador precisava “estar” com ela. Este envolvimento faz uma brincadeira com os sentidos: você vê, ouve, sente. Cria-se uma “participação convulsiva e sensorial que é profundamente cinética e tátil”. (MCLUHAN, 2003, p. 352). É como se as pessoas pudessem entrar na tela e vivenciar, de perto, toda a realidade retratada. Conforme McLuhan define, a televisão é um meio frio, participante. “O telespectador tende a completar ou ‘concluir’ a imagem televisionada”. (MCLUHAN, 2003, p.356). A cena projetada funciona, então, como uma espécie de mosaico, que só passa a fazer sentido para o receptor quando ele se propõe a reordenar as peças.

Quando testemunhamos um fato, temos a impressão de que estamos absorvendo dele toda a verdade em sua essência. Ao representar a nossa presença física por uma câmera que é capaz de captar tudo o que o olho humano pode visualizar - e, também, aquilo que o órgão humano não é capaz de detectar -, a televisão consegue proporcionar uma sensação de “realidade empírica” (ARBEX, 2001, p.34), da representação real daquilo que é externo ao telespectador. Todavia, isto só acontece porque o público assim também concebe a TV. Ele deposita nela toda a confiança no papel de representar a si mesmo e ao seu mundo.

Mas a televisão ainda faz mais. Ela consegue se apropriar desse poder de representação de uma maneira singular: aproveita de sua matéria-prima, a realidade, e introduz outros ingredientes, como a aventura, a ousadia, a grandiosidade e a felicidade, tudo para provocar um impacto ainda maior no telespectador. Desta maneira, a produção televisiva, que parte do propósito de “cópia do real”, passa a se descontextualizar, apresentando uma espécie de “realidade paralela”, porém que ainda consegue guardar em si a noção de veracidade e transparência.

O francês Guy Debord classifica todo esse impulso por elaborar modelos representativos do mundo, de criar um culto à aparência em detrimento ao ser, como uma atividade espetacular. O espetáculo poderia ser concebido como a inversão da vida concreta ou uma espécie de “irrealismo” da sociedade real.

2.2 A REPRESENTAÇÃO ESPETACULAR

Em sua definição original, a palavra espetáculo vem do latim *spetaculu*, que remete a tudo aquilo “que chama a atenção, que prende o olhar; é representação teatral,

ou semelhante; função”. (FERREIRA, 2001, p.288).

Ora, que meio de comunicação da sociedade moderna pode desempenhar tão bem este papel? Presente na maioria dos lares, a televisão se coloca como uma janela aberta para a realidade externa, o lugar em que o homem vai se ver e se reconhecer. Este mundo só se torna visível graças ao poder de encerrar em uma tela a representação atualizada daquilo que se passa fora do ambiente privado em que o telespectador se encontra. E, às vezes, a TV chega também a invadir esse universo privativo, tornando público muitos casos e situações que remetem à vida particular de alguém.

Aí entra um dos principais agentes que desempenha esse papel de intermediário entre essas realidades “inacessíveis” e o público televisivo: o jornalista. É o repórter quem tem contato direto com o fato que vai ser, posteriormente, apresentado ao telespectador. Sua função passa a ser como a de um “filtro”, recolhendo as informações, selecionando o que é de maior interesse ao seu destinatário e, por fim, elaborando uma cobertura que dê conta de traduzir o assunto que se quer comunicar.

Porém, com o advento da “sociedade do espetáculo” - a sociedade do consumo -, o jornalismo vem se adequar a essa nova postura, de modo a atender a vontade de seu público, que quer vislumbrar uma realidade mais dinâmica e emotiva, mas que, nem por isso, fuja do ideal de uma representação fidedigna do seu objeto.

E neste espetáculo televisivo não basta apenas contextualizar um fato ao receptor do pacote de informações. É necessário também trazer o novo, o interessante, aquilo que realmente vai atrair a atenção do público. Assim,

O jornalista se apresenta como aquele que sabe das coisas e abre a porta para o público. E infelizmente, mais e mais o segredo é uma coisa escandalosa ou devassa. Isso, por sua vez, cria um público que gosta de se achar por dentro das coisas. (KOVARCK; ROSENSTIEL, 2003, p.230).

A própria noção do espetáculo, como algo que atrai o olhar, pressupõe uma

seleção e o posterior “lapidar” da mensagem comunicada. Em jornalismo, nota-se a tendência em trabalhar com a união entre informação e entretenimento. Mais que trazer um conhecimento novo ao público, a notícia deve envolvê-lo, convidando-o a mergulhar no universo do assunto focado e, desta forma, como em qualquer espetáculo, formar um público participativo.

No entanto, não podemos classificar todas as coberturas jornalísticas veiculadas pela TV como espetaculares. O próprio Guy Debord, um dos pioneiros a tratar a idéia do espetáculo midiático, estabelece que esse movimento seria a propensão a fazer ver um universo “não-palpável”. Ou seja, trabalha-se, aqui, com a idéia de uma “ultra-realidade”, algo que pode ser extraído do mundo concreto, mas que é reapresentado para o público de uma maneira sensacional, impactante.

O espetáculo, como tendência a *fazer ver* (por diferentes mediações espetacularizadas) o mundo que já não se pode tocar diretamente, serve-se da visão como um sentido privilegiado da pessoa humana – que em outras épocas fora o tato; o sentido mais abstrato, e mais sujeito à mistificação, corresponde à abstração generalizada da sociedade atual. (DEBORD, 1997, p.18).

Os elementos que meio audiovisual oferece passam a ser aproveitados como instrumentos para a elaboração desse “modelo” substitutivo da realidade. A informação veiculada pela TV ganha maior dinamismo e profundidade com o surgimento de programas que vão elaborar uma cobertura aprofundada de determinado fato. Tudo isso só é possível graças à força da imagem, que por si só, já carrega um simbolismo múltiplo e da qual é possível captar as várias implicações do fato narrado. Ao conseguir registrar todos os detalhes de uma ação, a câmera ultrapassa a capacidade humana de intermediação do acontecimento. E, com a ajuda deste poderoso aparelho, o jornalista é capaz de elaborar uma representação atrativa do mundo para apresentá-la ao seu público.

A imagem em movimento, o som e a narração verbal são trabalhados pelo correspondente da informação de maneira a envolver o receptor em profundidade, fazê-lo acreditar que a verdade está ali, diante dos seus olhos. Essa crença na representação fidedigna do real só é possível pela força que a projeção das cenas exerce na mente do público. “O estímulo visual é a mobilização das energias”. (ARBEX, 2001, p.66). A imagem consegue por si própria, comunicar instantaneamente o complexo de emoções e significados a ela agregados. Desta maneira, o impacto que ela exerce no telespectador já se configura como um dos elementos fundamentais para a elaboração do espetáculo, daí o papel fundamental da televisão em consolidar a prática de espetacularização da notícia.

Vale ressaltar que o espetáculo também é a maneira como o público absorve essa versão da realidade. Para tanto, toma como enfoque temas de grande apelo emocional, seja pela curiosidade que desperta (em coberturas investigativas ou de assuntos inusitados) ou pela própria carga dramática da qual se revestem (em casos de reportagens que tematizam o sofrimento alheio). O que vale é aproveitar do assunto para elaborar uma representação atrativa, de maneira a completar um ciclo de percepção no telespectador: primeiro, deve chamar a sua atenção, depois incitar as emoções para, finalmente, provocar um alívio catártico. O fato passa, assim, a ganhar um sentido maior para o público porque este foi levado a interagir com a ação.

Disto decorre a observação de que o processo de “espetacularização da notícia” não é de todo prejudicial ao trabalho jornalístico e ao próprio receptor das informações. Se a cobertura consegue, além de cumprir o seu papel de informar, tocar o receptor para que ele se mobilize a efetuar uma mudança, o jornalismo está desenvolvendo o seu papel social, funcionando como um instrumento intermediário entre o mundo externo e

o público, sem, todavia, interferir nessa mediação. O seu perigo está na forma como essa versão é elaborada, apresentada e recebida pelas pessoas. Muitas vezes, para se tornar mais atrativa, a cobertura jornalística é permeada por elementos da ficção, construindo um simulacro do mundo que é aceito pelo público como o próprio reflexo do real. Isto porque esta “construção artificial” consegue se afastar da ilusão quando toma a realidade como referência. Seria, assim, uma realidade complementada por adereços da ficção: o apelo ao fantástico, à aventura e à emoção. É aí que reside todo o risco deste papel de mediador assumido pelo jornalista: quando ele concebe como a melhor notícia não aquela que oferece um acréscimo de informação sobre o estado atual do mundo, mas sim a que é capaz de produzir um efeito dramático no destinatário, apresentando-se como um produto que deve ser consumido, e mais ainda, que deve entorpecer o telespectador para que ele se torne dependente desta representação.



PROFISSÃO
REPORTER

O repórter deve estar onde o leitor, ouvinte ou espectador não pode estar. Tem uma delegação ou representação tácita que o autoriza a ser os ouvidos e os olhos do público, selecionar e lhe transmitir o que possa ser interessante.

Nilson Lage (2004, p. 23).

3 JORNALISMO DE PROFUNDIDADE

A década de 1960 representou um outro marco no jornalismo que iria influenciar bastante a produção nos anos seguintes. Surgem novas experiências de produção e difusão da informação. Diversificam-se as formas de se relatar determinado acontecimento e, paralelamente, a participação do jornalista na matéria torna-se mais efetiva, na maior parte dos casos. Com isso, a própria figura do repórter passa a ganhar uma nova dimensão perante o seu público.

3.1 JORNALISMO LITERÁRIO

No início dos anos 60, a classe jornalística dos Estados Unidos se dividiu em dois grupos: de um lado ficaram os profissionais que cobriam os assuntos do dia-a-dia, produzindo as notícias factuais, de interesse imediato. De outro, os repórteres que se dedicavam a uma cobertura ampla, produzindo as chamadas “matérias de interesse humano”. Como os veículos de informação não permitiam a publicação da totalidade de informações colhidas, esses jornalistas especializados em coberturas aprofundadas utilizaram-se de um novo meio para divulgar o seu relato: os livros-reportagem.

O movimento, que ficou conhecido como *New Journalism*, inaugurava uma corrente que tinha como premissa principal a busca do aprofundamento das informações que se escondiam por detrás de uma apuração superficial. Todos esses dados eram reunidos em um livro e, para dar o teor narrativo ao relato do acontecimento, os repórteres se apropriavam de técnicas da literatura de ficção, sem, no entanto, criar fatos que interferissem na composição da verdade. Por isso, esse trabalho ficou conhecido como jornalismo literário, ou “narrativa de não-ficção criativa”.

O *New Journalism* permitia aos correspondentes da informação (também autores) abusar da criatividade para construir perfis ou reordenar os fatos, porém, tinha como única exigência a manutenção da fidelidade com o real. Para elaborar essa verdade ampla utilizava-se do jornalismo baseado no relato das observações de quem acompanha o fato de perto. Assim, o repórter conquista uma nova liberdade: se, até então, nenhum meio informativo permitia que ele pontuasse suas impressões sobre o objeto de apuração, com o surgimento do jornalismo literário, ele ganha esse espaço. E mais: não somente os comentários sobre o acompanhamento da ação são permitidos, como também fazem parte dos elementos fundamentais para a construção do livro-reportagem.

A elaboração da narrativa jornalística passa tanto pelo processo de “horizontalização”¹, que toma como foco a abordagem quantitativa – atenção aos detalhes do assunto – quanto pela “verticalização”², que se prende ao qualitativo, ou seja, ao aprofundamento das informações colhidas. Desta maneira, tem-se um relato ampliado e multiangular de um determinado tema. A função de informar permanece como meta principal, “de modo que ofereça ao leitor um quadro da contemporaneidade

¹ LIMA, 2004, p.26

² LIMA, 2004, p. 26

capaz de situá-lo diante de suas múltiplas realidades, de lhe mostrar o sentido, o significado do mundo contemporâneo”. (LIMA, 2004, p.39).

3.2 JORNALISMO INVESTIGATIVO

Dentro dessa mesma linha de apresentação de uma cobertura ampliada, tem-se uma modalidade de jornalismo que ganhou muita força principalmente com a efervescência dessas novas formas de produção da notícia. O jornalismo investigativo aparece dentro da prática interpretativa, em que um assunto de grande interesse social torna-se objeto de uma cobertura detalhada e cuidadosa do jornalista. O objetivo principal está em revelar fatos encobertos e desvendar a verdade que muitas vezes se esconde no jornalismo declaratório, baseado apenas em versões e não na pesquisa e investigação dos vários ângulos que compõem determinado acontecimento.

3.2.1 O trabalho de apuração

Quando se trata do desvendamento de algum mistério ou da revelação de um segredo, o interesse torna-se ainda maior. Poderíamos até mesmo associar o jornalismo investigativo com o trabalho desempenhado por um detetive, papel que, aqui, é assumido pelo repórter. O cliente seria o público que, de sua casa, espera que o seu “contratado” exerça, com seriedade e eficácia, a função de acompanhar o desenrolar do fato para que a verdade venha à tona.

O mediador deve, então, procurar as pistas que levem à elucidação dos fatos em sua integralidade. O próprio gênero interpretativo traz esse conceito do jornalista como

o investigador das questões relacionadas ao tema da reportagem. Reunir todas as peças do quebra-cabeça – que é o fato em si –, para a conclusão da matéria, é mais um desafio da apuração jornalística.

Cada testemunho, cada documento que se recolhe é uma mescla de dados e pontos de vista, uma trama de fatos e opiniões. Separar uns dos outros até formar uma imagem nítida de ambos exige esforço, requer experiência, supõe frieza. [...] O jornalista pode e deve apresentar todos aqueles dados, mas não pode nem deve desqualificar uma ou outra opinião, porque esta tarefa corresponde ao leitor. (BELTRÃO, 1980. p.82).

Cabe ao repórter investigativo, assim como a um detetive, apresentar as evidências e provas para que o receptor das informações tire a sua própria conclusão a respeito do fato. Daí a importância em apurar todos os ângulos de um acontecimento, recolher as mais variadas versões e comprovar com documentos ou gravações. Tudo isso para encontrar a “terceira dimensão” da ocorrência, aquilo que o jornalismo informativo acaba negligenciando talvez por falta de tempo e espaço, ou mesmo desinteresse em prolongar a discussão sobre determinado assunto.

Assim, mais que um exercício de coleta e investigação de dados, o jornalismo interpretativo deve ancorar-se em um trabalho que promova a reflexão no público que assiste a reportagem. Não basta apenas desvendar os fatos sem se preocupar em dar-lhes um sentido; é necessário também evidenciar as razões que levaram o jornalista a dedicar-se na apuração das informações que estavam implícitas. Todo o trabalho de investigação jornalística precisa ter como finalidade a promoção de um bem social. “Seu foco é apurar e divulgar informações sobre atos desviantes que afetem o interesse público e que sejam prejudiciais à sociedade”. (AGUIAR, 2006, p.3). O benefício da coletividade deve, assim, justificar algumas técnicas utilizadas pelo repórter, que, muitas vezes, passa por cima do direito à privacidade em nome do direito à informação.

Vale lembrar também que o processo de elucidação desses fatos não pode ser baseado apenas em uma denúncia. Esta pode até servir de ponto de partida para a investigação, porém o papel do jornalista investigativo é muito maior:

É indispensável uma pesquisa por parte do repórter, que vai buscar a informação de fontes primárias e não se contenta com as fontes secundárias [...]. Para a realização da reportagem investigativa, torna-se imprescindível o acesso às informações públicas. (AGUIAR, 2006, p.3).

3.2.2 Jornalismo investigativo na TV: primeiras experiências

Um dos pioneiros na realização deste trabalho de investigação jornalística foi o *Sixty Minutes*, programa que começou a ser exibido pela emissora norte-americana CBS, em 1968. No modelo adotado pela atração, o repórter é o investigador e o condutor da matéria. A série desperta a atenção do telespectador exatamente por ter como objetivos tornar pública uma versão da verdade que está escondida, efetuar denúncias de irregularidades, e/ ou desmentir informações tidas como “oficiais”. A solução dos casos ganha uma dimensão espetacular exatamente por apresentar uma “realidade paralela”, aquilo que rompe com os padrões e se apresenta como interessante. Seria uma versão mais completa da realidade, onde a investigação leva ao conhecimento de quase todas as implicações do fato. E é exatamente por esse tipo de cobertura jornalística que o público demonstra maior interesse.

O imperativo do público concentra-se então na vontade de conhecer a gênese da notícia e, igualmente, o prognóstico sobre seus efeitos... A realidade não estará apresentada plenamente se não se conjuga o pretérito com o porvir... (BELTRÃO, 1980, p.51).

Não é por acaso que programas da televisão como o *Sixty Minutes* e, no caso brasileiro, o *Fantástico*, da Rede Globo³ são recordistas de sucesso na TV,

³ Vale lembrar que, depois do *Fantástico*, várias emissoras apostaram em programas que trabalhavam a reportagem investigativa, como a Record, que colocou no ar, em 2004, o programa *Domingo*

permanecendo no ar por mais de trinta anos. São atrações que sobrevivem até hoje, desde o ano de sua criação – 1968, no caso do *Sixty Minutes*, e 1973, no caso do *Fantástico* – e que ainda conseguem manter, com a ressalva para algumas mudanças que acompanharam a evolução tecnológica e cultural, as suas antigas características.

Em *Sixty Minutes*, a reportagem investigativa é o elemento central da série. A cada semana, os jornalistas escolhem um assunto de impacto (investigação policial, denúncia de irregularidades ou um acontecimento recente que ganhou destaque na mídia) para uma apuração detalhada. O mais interessante é que, ainda hoje, o quadro mantém a mesma equipe que foi pioneira na investigação televisiva. Para o jornalista Antônio Brasil, o programa

[...] investe em um jornalismo sério, acredita na inteligência do público e não dispensa os jornalistas experientes [...]. A equipe do programa é formada por renomados e experientes profissionais quase todos na faixa dos 60 para produzir 60 minutos do melhor jornalismo. (BRASIL, 2004).

Já a experiência brasileira, no *Fantástico*, apresenta-se em um formato diferente. No programa, são apresentados diversos gêneros de reportagem, entre os quais o investigativo ganha destaque. Quase sempre, a atração escolhe algum acontecimento da semana que causou polêmica ou *frisson* entre o público para dedicar-se a uma investigação pormenorizada das razões que levaram o fato a eclodir e quais as suas prováveis conseqüências. Ao contrário do *Sixty Minutes*, o programa aposta na renovação, modificando, ao longo dos anos, seus apresentadores e a equipe de repórteres. Porém, alguns nomes que se destacaram no dominical, como Cid Moreira, Pedro Bial e Glória Maria, permaneceram até este ano. Mesmo assim, é fácil constatar que a intenção do *Fantástico* é buscar uma evolução constante, seja através da rotatividade de jornalistas, da inserção de quadros novos – abordando assuntos *Espetacular*.

diferentes – e, até mesmo, do aprimoramento do cenário onde os apresentadores se deslocam. Mesmo assim, pode-se dizer (ao verificar os altos índices de audiência que o programa mantém) que as mudanças operadas satisfizeram o público.

3.2.3 Caco Barcellos e o jornalismo investigativo

Quando se fala em jornalismo investigativo na televisão brasileira, um dos nomes mais citados e, talvez, realmente o que tenha alcançado maior destaque no cenário nacional, é o de Caco Barcellos. Jornalista veterano, o gaúcho Cláudio Barcelos de Barcelos, começou a trabalhar para a imprensa cedo, quando ainda nem era graduado em Comunicação Social e tampouco se imaginava trilhando este caminho.

Caco cursava a faculdade de Matemática, com o propósito de se formar em Engenharia, e trabalhava como motorista de táxi para custear os estudos. Já na graduação, ele foi eleito para dirigir um jornal do Centro Acadêmico. Aquele foi o primeiro passo para uma carreira marcada de desafios, aventuras e uma paixão escancarada pelo trabalho que desempenha.

Depois de conhecer o jornal “*underground*” produzido por Caco e uma equipe de estudantes *hippies*, um jornalista de Porto Alegre os convidou para trabalhar em sua empresa. No mesmo dia em que se apresentou, Caco já estava desempenhando a sua primeira atividade como um estagiário da reportagem. E foi ali que o futuro jornalista começou a se envolver e a se interessar pelo campo da interpretação jornalística.

Meu começo foi durante o período mais duro do regime militar. A dificuldade do acesso às informações na área oficial certamente me obrigava ao exercício da investigação, uma das únicas formas que tínhamos para superar os obstáculos. (BARCELLOS, 1994, p.17).

Ainda no primeiro estágio, Caco aprendeu com o seu chefe de reportagem, Carlos Alberto Kolecza, a prática de apuração em situações perigosas ou adversas. Em um de seus trabalhos investigativos, o jovem estudante teve que bater em todas as portas dos apartamentos de um prédio a fim de obter as informações que precisava para elaborar a reportagem. Sem conseguir um único depoimento, Caco voltou à redação “com a sensação de derrota”. (BARCELLOS, 1994, p.18). A atitude do chefe surpreendeu o novo estagiário. Depois de relatar as dificuldades para conseguir alguma informação, Caco recebe a recomendação do jornalista: “Escreve, ponha tudo o que você me contou no papel... Agora sim você tem uma bela reportagem para contar”. (BARCELLOS, 1994, p.18). Estava ali outro ensinamento que acompanharia toda a trajetória do repórter. Além de entender que a “persistência e a batalha são alguns dos segredos do sucesso no jornalismo investigativo” (BARCELLOS, 1994, p.18), Caco descobria que é possível retirar uma informação valiosa de qualquer situação: seja em entrevistas importantes, furos de reportagem, ou até mesmo, nos bastidores da investigação.

Depois de passar um período como estagiário de uma empresa de comunicação, Caco resolveu abandonar o curso de exatas e fazer Jornalismo. Nos primeiros anos de profissão, ele trabalhou com impresso, em jornais da imprensa alternativa na década de 70, e nas grandes revistas do Rio e São Paulo: *Isto É*, *Veja* e *Repórter Três*. O jornalista só foi ingressar na TV mais tarde, quando já tinha dez anos de carreira. Até então ele mesmo assume que tinha um certo preconceito com o telejornalismo praticado no Brasil. “Achava oficioso demais. Desprezava a reportagem, evitava a investigação, nunca perseguia a informação exclusiva, o furo jornalístico”. (BARCELLOS, 1994, p. 21). E era exatamente esse trabalho investigativo – que, para Caco ainda não existia na

televisão brasileira - o maior anseio do jovem repórter, como uma forma de aplicar as experiências que tinha conquistado no tempo em que conviveu com os jornalistas da imprensa de Porto Alegre.

O que provocou o fascínio de Caco pela TV foi exatamente o contato com o telejornalismo norte-americano, nos anos em que ele viveu nos Estados Unidos. “Talvez em consequência da acirrada disputa pela audiência, se praticava a investigação isenta em toda a sua plenitude”. (BARCELLOS, 1994, p.21). O exemplo americano na produção do jornalismo investigativo em TV e na realização de documentários sobre assuntos polêmicos e temas da atualidade, foi o impulso que levou Caco Barcellos a se tornar repórter de televisão e a aproveitar desse meio para desenvolver um trabalho de investigação criterioso, fugindo da tendência superficial que era comum entre a maioria das coberturas jornalísticas audiovisuais até então praticadas no Brasil. Para o jornalista, o prazer da apuração está exatamente em se desdobrar para conseguir a melhor contextualização possível do fato para o seu público.

Eu gosto de contar a notícia em todos os seus detalhes, explicá-la um pouco mais, e isso, ao vivo, às vezes é impossível. Prefiro um envolvimento maior com as histórias. Não gosto simplesmente de narrar a cena que todos já estão vendo acontecer. Preciso desenvolver melhor a técnica. É a tendência natural do telejornalismo futuro. (BARCELLOS, 1994, p.22).

O jornalista estréia na televisão com o programa *São Paulo na TV*, da Abril Vídeo. Anos depois, migrou para a Rede Globo, onde se tornou, mais tarde, repórter do núcleo de reportagens especiais da emissora. Caco trabalhou também como correspondente internacional, fez parte da equipe do *Globo Repórter* e do *Fantástico*, quando reafirmou sua característica em desenvolver apurações aprofundadas e, especialmente, com algum viés investigativo. Em 2006, o jornalista criou uma série dentro do *Fantástico*, o *Profissão Repórter*, objeto de estudo desta monografia.

Basta analisar as características do quadro para constatar que, na verdade, o jornalista quer refletir na atração um pouco do que aprendeu durante a época em que era estagiário e também nos anos em que trabalhou como repórter investigativo de televisão. Com a proposta de reunir jovens jornalistas e propor-lhes algum desafio a realizar, o programa traz, ali, um espelho da vivência de Caco. O jornalista veterano, que agora se coloca como uma espécie de tutor dos iniciantes, também já passou por várias dificuldades para conseguir uma informação. Ele já se caracterizou como uma de suas fontes para recolher depoimentos importantes na investigação, já pensou em abandonar uma cobertura pelos problemas enfrentados para entrevistar alguma fonte imprescindível, enfim, tudo o que os jovens passam no programa em muito se aproximam das experiências de Caco que, hoje, ele admite, foram importantes para a sua formação enquanto um conceituado jornalista investigativo. Em um artigo no qual o jornalista narra toda a sua trajetória e os aprendizados que conquistou em cada emprego, Caco reconhece a importância do contato que manteve com profissionais quando ainda era um estagiário.

Essa experiência me marcou muito, aprendi com o Kolecza a criar o hábito de perseguir um objetivo. [...] Acho que não existem regras para vencer os desafios. Eles se renovam a cada reportagem que você se propõe a realizar. (BARCELLOS, 1994, p.18).

Quanto à idealização do quadro, o jornalista deixa clara essa influência de sua trajetória profissional em uma entrevista concebida para o site *Folha Online*.

A idéia do programa é antiga, do tempo em que eu fazia reportagens de denúncia, matérias investigativas. Buscamos um formato mais equilibrado, que tratasse nem sempre de denúncia, mas que abordasse um assunto com maior profundidade. (BARCELLOS, 25 ago. 2008 apud PEREIRA, 2008).

Caco Barcellos também se destacou como autor dos premiados livros-reportagem: *A revolução das crianças* (sobre a revolução sandinista na Nicarágua), *Rota 66 – a história da polícia que mata* (sobre a violência da polícia militar de São

Paulo), e *Abusado* (sobre a vida de um bandido na favela do Rio de Janeiro). Em todas as obras nota-se a precisão e o cuidado que o jornalista tem ao investigar cada denúncia, em buscar as versões de todas as partes envolvidas. Uma outra característica que se destaca é a forma com que o jornalista trata as suas fontes. Sempre apegado a assuntos que envolvessem questões sociais, é notório, através da leitura dos livros, o respeito que o jornalista tem pelas suas fontes e essa sua capacidade de percepção do lado humano de seus entrevistados. Em *Rota 66*, Caco demonstra todo o cuidado ao investigar a vida de três jovens de classe média assassinados pela polícia e apontados com criminosos. E este zelo não se restringe ao levantamento de dados sobre a vida destes personagens, como também é praticado durante a pesquisa de informações sobre as milhares de pessoas que foram mortas pela polícia ao longo de sete anos. O jornalista relata, no livro, o seu trabalho minucioso em descobrir as origens de cada vítima, que lhe consumiu um tempo de mais de dois anos. Sua descrença nas justificativas dadas pelos policiais para cada assassinato o motivou a buscar, em documentos e fontes, a verdade que estava escondida em cada caso abafado pelos órgãos públicos.

Uma característica que sempre prevaleceu em todos os trabalhos realizados pelo jornalista, foi o criterioso tratamento das informações que recebia de cada lado da questão abordada. Como um profissional experiente, Caco Barcellos sabe que, em cada versão, pode haver uma informação falsa e, ao mesmo tempo, algo coerente.

Há armadilhas muito mais sutis que podem nos levar ao erro. A própria fonte do jornalista, por exemplo, pode representar um grande perigo. [...] Antigamente eu investigava para encontrar provas, levar adiante a denúncia. Hoje, frequentemente sou obrigado a investigar para descobrir as mentiras embutidas nas falsas denúncias. (BARCELLOS, 1994, p.20).

Aí entra a principal função que deve ser desempenhada pelo jornalista: ser perspicaz ao ouvir as fontes e, se possível, buscar os vários ângulos do acontecimento.

3.3 O REPÓRTER COMO HERÓI

Em qualquer cobertura jornalística, principalmente quando se trata da apuração investigativa, a responsabilidade de quem observa o fato e elabora a narrativa (como uma forma de representação da realidade para o público) é sempre muito cobrada. Espera-se do repórter uma matéria objetiva, ou seja, um relato o mais fidedigno possível ao seu ponto de referência, que seria o fato em si. Deste modo, o jornalista assume mais que um papel social; ele também deve agir com responsabilidade, já que o público deposita uma confiança natural e gratuita no seu trabalho, como lembra Nelson Traquina (1993, p.168):

Lemos as notícias acreditando que elas são um índice do real; lemos as notícias acreditando que os profissionais do campo jornalístico não irão transgredir a fronteira que separa o real da ficção. E é a existência de um “acordo de cavalheiros” entre jornalistas e leitores, pelo respeito dessa fronteira, que torna possível a leitura das notícias enquanto um índice do real e, igualmente, condena qualquer transgressão como “crime”.

Uma das alternativas encontradas pelo jornalista para não interromper a narrativa com as suas impressões que podem levar a um distanciamento da realidade - já que estas impressões muitas vezes estão carregadas de julgamentos pessoais que nem sempre condizem com o fato em si -, é a busca por se “esconder” na matéria. “O jornalista, diante de pressupostos conceituais que formatam o seu texto – a necessária busca da verdade [...] – se esvai do narrado e raramente se apresenta como o autor”. (REZENDE, 2008, p.3).

Na elaboração do relato que será apresentado ao público, usa-se a terceira pessoa do singular, e quando se trata da imagem (no caso específico de reportagens de televisão) o repórter pouco aparece na matéria completa. O *Manual de Telejornalismo da Rede Globo* (que procura seguir o mesmo padrão adotado pelo jornalismo norte-

americano) orienta o repórter a expor sua figura diante da tela uma única vez. Este momento seria a “passagem”, conhecida pela classe como a “assinatura” do jornalista em sua matéria.

De preferência, a matéria deve começar em off. O corte direto do apresentador para as imagens melhora muito o ritmo do telejornal. A passagem, no meio da matéria, só é necessária se o repórter acrescentar alguma coisa à reportagem com a sua presença. [...] É bom que os repórteres se lembrem sempre que o que precisa aparecer, e bem, é a notícia. (MANUAL DA REDE GLOBO, 1986, p.17 - 23).

A contrapartida desse trabalho “responsável” do repórter é o próprio reconhecimento pelo público do jornalista enquanto um agente de fundamental importância na sociedade moderna. É ele quem vai satisfazer o desejo das pessoas de entender a realidade que as cerca, que vai correr todos os riscos para levar a informação a elas, alimentando sua gama de conhecimentos. Assim, a profissão passa a ser vista quase que como uma missão tanto para quem a desempenha quanto para os que se beneficiam dela. Para o jornalista e pesquisador Fernando Resende, os repórteres seriam “pequenos deuses portadores da verdade factual” (RESENDE, 2008, p.6), exatamente porque sua função já foi mitificada pela sociedade em que vivem e para a qual trabalham.

Com a ascensão e a consolidação do Jornalismo Literário, ou *New Journalism*, esse papel agregou ainda mais valores. A partir daquele momento, o jornalista passava a desfrutar da liberdade de aparecer mais em seu produto (no caso, a grande-reportagem), de revelar seus desafios para recolher cada depoimento e cada informação, e de pontuar alguns de seus sentimentos que foram despertados durante a apuração. O repórter se torna mais “humano” e talvez, por isso, ainda mais idolatrado. Quando o público percebe que aquele “ser”, que abria a janela do mundo para ele, era como uma pessoa qualquer, passa a valorizar ainda mais o seu trabalho de busca da informação. A

profissão se reveste de um “*ethos* romântico”, como diria a jornalista e pesquisadora Cláudia Lago. “Um jornalismo que deve ser realizado sob o signo da paixão e do envolvimento”. (LAGO, 2003, p.2).

Essa dimensão romanceada do trabalho jornalístico também chega à televisão, especialmente quando as grandes reportagens ganham espaço na mídia audiovisual, período que, nos Estados Unidos, coincide com a década do surgimento dos livros-reportagem. No caso brasileiro, pode-se dizer que a Rede Globo, com os programas *Globo Repórter* (que começa sob um viés documentarista) e *Fantástico* (este mais próximo do espetacular), inaugura, na década de 70, essa nova tendência do papel jornalístico na TV. Ao contrário das reportagens clássicas exibidas nos telejornais, nas matérias especiais, o repórter aparece mais vezes na gravação e atua de uma forma livre, sem aquele formalismo todo da “passagem”, onde ele segura um microfone e diz duas ou três frases de impacto. A própria narração em *off* parece mais “desamarrada”, próxima ao ato de se contar uma história, onde o narrador tem a liberdade de fazer interjeições e entonações diferentes, de acordo com a situação vivenciada. O mais importante dessa inovação está na imagem que o próprio repórter passa a representar para a sociedade. Matérias especiais e investigativas requerem maior esforço e dedicação por parte do jornalista. Para cumprir sua “ádua missão”, que seria a de levar a informação ao público a todo custo, o jornalista precisa se envolver profundamente em seu objeto de trabalho: a realidade. Tudo em nome da coletividade, do povo, que precisa alimentar-se de conhecimento e cultura. Desta forma, o mediador enfrenta os obstáculos na captura da informação em lugar do seu público. A própria definição da palavra “correspondente” – outra denominação dada ao jornalista -, destaca bem esse papel: “CORRESPONDENTE: adj. Apropriado, simétrico; pessoa que se corresponde

com alguém; pessoa que escreve para jornais, estando em outro país, representante”. (BUENO, 2000, p.290). Ser repórter é, além de redigir uma notícia, representar alguém - no caso, a sociedade que o assiste.

Dentro dessa linha de pensamento, e casando-a com a obra⁴ do americano Christopher Vogler - uma espécie de “manual” para roteiristas de narrativas épicas, podemos sustentar a idéia de um repórter como “herói da informação”. Herói porque lida com qualquer desafio em prol de um bem coletivo. Passa por dificuldades, mas as vence. E quando devolve o resultado de seu trabalho (a informação) à comunidade, seu “elixir” (= troféu, prêmio) é o aprendizado conquistado durante a aventura e também o reconhecimento pelo bem social que proporcionou (podemos destacar, por exemplo, as mudanças positivas que uma reportagem de denúncia pode provocar).

Quando se tem a oportunidade de conhecer o passo a passo da produção da matéria (como em apurações investigativas e especiais, ou em livros-reportagem), esse caráter heróico da ação do jornalista pode ser ainda melhor diagnosticado. Isso porque ser herói nem sempre significa ser alguém com poderes sobrenaturais, mas sim um humano dotado de astúcia e força que o façam cumprir determinada missão a favor de uma coletividade. O importante é o que realmente torna alguém um herói não é o seu *status* ou poderio, mas sim a sua disposição em enfrentar as dificuldades. E, quanto maiores forem os obstáculos, maior será reconhecimento por suas atitudes.

É por isso que dizemos que, em matérias investigativas e livros-reportagem, o jornalista se torna um “mártir da informação”. Porque elas permitem uma maior visibilidade de seu esforço para conseguir a versão real dos fatos, o que, conseqüentemente, leva a uma maior valorização de seu trabalho por parte do público.

⁴ VOGLER. Christopher. *A Jornada do escritor: estruturas míticas para contadores de histórias e roteiristas*. Rio de Janeiro: Ampersand, 1997.

Isso é possibilitado pelo maior tempo de apuração e espaço para a difusão das informações que esses dois gêneros jornalísticos permitem. No caso da cobertura investigativa, pode até ser que o tempo e o espaço sejam reduzidos, mas, para que o público entenda melhor o andamento das investigações, é quase que inevitável a interrupção mais freqüente por parte do jornalista.

Em reportagens mais aprofundadas, principalmente em se tratando de TV (onde a imagem, por si só, já confere um *glamour* natural à figura do repórter), esse “heroísmo” se torna mais evidente, já que é possível perceber um processo de “humanização” do repórter, que se desprende um pouco da técnica que norteia as matérias comuns de telejornais, para fazer uma reportagem mais livre e, ao mesmo tempo, envolvente.

Podemos perceber que, ao contrário do que se imagina, a “humanização” do personagem televisivo não apaga a sua “aura” diante do público. Quanto mais o “herói da TV” se revela humano, maior a simpatia conquistada perante o público que o assiste, que acaba por se projetar ainda mais na figura que está diante da tela solucionando algum caso ou trazendo um conhecimento novo. Observa-se, então, um movimento inverso: à medida que o repórter se aproxima de seu público nas atitudes que o fazem “humano”, ele também vai se afastando enquanto um personagem dotado de idolatria, visto como um ser “surpreendente” devido a sua capacidade de representar uma coletividade e, ainda, a sua importante função de distribuir informação e conhecimento.

Seguindo o passo a passo da *Jornada do Herói*, proposta por Chistopher Vogler (1997, p.32) e readaptada pela jornalista brasileira Mônica Martinez⁵, poderíamos

⁵ Conforme propõe Mônica Martinez, a Jornada do Herói seria composta por doze etapas: Cotidiano; Chamado à Aventura; Recusa; Travessia do Primeiro Limiar; Teste, Aliados, Inimigos; Caverna Profunda; Provação Suprema; Encontro com a Deusa; Recompensa; Retorno; Caminho de Volta; Ressureição; Retorno com Elixir.

destacar cinco grandes momentos que também marcam a trajetória de produção em uma grande reportagem:

- 1) *Chamado à Aventura*
- 2) *Travessia do Primeiro Limiar*
- 3) *Provação Suprema*
- 4) *Caminho de Volta*
- 5) *Retorno com Elixir*

O *Chamado à Aventura* marca exatamente o momento em que o jornalista define seu tema de apuração e se predispõe a iniciar uma busca por fontes e evidências que o levem à elaboração de um “modelo” o mais próximo possível da realidade concreta. Seria a apresentação ao “herói” de um problema, desafio ou aventura a empreender. “O Chamado à Aventura é um processo de seleção. Surge numa sociedade uma situação instável e alguém se oferece, como voluntário, ou é escolhido para assumir alguma responsabilidade”. (VOGLER, 1997, p.147). Tomando de exemplo os livros-reportagem de autoria de Caco Barcellos *Rota 66* (sobre a atuação violenta de uma das guarnições da Polícia Militar de São Paulo) e *Abusado* (que revela a realidade do tráfico nas favelas, através do relato da vida de “Juliano V.P.”, integrante de uma quadrilha do Comando Vermelho), o convite à jornada, segundo relata o jornalista, teria sido o mesmo: a ausência de uma cobertura da imprensa que fizesse a sociedade entender o porquê da ação violenta de policiais e bandidos.

Eu lembro que acompanhava todo dia muitos casos de mortes de jovens da periferia, negros, pobres. Depois de um certo tempo, a imprensa não divulgava mais porque não tinha novidade nenhuma. Todo dia mata, todo dia mata, não é mais notícia. Pô, mas no final do ano eram 1.500 jovens mortos, coisa jamais vista na história de qualquer polícia do mundo. [...] As matérias eram feitas basicamente a partir do que a polícia passava. Então eu achava que tinha um elemento bom ali, achava que podia resultar num livro que

contasse a história pouco conhecida das pessoas, histórias que resultaram da minha apuração, da minha atividade. (BARCELLOS, mar.2006 apud CAMARGO, 2006).

Caco se dispõe a enfrentar todos os desafios e perigos para buscar as versões verdadeiras de cada história. Ele vai entrar em um universo novo e desconhecido exatamente para cumprir a missão que delegou a si mesmo e “voltar” à realidade com o produto final dessa aventura, que seria a própria reportagem.

Já disposto a elaborar essa investigação de determinado assunto, o jornalista passa para o segundo estágio dessa jornada: a *Travessia do Primeiro Limiar*. Depois de se preparar colhendo dados, identificando fontes e traçando uma estratégia de apuração (que seria a etapa de produção), o jornalista vai fazer o seu trabalho de campo. Neste momento, ele entra em contato com o ambiente desconhecido e aí aparecerem os maiores desafios.

Em um depoimento na revista *Fantástico*, o repórter Marcos Losekann faz um relato dessa experiência do contato com um mundo estranho à sua realidade (a guerra entre Israel e Líbano) para cumprir o seu papel de informar:

Colete à prova de balas, às prova de estilhaços... Pena que não criaram uma armadura à prova de medo. Pois, sim, é apavorante cobrir uma guerra diretamente do *front*. [...] De um lado, um dos exércitos mais poderosos da Terra, não isento de erros (quem não se lembra de massacres como o de Kana e de outros alvos inocentes?). Na outra trincheira, um grupo político-religioso munido de armas arcaicas disparadas a esmo, alvejando mais civis que soldados – como na tempestade de foguetes katyusha sobre as cidades do norte de Israel, especialmente a portuária Haifa. No meio desse fogo cruzado, uma equipe da TV Globo. Foi um sufoco, foi cansativo, foi estressante, foi perigoso... (LOSEKANN, 2006, p.24).

Para conseguir realizar a sua tarefa, o jornalista conta com “aliados”, que são as suas próprias fontes. São os personagens da matéria que vão ajudar o repórter a se familiarizar com o ambiente novo, fornecendo todos os dados necessários para que ele entenda o que está se passando. E eles também são a essência da informação: suas histórias de vida ou relatos sobre alguma experiência é que vão compor a narrativa do

repórter. Mas nesse grupo de fontes, até então se portando como aliadas, existem também os “inimigos” e os “vira-casacas”: as más fontes, aquelas que mentem para defender seus interesses, desviando o nosso “herói” de seu objetivo: elaborar uma representação fiel do fato.

Apesar disso, a pesquisadora Mônica Martinez salienta que os inimigos são “a principal força motriz que força o protagonista a superar os seus limites”. (MARTINEZ, 2008, p.86). Um bom repórter deve saber visualizar bem o universo que está retratando e ter um “faro” impecável para encontrar evidências que corroboram com determinado depoimento. Daí a importância de um trabalho dedicado e minucioso quando se fala da elaboração de uma versão da realidade. É desenvolvendo esta função que o jornalista adquire um amadurecimento profissional e a astúcia necessária para distinguir o depoimento verdadeiro do falso.

As dificuldades enfrentadas neste contato com o ambiente novo (talvez uma realidade diferente da vivida pelo jornalista em seu dia-a-dia) são importantes para testar o seu real comprometimento com a informação e com o seu público. Só de conseguir reunir os dados que precisa transmitir às pessoas, o jornalista já é visto como um herói, porque demonstrou sua perseverança simplesmente em desvendar algum mistério ou trazer uma nova versão da verdade ao conhecimento de todos, algo que, de repente, pode trazer conseqüências benéficas para a população. Ou seja, ele coloca-se a serviço da difusão de conhecimento e de seu próprio papel social.

O nosso “herói” agora salta para uma nova fase desta trajetória: a *Provação Suprema*, o momento em que ele entra em contato com os “vilões” – realidades estranhas, adversas, que incitam seus medos. Isso acontece mais em apurações investigativas ou que tratam de algum assunto polêmico e perigoso. (Temos aqui o

próprio exemplo de Caco Barcellos em *Rota 66* e *Abusado*, trabalhos que exigiram do jornalista um contato com dois grupos violentos: a polícia corrupta e os bandidos). Essa “provação” trata-se de um momento único na apuração, o “tudo ou nada”. Se o repórter perder aquela oportunidade talvez não terá nova chance de resgatar a imagem ou a informação perdida.

Durante o relato ou a apresentação deste momento ao público, gera-se um suspense sobre qual será o desfecho da aventura protagonizada pelo “herói”. “O que acontece com ele está acontecendo conosco. Somos encorajados a viver com ele esse momento de iminência da morte”. (VOGLER, 1997, p.39). Morte, aqui, em um sentido figurado, representando a própria derrota. Em *Rota 66*, por exemplo, várias vezes temos essa impressão de uma ameaça ao trabalho investigativo realizado por Caco Barcellos. Quando o jornalista consegue ir até o Instituto Médico Legal para revirar laudos sobre a causa da morte de pessoas assassinadas pela polícia, ele se vê diante de uma “provação”: as informações que busca para complementar a sua investigação estão distribuídas entre pilhas e mais pilhas de documentos empoeirados, material que ele jamais conseguiria organizar sozinho.

Mas é também nesta fase de desafio que o protagonista demonstra e põe em teste a sua capacidade de superação, o que marca a sua “transfiguração”, a passagem do caráter humano para o heróico. Quando demonstra a sagacidade em resolver o problema ou enfrentar os seus medos, a pessoa se reveste de certa força, que é reconhecida pelos que lhe assistem. Mônica Martinez vai mais além: “Após este confronto, o protagonista se torna de fato um herói, pois transcendeu a sua simbologia pessoal, entrando em contato com a porção divina/ sagrada que existe dentro de cada um de nós”. (MARTINEZ, 2008, p.94).

Depois de enfrentar a dificuldade maior em sua jornada, o herói já está pronto para “voltar para casa”, retornar à sua realidade trazendo algum bem que conquistou durante a aventura (o “elixir”). Ele “atingiu a sua meta e agora deve iniciar o caminho de volta para contar o que viu e aprendeu”. (MARTINEZ, 2008, p.101). No caso específico desta alusão que fazemos à figura do repórter, o “tesouro” comum é a própria notícia, a informação. É por ela que o jornalista deixa seu mundo de lado para adentrar em um universo desconhecido. Tudo em nome do papel e do compromisso que assume perante a sociedade: “interpretar a realidade social e mediar entre os que produzem o espetáculo mundano e a grande multidão que cumpre as funções de público”. (VIZEU, 2005, p.4).

Mas é também neste *Caminho de Volta* que o nosso “herói” tem um novo desafio pela frente: o de elaborar uma representação que dê conta de transmitir tudo aquilo que é importante para elucidar o fato. Ele, agora, deve discernir o que o seu público realmente quer saber, quais as informações que lhe interessam e que, de repente, podem provocar alguma mudança social. Para tanto, precisa de certa frieza e distanciamento ao selecionar os depoimentos, de maneira que cada um deles dê conta de representar bem cada lado da questão.

Vale lembrar ainda que o ato de elaborar uma reportagem é como o de contar uma história. É preciso que o narrador saiba utilizar todos os artifícios de que dispõe para conseguir envolver o seu público, fazê-lo adentrar no universo que está retratando. Para Mônica Martinez (2008, p.103), uma tarefa que exige grande habilidade.

É uma missão delicada comunicar o aprendizado, ou seja, transmitir a lição duramente aprendida para as pessoas que não passaram pelas vicissitudes da jornada. É como mostrar fotografias de uma viagem que o observador não fez.

O herói cumpriu a sua tarefa e agora volta ao seu mundo individual a fim de se preparar para uma nova aventura. No entanto, após o enfrentamento de um desafio novo, ele traz, além do “elixir”, que seria o bem oferecido à coletividade, um troféu particular: a lição conquistada durante a jornada, um ensinamento que lhe será de grande valia para a próxima aventura. Esta, então, seria a última fase que pontuamos na trajetória do herói (= repórter): *O Retorno com o Elixir*.

Quando um jornalista termina a apuração de um assunto polêmico ou inquietante, ele sempre “volta para casa” com a sensação de estar começando uma nova vida. Depois de ter compartilhado as emoções com as suas fontes e de ter encarado de frente situações que jamais imaginaria presenciar, ele se sente uma “nova pessoa”, vê que, dali em diante, não terá a mesma mentalidade de antes.

Ele foi engolido por uma situação e saiu dela renascido. Fisicamente é o mesmo, porém sofreu uma profunda mudança no aspecto psicológico. Esta transformação na sua personalidade, no eixo de seu Eu, deixa para traz uma série de hábitos, e o vazio abre espaço para uma nova dimensão de experiências. (MARTINEZ, 2008, p.111).

Em 2005, Glória Maria, quando ainda era repórter do *Fantástico*, teve a oportunidade de entrevistar Safiya (a matéria foi ao ar em 24/04/2005), uma nigeriana que quase foi condenada ao apedrejamento por ter tido um filho depois de se divorciar. A jornalista estava no país de Safiya para cobrir o maior festival de pesca da África. Durante o seu trabalho de apuração, ela conheceu uma mulher que dirige uma associação que luta pelo direito das nigerianas. E, coincidentemente, a mulher diz que conhece Safiya e que poderia levar a repórter até ela. Durante a entrevista com a nigeriana ameaçada de morte, Glória Maria descobre uma pessoa humilde e piedosa, que não demonstra qualquer rancor pelo próprio irmão que a denunciou. E sai da conversa renovada.

Meu encontro com Safiya, mulher forte, guerreira, me fez aprender muitíssimo. Principalmente que ódio, traição e injustiça não conseguem atingir almas generosas e iluminadas. Obrigado, Safiya, por ter permitido que eu me aproximasse de você. Uma mulher tão extraordinária. (MARIA, 2006, p.184).

Uma das principais características da jornada heróica, seja ela fictícia (em narrativas e contos de ficção) ou real (tendo como o exemplo do trabalho jornalístico), é a “projeção-identificação”. O relato da trajetória do herói acaba gerando certa empatia no público, que se vê na cena, vivendo, juntamente com o protagonista, cada aventura, cada novo desafio. Além disso, vale lembrar que a humanização da figura do representante também é fundamental, uma vez que, assim, seu perfil tende a se aproximar do público em geral. Ele não tem nada de fantástico ou sobrenatural. É apenas um ser humano disposto a lutar por um bem coletivo. Por seu papel benevolente, acaba ganhando ainda mais a simpatia de quem acompanha a sua jornada.

Conforme propõe o jornalista e pesquisador Muniz Sodré, esse processo de inclinação do telespectador à figura do "herói da TV" envolveria três vertentes:

[...] projeção (o receptor desloca suas pulsões para os personagens do vídeo), identificação (o receptor torna-se inconscientemente idêntico a um personagem no qual vê qualidades que gostaria ou julga que pertencam) e empatia (conhecimento que o receptor tem do comunicador, colocando-se mentalmente em seu lugar). (SODRÉ, 1985, p. 60).

No caso específico do telejornalismo, o repórter passa a ser os ouvidos e os olhos do seu público. Ele usa de sua presença física diante da câmera e da voz em *off*⁶ “casada” com a imagem para promover a ilusão da verdade. Unindo esta técnica com a “projeção-identificação”, nota-se, que ao se sentir representado pela figura do repórter, o telespectador passa a acreditar que está diante de uma realidade sem mediação. No entanto, essa postura do público pode esconder um perigo: a falta de reflexão diante das informações que lhes são oferecidas. Caso o repórter demonstre qualquer parcialidade, é

⁶ A voz em *off* é a narração, pelo repórter, que identifica as imagens utilizadas na matéria.

provável que o telespectador que se projetou nele também assuma, indiretamente, a mesma posição. Daí a necessidade em se praticar um jornalismo isento, independente do valor que esse mediador de informações possui perante a sociedade em que vive.

Jornalistas não são sacerdotes nem se espera que sejam militantes de causa alguma. Dessa não-militância é que resulta sua competência moral para o desafio. Devem desenvolver uma persona profissional tal que – a despeito das crenças e valores pessoais, compromissos de classe e de cultura – possam registrar fatos e idéias do nosso tempo com honestidade, concedendo à fonte o direito de ser como é e ao público escolher de que lado ficar. (LAGE, 2004, p.161).

Mesmo assim, notamos que, quando o vínculo entre o público e o seu “herói” é muito forte, o protagonista tende a se envaidecer. Isto porque ele reconhece a dimensão de seu *status* perante a sociedade e os benefícios que pode desfrutar ocupando este papel.

Um exemplo que podemos citar é o relato que o jornalista Zeca Camargo fez na *Revista Fantástico* sobre uma das experiências mais marcantes de sua vida. Apaixonado pelo rock internacional e, em especial pela banda irlandesa U2, o repórter resgata a emoção em entrevistar os músicos do grupo pela segunda vez.

Quem sou eu para tanto? Estar tão perto da banda, num estúdio relativamente pequeno, com apenas algumas pessoas dividindo aquela emoção com você vale muito a pena [...] Se neste exato instante, eu estou ligeiramente arrepiado apenas pelo ato de descrever aquele momento, acho que você não vai duvidar do quanto foi realmente inesquecível. Uma terceira entrevista com o U2? Será? Ainda não rolou, mas... Claro que sim. Rotina é realmente uma coisa maravilhosa. (CAMARGO, 2006, p.108 e 110).

O jornalismo tem esse *glamour* todo porque, maioria das vezes, o repórter consegue chegar onde o “cidadão comum” não consegue. Ele tem acesso fácil às fontes e à cobertura dos acontecimentos. E quando esta função de representar uma comunidade se reveste de um caráter heróico (ao revelar as dificuldades que se teve para conseguir efetuar esta tarefa), a profissão acaba por ganhar um valor ainda maior. Quanto maior a visibilidade do repórter na mídia e mais ele se empenha na produção de matérias de

grande interesse, maior o destaque que ele tem na sociedade. É aí que podemos observar que tempo de trabalho não significa, necessariamente, o passaporte para a conquista de um perfil heróico. O que vale é a força motivadora, a vontade de trazer a informação a qualquer custo, o desejo de cumprir, com eficácia, o papel social que lhe é delegado. É como Chistopher Vogler sintetiza: “ganhamos respeito graças ao que já fizemos”. (VOGLER, 1997, p.201).



Em um artigo que escreveu para o Daily Telegraph, sobre um livro de entrevistas que acabara de publicar, o repórter inglês Gyles Brandeeth resumiu, em apenas três palavras, a sensação que o exercício da reportagem causa na alma dos repórteres (os de puro sangue, pelo menos).

Diante de um personagem – ou de uma cena inesquecível – o repórter deve exclamar intimamente para si mesmo: “Eu? Aqui? Uau!”.

Geneton Moraes Neto (2006, contracapa).

4 PROFISSÃO REPÓRTER

Em 7 de maio de 2006, um novo quadro estreava no programa *Fantástico*, apresentado aos domingos, pela Rede Globo. Com um toque de liberdade e ousadia, entrava no ar o *Profissão Repórter*, idealizado pelo jornalista Caco Barcellos e sob direção de Marcel Souto Maior. A proposta era recrutar jovens jornalistas para vencer os desafios da produção de uma reportagem, apresentando os vários ângulos da questão em pauta.

4.1 PRIMEIRAS EXPERIÊNCIAS

Para fazer parte do *Fantástico*, o *Profissão Repórter* deveria acompanhar a lógica de todas as outras produções que o programa dominical apresentava: uma apuração mais aprofundada e muito próxima do espetacular, onde a ação das imagens e o trabalho com o verbal deveriam despertar o interesse e a emoção do público. Além disso, o *Fantástico* é um programa que prioriza bastante a heterogeneidade de temas e assuntos abordados, uma vez que, procura voltar-se para a família, englobando todas as faixas etárias. Ao instituir uma nova série dentro do programa, uma outra preocupação possivelmente também entra em voga: se seu formato e linguagem são articulados e

trabalhados de tal maneira a se conseguir a atenção de um maior segmento de público possível.

O *Fantástico* já existe na TV Globo desde 1973 e, de lá até hoje, muitas mudanças foram operadas no programa, privilegiando-se determinados temas em detrimento de outro. Porém, pode-se dizer que o formato e o estilo da atração pouco se alteraram nessas três décadas. O programa surge na TV Globo com uma proposta de união entre informação e entretenimento para ser consumido pelo telespectador nas noites de domingo. A denominação *Fantástico - O show da vida* revela exatamente a intenção do programa de construir um espetáculo, apropriando-se da realidade como ingrediente principal. Para elaborar esse ambiente de “show”, a atração faz uso de diversos artifícios, dando um tratamento diferente às matérias e quadros. O caráter estético, que envolve o cenário para a apresentação em estúdio, o cuidado com a imagem (desde a posição e o angulamento da câmera até a arte final na edição), é muito bem trabalhado na série. Nota-se também uma preocupação muito grande com o texto e o som da matéria, tudo de maneira a agradar o telespectador e fazê-lo envolver-se em profundidade no programa.

Além disso, observamos que as reportagens mais longas e que envolvem assuntos de interesse coletivo sempre ganharam espaço no programa. Ali, há a oportunidade de apurar melhor as conseqüências e implicações de determinado caso que foi destaque na semana. Tem-se também a liberdade de fazer coberturas que fujam do padrão jornalístico tradicional, que privilegia fatos que possuem maior amplitude, freqüência ou consonância. No programa, matérias sobre o acompanhamento da rotina de um cidadão qualquer ou, até mesmo, que mais se assemelham a um “diário de bordo” do repórter ganham destaque. O que vale é sua proximidade com o público que

busca atingir, no caso, o telespectador genérico, desde o pai de família a um adolescente ou estudante universitário. Por isso, o programa tenta reunir caráter informativo, educativo e, principalmente, dinâmico às suas matérias e quadros.

No *Fantástico*, os valores-notícia mais privilegiados referem-se à raridade e a personalização. A maior parte das matérias exibidas enfoca valores socialmente consolidados, mensagens de fácil reconhecimento e “lugares comuns”. O que se quer é apresentar a realidade em todas as suas facetas: seja através de matérias de denúncia, de cobertura factual, de reportagens sobre cultura, ciência, tecnologia, comportamento, da transmissão dos gols em campeonatos de futebol, da apresentação de entrevistas de perfil, ou até mesmo, de trechos de musicais. Desta maneira, poderíamos caracterizar o *Fantástico* como uma revista semanal onde é possível encontrar as mais variadas editorias, tudo permeado pelo viés do espetáculo.

E é exatamente em uma destas páginas da “revista” que o *Profissão Repórter* ganha o seu espaço, seja pelo seu teor informativo ao destrinchar um assunto em vários ângulos ou versões, ou mesmo pela sua produção jornalística mais livre e dinâmica, onde é possível acompanhar, literalmente, o passo a passo da apuração, uma vez que os bastidores da reportagem também são revelados. A proposta do quadro é a elaboração da notícia sob um olhar multilateral e onde tudo é válido como informação: desde os elementos da matéria propriamente dita, até o que, teoricamente, devia ficar por “de trás” das câmeras. Logo na estréia do *Profissão Repórter*, notava-se que a atração apresentava peculiaridades e inovações que despertavam a atenção do público. Sua exibição tinha uma duração bem maior se comparada ao tempo que os jornais de televisão costumam permitir às suas reportagens. Se a mais longa reportagem de um

telejornal não ultrapassa três minutos, cada edição do *Profissão Repórter*, enquanto quadro do *Fantástico*, tinha duração de nove a doze minutos.

A concessão de um maior tempo de exibição conferia à série outras liberdades que ajudavam ainda mais a construir uma dinâmica peculiar. Ao invés de um único repórter apurando o fato, uma equipe formada por oito profissionais se dividia para acompanhar uma fonte ou um acontecimento, e as coberturas, em conjunto, deveriam compor uma boa representação do assunto que era escolhido como tema. Além disso, desafiava-se a versatilidade do jovem jornalista. Aquele que foi repórter de rua em uma edição poderia atuar como repórter cinematográfico na seguinte, e vice-versa. Todos tinham o seu espaço e a oportunidade de mostrarem o seu trabalho. Mesmo quem fica atrás das câmeras também aparece. Em vários momentos, uma segunda câmera entra em ação, revelando como é a produção das reportagens. Nas imagens geradas por esta câmera, mais estática e neutra, o repórter cinematográfico aparece em primeiro plano, ao passo que o entrevistador perde visibilidade. Assim, o quadro reveste-se de um didatismo único: o telespectador tem conhecimento não só do assunto escolhido como tema da cobertura, como também “viaja” pelos caminhos da produção jornalística, descobrindo aquilo que os telejornais abafam – as dificuldades que, muitas vezes, o repórter enfrenta para trazer à tona as versões do fato apurado.

Este jogo de revelação do que está por trás das câmeras enaltece a segunda característica peculiar do programa: o desnudamento dos bastidores da reportagem. Logo quando a atração entrou no ar, ficou evidente quais eram as duas inovações a que ela se propunha: apresentar uma cobertura multiangular de determinado fato e tornar público os desafios da reportagem. Para tanto, era preciso romper com os atuais “padrões” do telejornalismo brasileiro e atrever-se na utilização de uma segunda

câmera, responsável por captar todo o trabalho dos repórteres. Assim, era possível dimensionar ao espectador um pouco das técnicas e das ferramentas que o jornalista utiliza para levar a informação ao seu público.

Nesta mesma linha de revelação dos bastidores, mas que não pode ser considerada de todo jornalística, já existia o programa *Vídeo Show*, também da TV Globo. Uma das principais e mais antigas atrações da rede, o programa se mantém como sucesso de público e audiência. São mais de 25 anos no ar, mantendo sempre o mesmo formato, onde o ingrediente principal é mostrar ao telespectador como é feita a produção das novelas e séries da emissora. Começou sendo apresentado aos sábados, e, em 1994, ganhou um espaço maior, sendo exibido de segunda a sexta-feira. Quadros como o *Enquanto isso nos bastidores*, onde é apresentada uma espécie de *making off*⁷ dos programas que vão ser exibidos pela TV Globo, e o *No escurinho do cinema*, com a cobertura das produções de longas da Globo Filmes, caracterizam bem essa sua nuance intimista do programa, que busca a aproximar-se do público revelando-lhe tudo aquilo que ele tem curiosidade de conhecer.

Um dos quadros mais antigos e de maior sucesso do *Vídeo Show* é o *Falha Nossa*, no qual são apresentados os erros de gravação. Ali a figura do ator enquanto um “olimpiano”, como caracteriza Edgar Morin (1997, p. 105), é desmistificada pela aproximação de sua realidade enquanto um ser humano como outro qualquer, capaz de cometer falhas e aprender com os erros. Ninguém está ileso de ser “pego” cometendo alguma gafe. Até mesmo os erros dos apresentadores do programa são mostrados. Nada tão humano quanto revelar os percalços que se escondem sob uma “utópica” perfeição.

Talvez também seja esta a proposta do *Profissão Repórter*. Provocar uma aproximação do público com o repórter através do desnudamento de suas dificuldades

⁷ *Making off* são as imagens que mostram os bastidores de uma produção.

ao trazer o fato para o espectador. No entanto, essa função pode se reverter e assumir um caráter díspar de seu objetivo primeiro. Como no quadro, o repórter é quase sempre mostrado em situações de perigo ou, no mínimo, tendo que enfrentar algum desafio maior - como, por exemplo, localizar fontes distantes ou inacessíveis -, esse intermediário entre o fato e o público pode ser visto como um “herói da informação”. Ali, todo esforço é válido para que a verdade apareça diante dos olhos do telespectador. Vale correr riscos, vale destrinchar dados a fim de se descobrir algo encoberto, vale viajar a lugares distantes para encontrar “a” fonte, vale sofrer com a dor alheia, enfim, tudo é permitido e acatado quando a notícia está em jogo. A informação torna-se um prêmio para o jornalista.

Tudo se passa como se o “fato” fosse uma espécie de troféu a ser caçado pelo “bom jornalista” e generosamente doado a um público que, de outra, forma, dificilmente teria acesso ao conhecimento das coisas “tais como elas realmente aconteceram”. (ARBEX, 2001, p. 105).

Um outro programa da TV Globo que também explora o destrinchar de um fato é o *Globo Repórter*, de aparição bem anterior ao quadro do *Fantástico*. Estreou em 3 de abril de 1973. Em suas primeiras edições, a atração era apresentada mensalmente e se destinava a analisar com mais profundidade assuntos de maior impacto nos cenários nacional e internacional. Um tema era escolhido para ser debatido em reportagem de 40 minutos. Essa cobertura especial trabalhava melhor com a repercussão do fato, estendendo o número de fontes ouvidas e buscando a análise por especialistas.

Em agosto de 1973, o *Globo Repórter* passa a ser semanal, sendo apresentado todas as sextas-feiras, programação que permanece até hoje. Na época, a atração realizava uma espécie de rodízio com os temas eleitos para cobertura: *Globo Repórter Atualidade* – tratava dos principais assuntos do mês; *Globo Repórter Pesquisa* - abordagem de temas relacionados à música, arte e história; *Globo Repórter Futuro* -

focalizando a ciência e as implicações desta no futuro; e *Globo Repórter Documento* – exibindo programas da série *Globo Shell Especial*. Em muitas edições, o programa se aproveitava de documentários estrangeiros, porém, com narração própria.

Interessante observar que, apesar do nome “*Globo Repórter*”, no início, o programa não tinha repórteres. “Havia um grupo de diretores, muitos provenientes do Cinema Novo, que se encarregavam, cada um, junto com o cinegrafista, de um tema”. (PONTUAL, 1994, p.96). Desta maneira, o programa seguia mais uma linha documentarista do que jornalística, propriamente dita.

Esse perfil, mais próximo do documentário, foi mantido pelo *Globo Repórter* até o início da década de 80, com a apresentação de uma cobertura única, dividida entre os blocos do programa. A sensação que se tinha era a de um apresentador contando uma história, com cenário, tempo e personagens bem definidos. Já a partir de 1983, quando o programa passa a ser dirigido por Roberto Feith - que, até então, trabalhava como correspondente da Globo, em Londres - , o *Globo Repórter* assume um formato mais próximo do jornalístico. A série passou a contar com a figura do repórter, e, em muitas edições, mais de um assunto era eleito para cobertura especial. Ao adotar esse novo modelo, onde o jornalista aparece como o investigador e condutor da matéria, a atração ganha mais ritmo e dinamismo.

Depois de 1985, o *Globo Repórter* sofre algumas mudanças que se sustentam até os dias atuais. No entanto, a proposta do programa, desde sua criação, permanece a mesma: a apuração mais detalhada e abrangente de um assunto, apresentando um produto final semelhante a uma reportagem típica de revistas especializadas.

Se observarmos o formato atual do *Globo Repórter*, notamos que sua elaboração é segmentada entre blocos. Apesar de hoje trabalhar com apenas um tema por semana,

ele se divide entre as várias reportagens que são produzidas pelo mesmo repórter. Em cada bloco, uma cobertura sobre determinada implicação do assunto. Por exemplo, se o programa aborda as pessoas que conseguem viver bem com pouco dinheiro, no primeiro bloco, teríamos a história da faxineira que conseguiu viajar para a Europa com as economias; no segundo, a de uma família de classe baixa que hoje já consegue planejar um passeio de férias; no terceiro, o caso de um jovem recém-formado que está aplicando o pouco que recebe na Bolsa de Valores; e assim por diante. São histórias distintas se inter-relacionando em algum aspecto e que, juntas, constroem um cenário para o telespectador.

Esta característica faz o quadro idealizado por Caco Barcellos assemelhar-se ao *Globo Repórter*. Uma das estratégias da série de jovens repórteres é exatamente trabalhar com a articulação entre várias histórias. Porém, essa articulação é mais fragmentada. A edição divide as coberturas de cada jornalista em vários micro-blocos e os reúne em uma espécie de mosaico. Mas a intenção deste artifício vai além de uma simples bricolagem. Ao unir os fragmentos e colocá-los em seqüência, consegue-se provocar no espectador a idéia de que as apurações acontecem simultaneamente - a cada momento, tem-se um *flash* do repórter em um instante de tensão na cobertura.

Outro diferencial do *Profissão Repórter* é que suas matérias nem sempre vão seguir exatamente o rigor e as técnicas aplicadas para a produção de uma reportagem. Nesta busca-se os antecedentes do fato para elaborar um contexto aprofundado, ou ainda recorre-se a um suporte especializado, que de avalia os desdobramentos do acontecimento (prática bastante comum no *Globo Repórter*). A equipe da série idealizada por Caco Barcellos quer mesmo é mergulhar no personagem da matéria, alguém que tenha uma história de vida interessante ou que participa de alguma

atividade que mereça destaque. É o depoimento desta fonte que ajuda o jornalista a construir os caminhos da narrativa que ele quer transmitir ao seu público. Além disso, o entrevistado será uma “peça-chave” para atrair do telespectador, seja por aproximação ou repulsa ao seu perfil.

Esse “abandono” dos demais componentes da elaboração de uma reportagem não vai significar, no *Profissão Repórter*, a construção de uma cobertura vazia ou superficial. A carência destes elementos é suprida pela busca de um “leque” de histórias e personagens que se assemelham, se complementam ou mesmo se contradizem. Desta maneira, o telespectador consegue ter uma visão geral do tema em suas mais diversas facetas e, assim, torna-se capacitado para construir o seu julgamento sobre o assunto.

Durante o primeiro ano de permanência fixa no *Fantástico*, os jovens repórteres viajaram por todo o país em busca de um novo desafio, movidos sempre pela ânsia de descobrir a informação nova, até então desconhecida. Diversos assuntos foram trabalhados, todos envolvidos por um viés social muito forte, provocando, assim, ampla identificação por parte do público. Muitas matérias relacionavam-se ao trabalhador brasileiro, apresentando a sua rotina e suas dificuldades ou, numa direção oposta, as singularidades positivas da profissão. Cortadores de cana, bóias-frias, trabalhadores autônomos, caminhoneiros, garis, agentes carcerários, operadores de *telemarketing*, peões, médicos, bombeiros, modelos. Todos eles foram retratados no programa. Até mesmo o jornalista teve a sua vez. Neste caso, uma jogada metalingüística interessante, já que os repórteres estavam ali para acompanhar a rotina de colegas, revelando mais claramente ainda ao telespectador como é feita a procura pelas informações e fontes que vão virar notícia. Se este “mistério” já era desvendado a cada exibição, apresentando-se

os bastidores juntamente com a reportagem, na edição de 28 de maio de 2006 essa intenção fica ainda mais evidente. A reportagem intitulada *Os caçadores de notícias*, mostrou exatamente como os fotógrafos, *paparazzi* e repórteres de rádio, impresso e TV driblam os empecilhos do mundo particular para trazer o fato à esfera pública.

Temas polêmicos, com um tom muito próximo da denúncia, também são bastante explorados pelo *Profissão Repórter*. No primeiro dia de exibição do quadro, em 7 de maio de 2006, o foco foi a ação de pixadores nas grandes capitais, durante a madrugada. No mês seguinte, os repórteres investigaram um fato que, na época, que gerou muito impacto e discussão em todo país: o caso Suzane Richthofen⁸, a jovem acusada de ser idealizadora e cúmplice do assassinato de seus próprios pais. A violência contra a mulher, o consumo de drogas, a prostituição infantil e, até mesmo, o movimento contra o aquecimento global ganharam destaque na atração. Nestes casos, uma proximidade muito grande à tendência de espetacularização, já que o sofrimento alheio, os acontecimentos incomuns e a quebra de estereótipos – características típicas do espetáculo - estão presentes em muitas das reportagens exibidas.

Essa espetacularização também pode ser detectada em coberturas que envolviam considerável carga dramática, como, por exemplo, a edição em que um morador de favela e sobrevivente da violência conhece, por um dia, o luxo da vida na realeza; ou a reportagem que mostrou a miséria de famílias do Nordeste que sofrem com a seca. Aí percebe-se um forte apelo às emoções do público, tendência comum ao que poderíamos chamar de “jornalismo de espetáculo”, gênero que tem um forte poder de influência e atração do público em geral.

⁸ Em 31 de outubro de 2002, o engenheiro Manfred Albert von Richthofen, e sua esposa, Marísia, foram assassinados dentro de sua casa. Uma semana depois, a filha do casal, Suzane von Richthofen confessa o crime. A polícia descobre mais dois envolvidos: o namorado de Suzane, Daniel Cravinhos e seu irmão, Christian Cravinhos. Em meados de novembro, os três são presos. No ano de 2005, são libertados à espera de julgamento. Em 2006, a justiça decreta 39 anos de reclusão e seis meses de detenção para Suzane e Daniel. Christian pega 38 anos de reclusão e seis meses de detenção.

Pode-se mesmo falar de uma compulsão coletiva para o show ou o espetáculo, que críticos da cultura contemporânea apontam como a verdadeira “doença”. A tradicional “news of the day” transforma-se aos poucos no “show of the day”, onde até mesmo o sofrimento do outro – na verdade, basicamente o sofrimento do outro – é produzido como espetáculo. (SODRÉ, 1996, p.149).

Uma outra vertente que também é trabalhada dentro do universo temático do *Profissão Repórter* é a explanação ou mesmo a apuração detalhada de algum fato “quente”, que ainda está presente na mídia. Além do caso Suzana Richthofen, podem ser citadas as reportagens sobre a tragédia do voo JJ 3054⁹, que foi exibida em 22 de julho de 2007, cinco dias depois do acidente ter acontecido; a cobertura da visita do Papa Bento XVI ao Brasil¹⁰; o acompanhamento das festividades de São João; a apuração, com variadas fontes e versões, sobre o caso Renan Calheiros¹¹; dentre outras.

4.2 JORNALISMO OU DRAMATIZAÇÃO?

⁹ No dia 17 de julho de 2007, uma aeronave da empresa TAM, que fazia o voo JJ3054 (Porto Alegre - São Paulo), chocou-se contra um prédio da TAM Express (serviço de carga da própria empresa). Quando ia fazer o pouso no aeroporto de Congonhas, em São Paulo, a aeronave teve dificuldades de frenagem, fez uma curva para esquerda e saiu da pista em seu terço final. Todas as pessoas que estavam à bordo morreram e, inclusive, alguns funcionários que trabalhavam, na TAM Express. Ao todo, 199 pessoas faleceram, vítimas do acidente.

¹⁰ Em 09 de maio de 2007, o papa que assumiu o lugar de João Paulo II, Bento XVI, chega ao Brasil. Para fazer a sua primeira visita ao país. O objetivo principal da visita era marcar o início da Quinta Conferência Geral do Episcopado Latino-americano e Caribenho, que aconteceu entre os dias 13 a 31 de maio de 2007, no Santuário de Aparecida no Vale do Paraíba, estado de São Paulo. O papa, além de celebrar missas em Aparecida e na capital paulista, também visitou uma fazenda para recuperação de dependentes químicos em Guaratinguetá, também no Vale do Paraíba. Para a visita do pontífice, foi montado um grande esquema de segurança, de maneira que tudo transcorresse normalmente. Quinze emissoras brasileiras fizeram a cobertura da estadia de Bento XVI no país.

¹¹ Em 6 de junho de 2007, o Conselho de Ética do Senado instaura processo contra o senador Renan Calheiros (PMDB) por quebra de decoro parlamentar. A ação foi motivada por uma reportagem publicada na Revista Veja, no dia 26 de maio. A matéria revelou que Renan recebia recursos da empreiteira Mendes Júnior, por meio do lobista Cláudio Gontijo, para pagar pensão à jornalista Mônica Veloso, com quem tem uma filha fora do casamento. De acordo com a revista, Gontijo arcaria com o pagamento do aluguel de R\$ 4.500 de um apartamento de quatro quartos em Brasília e com a pensão mensal de R\$ 12 mil para a jornalista. Depois de mais de três meses da primeira representação, o plenário do Senado acabou absolvendo o parlamentar.

Em dezembro de 2007, o *Profissão Repórter* ganha mais espaço na emissora. A partir de então, além de ser exibido semanalmente dentro do *Fantástico*, o programa conquistava a oportunidade de apresentar uma edição de maior duração, uma vez por mês, na noite de quinta-feira. Se, no *Fantástico*, o tempo máximo de exibição não ultrapassava 15 minutos, as atrações mensais chegavam a durar cerca de 40 minutos. Com isso, era possível dividir melhor as ações dos repórteres e planejar uma cobertura ainda mais detalhada, com mais histórias e fontes a acompanhar. E, embora o trabalho fosse dobrado, a equipe permaneceu a mesma. Os oito jornalistas, que produziam as reportagens do quadro, também eram os responsáveis pela elaboração da edição especial.

Essa experiência foi praticada apenas quatro vezes. Dos assuntos explorados, três deles mantiveram, nitidamente, a tendência da série em tematizar o trabalhador brasileiro. Na primeira edição especial exibida, os repórteres abordaram a vida de quem trabalha no mar. A equipe de jornalistas se dividiu para acompanhar a rotina dos pescadores de alto-mar, trabalhadores do porto, funcionários de uma plataforma de petróleo, militares da Marinha, e ainda se aventurou em um cruzeiro.

Na edição seguinte, *O Brasil sobre duas rodas*, os jovens profissionais saíram às ruas para mostrar a vida de quem usa a moto para ganhar tempo e dinheiro. No trânsito caótico de São Paulo, os jornalistas encontram histórias surpreendentes de quem precisa da moto para sobreviver. Um mês depois, o tema foi *O Brasil da hora-extra*. Em destaque, a vida de trabalhadores que se desdobram em mais de um emprego ou fazem hora-extra com frequência. Pessoas que passam mais tempo no trabalho do que em casa.

Essa predileção por traçar perfis talvez se justifique pelo próprio objetivo que todo programa tem de atrair uma audiência. Para a pesquisadora Mônica Martinez,

“nada mais natural que a defesa da humanização da narrativa para atingir um público em potencial que a cada dia está mais perplexo diante de um novo mundo, globalizado e sistêmico”. (MARTINEZ, 2008, p.32).

Na última edição especial do *Profissão Repórter*, os jornalistas apresentaram um assunto inusitado: a vida de quem faz de tudo para ter fama. Em foco, os desafios e obstáculos de quem quer se destacar na multidão, ser alvo de todos os olhares, atrair câmeras e *flashes*. Neste caso, foge-se da temática do emprego para diagnosticar essa obsessão pelo sucesso a todo custo, alimentado, muitas vezes, pela falsa ilusão de que tudo é beleza e *glamour* na vida de uma estrela da mídia.

Curiosamente, o *Profissão Repórter* vem ocupar o espaço do *Linha Direta*, um outro programa da TV Globo de audiência bastante considerável, chegando a alcançar o “terceiro lugar em audiência na televisão brasileira”. (MENDONÇA, 2002, contracapa).

O *Linha Direta* explorava, normalmente, um assunto por edição. O foco principal eram ocorrências policiais de maior repercussão ou apelo emocional, nas quais o suspeito ainda encontrava-se foragido e, por isso, o telespectador era chamado a denunciar. Para compor todo o quadro narrativo, buscando-se uma representação que fosse tida pelo público a mais fidedigna possível, o programa unia elementos e técnicas do jornalismo – como pesquisas a documentos, entrevistas com a família e os conhecidos da vítima – a imagens de simulações “que mais se assemelham à narrativa ficcional literária e cinematográfica”. (MENDONÇA, 2002, p.18). A dramatização do crime era realizada por atores e baseava-se em relatos dos envolvidos e em registros na justiça. Nessa miscelânea entre realidade e ficção, nota-se que a noção de verdade prevalecia, uma vez que, diversos casos só foram solucionados com a ajuda do telespectador. Ele acreditou no programa e efetuou a sua denúncia.

O aspecto que chama a atenção no fato do *Profissão Repórter* ocupar, uma vez por mês, o espaço próprio do *Linha Direta* refere-se exatamente a algumas semelhanças quanto ao tratamento do discurso e das imagens. Em ambos os programas trabalha-se a questão da “transparência da linguagem como efeito ideológico, produzido no momento mesmo da fala” (MENDONÇA, 2002, p.26); ou seja, faz-se uma apropriação de um discurso muito próximo da oralidade, de maneira não só a se aproximar do público mais genérico, como também a ajudar o telespectador na identificação do contexto que se quer passar. Quando estamos assistindo ao *Linha Direta* ou ao *Profissão Repórter*, a narração em *off*, bem “casada” com a imagem, nos ajuda a embarcar pelo universo retratado juntamente com o apresentador (no primeiro programa citado), ou com o repórter (no segundo programa). Quando, no *Linha Direta*, o locutor relata o que aconteceu na cena do crime, o telespectador, mesmo assistindo a uma simulação, é convencido pela suposta versão “real” do fato e tende a efetivar sua crença através da denúncia. No caso do *Profissão Repórter*, não se tratam de simulações, e sim de uma supervalorização da imagem como instância verbal, que assume muitos significados por si só. Essa imagem, associada a uma narração que vem descrevê-la em suas implicações, produz a sensação de verdade no telespectador. E, mais ainda. Por vir, muitas vezes, imbricada de comentários pessoais do repórter (que acompanhou todo o desenrolar da ação, e tem a liberdade de explicar suas impressões), pode se apresentar como artifício para conduzir ao julgamento do público. Mas essa linguagem só assume sua transparência se o receptor assim a considerar.

O equívoco da transparência da linguagem e o esquecimento de que a verdade é sempre produzida vão estar sempre presentes, lado a lado, na constituição do discurso jornalístico. O lugar de “explicador dos fatos”, pretendido pelo jornalismo, só poderá ser ocupado (como é) na medida em que o leitor aceite como verdade a informação que está recebendo. (MENDONÇA, 2002, p.28).

Pode-se dizer que tanto o *Linha Direta* quanto o *Profissão Repórter* são elaborados a partir de três níveis: “o nível jornalístico, o nível dramaturgico e o nível documentário”. (MENDONÇA, 2002, p.69). No entanto, cada um dos programas faz uso e mistura destes ingredientes em determinada proporção.

O nível jornalístico trata da apuração propriamente dita. Envolve a produção da reportagem, definição da pauta e levantamento das informações. No caso específico do programa idealizado por Caco Barcellos, é este o componente que mais aparece no produto final. A todo o momento, a reportagem é permeada por intervenções do repórter, exatamente para marcar a importância de seu trabalho de apuração. O jornalista deixa de ser um coadjuvante na produção da matéria e assume o papel principal.

O nível dramaturgico envolve a inclusão de elementos da narrativa ficcional clássica na elaboração do discurso. Em *Linha Direta*, trata-se da construção das simulações, elaboradas a partir de depoimentos e registros verídicos, porém realizadas através do gênero melodramático, com a participação de atores, a construção de um cenário, o uso de sonoplastia e a narração da história por um locutor. Já em *Profissão Repórter*, este elemento dramaturgico está implícito na própria dinâmica da reportagem: ao priorizar a personificação, dando todo o enfoque à figura e à vida do personagem da matéria, constrói-se ali uma história, com início, meio e fim. Para tanto, a agilidade da câmera, o *BG*¹² de fundo e os comentários do repórter são fundamentais, uma vez que ajudam a permear a reportagem de uma carga emocional, importante em toda narrativa.

Paralelamente a essa construção, existe também a própria saga do jornalista que é colocada em evidência no *Profissão Repórter*. A cada edição, um novo ambiente a

¹² Conforme a definição por Vera Íris Paternostro (1987, p.87), o *BG* (ou *background*) é o “ruído do ambiente ou música que acompanha, ao fundo, a fala do repórter”.

desbravar, um novo desafio a vencer. E o passo a passo dessa aventura é revelado ao telespectador através de alguns *flashes* inseridos entre um depoimento e outro, ou entre imagens de impacto.

Por último, e também muito presente no *Profissão Repórter*, está o nível documentário. Este é o responsável por promover a união entre o jornalístico e o dramaturgicamente, uma vez de que dispõe de certas liberdades formativas e discursivas das quais o jornalístico se priva. Por exemplo: a elucidação dos bastidores da produção é característica próxima do documentário, que, em muitos casos, se apropria de imagens “brutas” para emoldurar melhor o contexto da realidade que está documentando. Os bastidores passam, assim, no nível documentário, a ter uma significação dentro da narrativa - conseguem unir a “tradição” jornalística (que seria a reportagem em si) às liberdades de produção que a série inaugura.

4.3 O PROGRAMA

Em dois anos de exibição, o *Profissão Repórter* parece ter caído no gosto do público. Tanto que, a partir de 2008, Caco Barcellos e sua equipe de jovens jornalistas dão um salto ainda maior ao que foi conquistado no ano anterior: a série torna-se um programa independente e vem a se estabelecer em dia em horário fixos na grade da TV Globo. No dia 3 de junho de 2008 estreava a nova versão do quadro que, todas as terças-feiras, às 23h40, poderia ser conferida pelos telespectadores.

Agora, a duração se restringia a cerca de vinte e cinco minutos. Na equipe principal, fixaram-se Caco e mais oito jovens: Felipe Gutierrez, formado em Administração Pública e Jornalismo; Gabriela Lian, graduada em Jornalismo e

estudante do curso de Letras; Mariane Salerno e Taís Itaqui, ex-estagiárias da TV Globo e também jornalistas; Thiago Jock e Caio Cavechini, jornalistas e documentaristas; Julia Bandeira, formada em Jornalismo; e Nathália Fernandes, jornalista e editora de texto. A direção do programa continua nas mãos de Marcel Souto Maior. Além destes, outros doze profissionais se dividem entre as funções de Chefe de Reportagem, Edição Final, Edição, Edição de Imagens, Imagens e Arte.

Mesmo conquistando o *status* de programa, o *Profissão Repórter* ainda mantém sua estrutura de “série” intacta. Continua sem uma apresentação em estúdio, como é comum em programas jornalísticos tradicionais. Ao invés disto, trabalha-se com uma apresentação *in loco*. O jornalista veterano Caco Barcellos atua como esse elo que liga as reportagens simultâneas. O diferencial é que seu discurso de apresentação e de interligação dos fatos é proferido no lugar onde ele faz a sua cobertura, no calor dos acontecimentos. Caco, assim como os demais jovens repórteres, participa da apuração, faz entrevistas, tece comentários sobre suas ações. Mas seu papel ainda ultrapassa o de um repórter de rua. Por ser o idealizador do programa, o jornalista também atua como o tutor desses jovens, apresentando-lhes o desafio a cumprir. E é nele, e em toda a sua trajetória enquanto jornalista investigativo, que os jovens vão se espelhar para se aventurarem, a cada semana, na descoberta de um caminho novo que os leve à informação oculta ou à fonte inacessível.

Quanto à temática, o *Profissão Repórter* reforça a idéia de busca de promoção de uma identidade social e cultural com o público. O direcionamento das matérias volta-se para assuntos polêmicos, que estão no dia-a-dia das pessoas. Na primeira edição, apresentada em 3 de junho de 2008, o assunto focado foi a doação de órgãos. Os repórteres se dividiram em duplas para acompanhar todo o processo de captação do

órgão até a cirurgia de transplante. Em discussão, um problema atual da sociedade: a dificuldade em se conseguir doadores e a angustiante espera de quem está com a vida por um fio.

Entre as edições que marcaram o período que delimitamos para análise (de 03 de junho a 21 de outubro de 2008), uma gama variada de assuntos foi trabalhada, a maioria delas tratando de casos impactantes ou, no mínimo, curiosos. Os hospitais que atendem as vítimas de tiroteio, o drama das famílias que sofrem com o desaparecimento de seus parentes, as trágicas histórias de acidentes de trânsito, a vida das pessoas cegas, as festas onde os jovens se conhecem e formam casais. Temas tratados de forma ampla e inovadora, uma vez que foram explorados sob a ótica abordagem multiangular, onde cada repórter se encarregava de acompanhar, de perto, um lado distinto da questão. Ao enfocar as várias partes de um determinado fato, consegue-se elaborar uma visão menos estereotipada do assunto e, com isso, produzem-se efeitos diversos, chamando sempre a atenção para a conscientização quanto à raiz do problema. Na edição de 15 de julho de 2008, que abordava os acidentes de trânsito, a cobertura dos repórteres não se limitou a registrar a dor de quem perdeu um amigo ou parente, vítima da imprudência na direção. Mostrou-se também a cobertura factual de um acidente que matou uma mulher no Mato Grosso do Sul. A equipe conseguiu localizar o motorista, que no dia do acontecimento estava bêbado, e constataram que ele continuava dirigindo livremente pelas ruas, sem sofrer qualquer penalidade. Durante a produção da matéria, um acontecimento mudou ainda mais os rumos da apuração: a Lei Seca¹³ entrava em vigor.

¹³ Em 19 de junho de 2008, o governo federal revogou a lei que proíbe motoristas de dirigirem alcoolizados. A nova lei torna ilegal dirigir com concentração a partir de dois decigramas de álcool por litro de sangue. A punição para quem descumprir a lei prevê suspensão da carteira de habilitação por um ano, além de multa de R\$ 955 e retenção do veículo.

Com isso, os jornalistas puderam mostrar também os impactos e a repercussão da nova regra entre os motoristas da cidade de São Paulo.

Interessante notar que, quando se trata de assuntos curiosos, em muitos casos, o trabalho da produção é ainda maior. Para manter seu padrão diferenciado dos outros programas jornalísticos de televisão, observa-se que há um esforço para encontrar fontes com histórias emblemáticas e inusitadas, que tornam a reportagem ainda mais instigante e atrativa.

Na edição de 8 de julho de 2008, na qual o sexo era a temática principal, a equipe consegue localizar Dona Rosinha, uma senhora de 73 anos que ainda continua fazendo programa nas ruas de São Paulo. Ainda na mesma exibição, os repórteres encontram uma família (pai, mãe e filho) que trabalham juntos em um cinema que só exhibe filmes de pornografia. Já na matéria sobre o dia de pagamento, exibida em 1º de julho de 2008, os repórteres detectam uma comunidade na Amazônia onde o dinheiro não existe: a moeda é a castanha.

Todo esse esforço por produzir matérias chamativas e interessantes parte da premissa de que o trabalho do jornalista deve ultrapassar a mera reprodução de informações. Para os teóricos Bill Kovarck e Tom Rosenstiel, a tarefa do jornalismo consiste exatamente em “encontrar formas de transformar o significativo em interessante, em casa matéria, e encontrar a mistura exata do sério e menos sério que oferece um relato do dia”. (KOVARCK; ROSENSTIEL, 2003. p. 226).

Essa motivação para a escolha da temática que irá permear as reportagens busca também atender à confiança que o telespectador deposita na mídia. Ora, se o público se dispõe a assistir a emissora, esta deve oferecer o produto que ele deseja consumir. O público confia na televisão “[...] porque ela lhe oferece um pouco de tudo e ele faz,

portanto, aquilo que quer”. (WOLTON, 2006, p.78). Disto decorre a idéia de um receptor ativo, que, embora não tenha uma interação direta com o meio, influencia-o na escolha do tema a ser explorado para, posteriormente, ser recontextualizado através do trabalho de apuração jornalística. Em seu estudo sobre o campo da recepção, Antônio Fausto Neto (1995, p.190.) revela que

A ênfase dada à questão do receptor passa, por exemplo, pelo estatuto de sua cidadania e, ao mesmo tempo, pela especificidade da sua condição de agente ativo no circuito sociocultural como instância produtora de mensagem.

No *Profissão Repórter*, a elaboração da narrativa para traduzir a realidade apresentada ao telespectador pode se avaliada como uma estratégia de atração e, ainda, de aproximação ao telespectador. A forma com que o fato é narrado, com a inserção de comentários do repórter, e a sua própria participação no acompanhamento do assunto mostram que o programa tenta se investir “[...] da atmosfera de simpatia e camaradagem, característica ideal de grupos primários como a família”. (SODRÉ, 1985, p. 67). Aquele repórter que antes era distante de seu público - sustentando a antiga idéia de que a objetividade e a isenção estavam no afastamento de seu objeto de estudo – agora se transforma em agente ativo da produção. Na perspectiva do programa, ele pode e deve se envolver com o ambiente do personagem a fim de conseguir absorver dali a sua essência, para, posteriormente, reproduzi-la ao telespectador. Em uma entrevista concedida ao programa *Marília Gabriela Entrevista*, exibido em 7 de setembro de 2008, pelo canal GNT, Caco Barcellos, idealizador da série, é bem enfático nesta questão do jornalista como um “ser social”, que deve estar sintonizado (e, por que não, sensibilizado), com as questões à sua volta. O jornalista escolhe os jovens repórteres da equipe do programa “a dedo”. O perfil que ele procura é o de um jornalista “inquieto e com consciência das desigualdades sociais. Tem que ter muita vontade de exercer a

profissão perto de gente, gostando de gente”. (BARCELLOS, 8 set. 2008 apud GABRIELA, 2008).

Outra observação pertinente refere-se à maneira como o conteúdo da apuração é apresentado no *Profissão Repórter*. A reportagem final parece mais a concretização de uma tarefa delegada aos jovens repórteres - já que as dificuldades na apuração também são reveladas -, do que um mero produto disponível para o consumo. Nota-se, assim, uma preocupação maior do jornalista em participar ativamente deste levantamento de dados, uma vez que o seu esforço também irá ganhar visibilidade. Pode-se dizer, assim, que o trabalho do repórter se assemelha ao de um detetive à procura de pistas que levem à elucidação dos fatos em sua integralidade.

No momento em que muitos órgãos informativos caminham na direção de uma produção veloz, com maior número e variedade de informações, em detrimento ao pensar sobre a notícia, o *Profissão Repórter* surge como uma alternativa viável dessa busca pelo aprofundamento. Ao acompanhar os vários lados de uma questão, o programa se reveste de um caráter interpretativo que tenta “documentar a notícia”. (BELTRÃO, 1980, p.78), apresentando uma contextualização mais aprofundada de determinado assunto.

A tarefa de buscar os diversos ângulos de um fato, compondo um olhar simultâneo da notícia, é um jogo instigante para os repórteres e, no mínimo, um atrativo a mais para quem está do outro lado da tela. O espectador é chamado a acompanhar essa montagem do “quebra-cabeça” que irá ajudar a elucidar o fato. Além disso, é despertada a curiosidade em saber se a tarefa foi ou não cumprida pelos jovens repórteres e, ainda, o desejo de conhecer as dificuldades para trazer essa realidade à tona.

Para conferir um realismo maior a essa representação que o *Profissão Repórter* tenta fazer da realidade, os repórteres cinematográficos investem na imagem, trabalhando, principalmente, o seu dinamismo. Assim como na versão de quadro do *Fantástico*, o programa faz uso de, pelo menos, duas câmeras em cada cena: uma câmera portátil e outra profissional.

A câmera profissional, com imagens mais estáticas, é manuseada por cinegrafistas profissionais e, por isso, segue os padrões de angulação e enquadramento da emissora. Ela fica responsável por captar toda a cena da apuração: tanto o repórter como o cinegrafista da câmera portátil estão em quadro. A preocupação é revelar aos telespectadores como é feita a produção da matéria, desde os posicionamentos do entrevistador diante do personagem até as escolhas de foco feitas pelo repórter cinematográfico, que acompanha diretamente o jornalista. É como se esta câmera fosse o olho do telespectador, aquele que visualiza o espetáculo de longe.

Já a câmera portátil é manuseada por um dos jovens que faz parte da equipe e trabalha em dupla com o repórter de rua. As imagens captadas por esta câmera são irregulares e palpitantes. “A câmera que desarruma, corta, corre, gira, treme e finge que documenta, para inventar um mundo à parte; a câmera que toma decisões sem pensar, guiada só pelo instinto”. (MOTA, 2001, p.127). Assim como na estética explorada pelo documentarista Glauber Rocha, como destaca Regina Mota, a câmara móvel, no *Profissão Repórter*, seria o que chamamos de câmera subjetiva, aquela que faz uma gravação mais livre, seguindo as “emoções” despertadas durante o acontecimento. Esse instrumento de captação de imagens é quase que o terceiro olho do correspondente. Mas esta concepção só é possível porque a dupla cinegrafista-repórter trabalha sempre na

busca de uma matéria coesa, ou seja, cada um deve entender que precisa do trabalho do outro.

A intimidade do repórter com a câmera obriga a câmera a se comportar como se estivesse atracada a ele, ao corpo que ele usa em movimentos de aproximação ou afastamento, rotação, o que produz quadros pouco comuns. (MOTA, 2001, p.125).

Com todo esse trabalho estético da câmera subjetiva, o telespectador acaba sendo envolvido pelo clima de “aventura” da reportagem. As imagens gravadas se constituem como uma representação dotada de sensibilidade, exatamente por trazerem em si uma sensação de imediatismo e por não demonstrarem ter passado por processo de edição ou elaboração maior. As tomadas irregulares, os cortes abruptos e os enquadramentos inovadores transformam a imagem em um elemento discursivo muito forte dentro da narrativa que é apresentada, afinal, não apenas o que está diante da câmera tem a sua significação. Os movimentos e as escolhas de cada *take*¹⁴ podem e têm muito a dizer – e chegam, em muitos casos, a modificar o sentido de determinada ação captada pela lente do aparelho.

No programa exibido em 16 de setembro de 2008, cujo tema foram as queimadas na Amazônia, a “agitação” da câmera durante a operação de voluntários para conter um incêndio consegue transmitir ao telespectador toda a adrenalina que contaminava tanto os “bombeiros amadores”, quanto (e, principalmente), os repórteres que acompanhavam de perto aquela operação arriscada. Assim também, na edição de 17 de maio de 2008, que tinha como tema a “multidão”, as imagens captadas pelo cinegrafista dentro de um metrô trazem em si uma informação que talvez não se conseguisse passar através de uma narração em *off* do repórter ou de entrevistas. As imagens tremidas, captadas com o auxílio de mãos estendidas sobre a cabeça das

¹⁴ “*Take* ou ‘tomada’ designa uma quadro da imagem. Mudar um *take* significa substituir aquela imagem por outra”. (PATERNOSTRO, 1987, p.99).

peessoas, conseguiram conferir à cobertura um realismo único, quase que chamando o telespectador a “sentir” o que os passageiros daquele vagão lotado sentiam. O movimento da câmera acompanhava o “empurra-empurra” das pessoas, a dificuldade na captação das imagens bastava para representar, ali, a mesma dificuldade dos passageiros em ter algum ângulo de visão dentro do metrô.

Em outra edição, exibida em 10 de maio de 2008, sobre o sonho de meninos brasileiros em se tornarem um craque do futebol, o cinegrafista captava imagens do banco ao lado do motorista no carro onde a equipe seguia rumo a um alojamento clandestino. O que os telespectadores puderam ver diante da tela era o mesmo ângulo de visão que os jornalistas tinham (câmera subjetiva). Assim, o público se aproximava ainda mais do repórter, compartilhando um pouco das percepções que só quem está diante do acontecimento pode ter.

Com o uso de tantos artifícios, o jornalismo praticado pelo *Profissão Repórter* se reveste de um tom de “camaradagem” ainda maior do que o que já era praticado em programas como o *Fantástico*. Além das escolhas de formato e conteúdo que visam à aproximação do “mundo distante” da produção da reportagem ao telespectador, o próprio jornalista assume uma postura “amigável” e “próxima”, fazendo com que o programa ganhe ainda mais a fidelidade do público.

No *Profissão Repórter*, o correspondente não apenas apura o fato como também o interpreta, quase como um ator. Em muitas matérias, ele assume a “máscara” do personagem para penetrar ainda mais no universo retratado. Na edição sobre os locais de grande aglomeração de pessoas, Caco Barcellos resolve embarcar em uma viagem no metrô de São Paulo. Sente, na pele, o que os trabalhadores e cidadãos passam todos os dias. No meio do aglomerado, Caco quase quebra o dedo da mão e se perde do

cinematográfico. Em outra edição, sobre as pessoas que viram a noite trabalhando, a própria apuração exigiu dos repórteres vivenciarem o que seus personagens passam diariamente. A repórter Mariane Salerno acompanhou o trabalho de dois policiais que passam a madrugada fazendo ronda na periferia do Rio de Janeiro. Ao final do expediente do militar (e, conseqüentemente, o fim da cobertura), o policial pergunta à repórter: “Como você se sente agora?”. “Eu tô destruída. Tô bem destruída”, diz Mariane Salerno. (PROFISSÃO REPÓRTER, 22 set. 2008).

A proposta do programa em distribuir a equipe de maneira que cada dupla participe do acompanhamento “integral” da extensão de um acontecimento ou da rotina de um personagem faz com que o repórter tenha um contato maior com o fato que está cobrindo. Caco Barcellos reitera a “naturalidade” (e talvez até, a importância) do envolvimento do jornalista com o assunto noticiado, admitindo sua própria reação em determinadas ocasiões: “Sofro muito, choro, tento me esconder das câmeras”, diz o jornalista à Maria Gabriela, em programa exibido no dia 7 de setembro 2008, no canal GNT.

E para os jovens repórteres, que lidam, a cada matéria, com experiências e situações novas, esse envolvimento é ainda mais inevitável e evidente (no caso específico do *Profissão Repórter*). No *blog* do programa, no espaço destinado aos comentários da equipe, os jornalistas deixam claro o “mergulho” no universo que estão retratando. Na primeira matéria exibida pelo programa, sobre a doação de órgãos, Thaís Itaquí assume sua torcida pela jovem Amanda, que estava na fila de espera por um coração. “O que mais queria era que tudo desse certo e que o novo coração da Amanda batesse sem parar”. (BLOG PROFISSÃO REPORTER, 2008). Em seu desabafo, a repórter revela também o quanto a experiência de acompanhar o processo de doação de

órgãos marcou a sua vida: “O drama da espera de um coração foi algo que me fez pensar e repensar em todas as barreiras que já enfrentei na vida”. (BLOG PROFISSÃO REPORTER, 2008).

A avaliação deste comportamento do mediador sugere um questionamento pertinente: quem seria, então, esse “novo” repórter, que agora se permite emocionar diante de acontecimentos e pessoas? Notamos que o jornalismo tem avançado neste sentido, buscando uma postura mais humana e distante daquele antigo comportamento insensível e objetivo ao extremo. Sabe-se que é impossível uma objetividade completa, uma vez que todo o trabalho jornalístico é permeado por escolhas que evocam sua subjetividade: desde a determinação da pauta, passando pela condução de uma entrevista e finalizando com a elaboração da matéria final. Entretanto, isto não significa, necessariamente, uma unilateralidade ou “tomada de partido”. Para evitar este problema, o profissional precisa ter em mente que ele é testemunha do fato, e não o personagem principal, de maneira a evitar qualquer interferência que prejudique a credibilidade do relato.

Observamos que o *Profissão Repórter* se afasta da idéia de um jornalista objetivo, “longe” de suas fontes e da realidade que reproduz, para explorar a subjetividade do repórter. A “humanização” do jornalista não é só importante para a própria “ideologia” do programa, como também é incentivada em sua página na internet, onde os jornalistas têm a oportunidade de comentar cada apuração, e, mais importante, contarem com o *feedback* do telespectador que também tem o seu espaço no *blog* para discutir as matérias apresentadas e a atuação do repórter.

Disto decorre um outro aspecto interessante da série: o investimento na interatividade. Se, como foi colocado anteriormente, as próprias estratégias enunciativas

do programa já buscam a promoção de uma intimidade maior com o público, a criação de uma página na internet, onde o telespectador pode tecer comentários, sejam críticos ou elogiosos, aparece como uma ferramenta a mais para a manutenção desse contato entre emissor e receptor. O jornalista escreve para seu público, trazendo as suas impressões do trabalho de cobertura do fato, e este dá o retorno com sua avaliação sobre o produto final apresentado (a reportagem em si).

O *site* do programa tem também a função abrir ainda mais as portas do mundo desconhecido dos bastidores da produção. Nos depoimentos, os jornalistas contam como foi a experiência de vencer os desafios da notícia. Assim, o telespectador é capaz de visualizar melhor todo o trabalho de produção, de uma reportagem. Ele acompanha os *flashes* dos bastidores na própria exibição programa, e aprofunda ainda mais esse processo visitando a página da internet e acessando os comentários dos repórteres, quase que um “relatório de reportagem”.

Ao trazer à tona aquilo que se passa antes e durante a apuração do fato, o programa se reveste de um teor ainda mais informativo, atendendo ao telespectador exigente, que gosta de “experiências em profundidade”. (MCLUHAN, 2003, p. 373). Nesse sentido, a escolha por apresentar os bastidores da notícia é uma cartada versátil para atender a esse público. Luiz Beltrão defende que “o imperativo do público concentra-se então na vontade de conhecer a gênese da notícia e, igualmente, o prognóstico sobre seus efeitos”. (BELTRÃO, 1980, p. 51).

Ora, se o programa se propõe a revelar algo que sempre foi encoberto pelos demais veículos de informação na TV, ele quer trazer em si um atrativo adicional ao seu público. Aquilo que antes jamais era concebido como informação passa a ser eleito pelo *Profissão Repórter* como um de seus principais chamarizes, afinal, logo quando a

edição se inicia, Caco Barcellos declara: “Os bastidores da notícia. Os desafios da reportagem. Agora, no Profissão Repórter”. Se, quando existe um fato explodindo na mídia, todas as coberturas da televisão acabam se assemelhando, exatamente por se apropriarem do mesmo meio - afinal, como McLuhan (2003, p.21) propõe, “o meio é a mensagem” -, o programa de Caco Barcellos consegue se diferenciar, apresentando uma cobertura com uma roupagem bem diferente das demais, onde não só os dados que o repórter recolheu é informação. O seu trabalho para chegar até a notícia e a sua didática junto às fontes também agregam conhecimento e, por isso, ganham destaque na edição. A matéria se torna, assim, um segredo que vai sendo revelado passo a passo, sem um roteiro definido, uma vez que o jornalista é dotado de autonomia para introduzir na reportagem elementos do acaso.



E aquela sorte que a gente esperava lá no começo? Bem, a gente até precisava dela, mas decidiu deixá-la de lado e correr por fora. É que nem sempre a 'vontade de Deus', ou até mesmo a nossa vontade, traz a matéria para a redação.

Gabriela Lian (www.g1.com.br/profissaoreporter).

5 A “JORNADA” DO REPÓRTER

Neste período de seis meses em que o *Profissão Repórter* está como um programa fixo na Rede Globo (desde junho de 2008), muitos assuntos já foram abordados pela equipe. O trabalho dos profissionais da série exige dedicação redobrada, uma vez que o tempo para a produção, gravação e edição, segundo confirmou Caco Barcellos, em uma entrevista ao portal *Folha Online*, não ultrapassa sete dias, no total. Em algumas coberturas, os repórteres precisam viajar a lugares distantes e, neste caso, o desgaste físico chega a ser ainda maior. Mas nada é suficiente para impedir esses jovens profissionais de desenvolver um trabalho com toda a disposição de quem quer mesmo é conhecer universos novos e torná-los público. Provavelmente, tenha sido essa garra do jovem que motivou Caco a criar uma série jornalística que consegue dar um tratamento distinto e inovador à notícia. Para o idealizador do *Profissão Repórter*, “o olhar do jovem gera o material mais rico”. (BARCELLOS, 25 ago.2008 apud CAMARGO, 2008).

Exatamente por se tratar de um programa onde um dos focos é a força e a espontaneidade da juventude – unindo-se a isso, a revelação dos bastidores da reportagem e a própria elaboração dinâmica da matéria – fica muito claro, em todas as edições, a aproximação do papel desempenhado pelos repórteres à *Jornada do Herói*,

proposta por Christopher Vogler. Como os jornalistas estão em início de carreira, cada trabalho é uma oportunidade de aprendizado. No entanto, as lições só aparecem quando se enfrentam dificuldades. É assim também com a trajetória de um personagem heróico, onde o protagonista “cresce e se transforma, fazendo uma jornada de um modo de ser para outro: do desespero à esperança, da fraqueza à força, da tolice à sabedoria, do amor ao ódio e vice-versa”. (VOGLER, 1997, p28).

A impressão que o *Profissão Repórter* nos causa é a de que o programa seria como um “ritual de passagem” a essa nova geração de comunicadores. Depois de passar por esta “escola” (o próprio programa), onde o professor - que, na jornada, é designado como “mentor”¹⁵ - é o veterano Caco Barcellos, os jornalistas estariam melhor capacitados para atuar no mercado profissional. No entanto, diferentemente do que se imagina, a maior parte dos membros da equipe são comunicadores que estudaram em boas faculdades e fizeram pós-graduação. Alguns participaram do programa de estágios da Rede Globo, e outros, já atuaram como produtores de documentários. Desta maneira, o trabalho no *Profissão Repórter* seria mais para a aplicação do conhecimento conquistado na graduação e nas experiências iniciais da carreira. Apesar disso, notamos também que há uma certa preferência por temas que requerem uma cobertura mais perigosa e desafiadora. Assim, além de ser uma oportunidade de prática do que já foi aprendido, o programa acaba se tornando uma nova fonte de conhecimento aos jovens.

Para ilustrar estes argumentos, escolhemos uma edição do programa que será avaliada meticulosamente. Tentamos optar por uma atração que oferecesse e reunisse em si todas as características e teorias que apontamos ao longo desta monografia: a

¹⁵ Segundo Christopher Vogler (1997, p.34), “a função do mentor é preparar o herói para enfrentar o desafio. Pode lhe dar conselhos ou uma orientação”.

tendência à espetacularização, o jornalismo interpretativo (investigativo) e a *Jornada do Herói*.

Depois de uma avaliação de todas as séries que foram apresentadas de junho a outubro de 2008, o programa escolhido foi o “Maternidades”, exibido em 05 de agosto. Na atração, três duplas de jovens repórteres e Caco Barcellos se dividiram para apresentar uma cobertura simultânea do assunto: enfocam as raízes da grande mortalidade de bebês na Santa Casa de Belém, a situação atual da maternidade, e o dia-a-dia em um hospital gratuito que oferece um atendimento exemplar. Em uma semana de apuração, os jornalistas conseguem, através do trabalho de investigação, encontrar casos absurdos, denúncias reveladoras e histórias emocionantes. Com o leque de informações reunido, eles reconstituem o cenário que mostra um Brasil discrepante: de um lado, nas regiões mais pobres, a precariedade do atendimento à saúde, e de outro, o exemplo de um serviço público sério e altamente qualificado.

5.1 O CHAMADO À AVENTURA

Em julho de 2008, explode na mídia o caso da maternidade da Santa Casa de Belém, no estado do Pará: dezenas de mães que fizeram o parto no hospital perderam seus filhos recém-nascidos. A precariedade do centro de saúde choca os brasileiros. Funcionários mal remunerados, materiais e equipamentos em falta, e grande demanda a espera de atendimento. Mais incrível que isso é a ausência de ética dos profissionais que atuam na maternidade, que, além de não dedicar a atenção devida aos pacientes, ainda chegam a negligenciar as causas da morte dos bebês. Nos laudos, o motivo do óbito é

ignorado ou desconhecido. Nem mesmo as mães que perderam seus filhos sabem o que levou ao falecimento da criança.

Este cenário polêmico e perturbador é o *Chamado à Aventura* aos nossos “heróis”. Os telespectadores, indignados com a alta mortalidade dos bebês e com a precariedade da saúde pública, anseiam entender as causas que levaram a esta situação delicada e como vivem as famílias que já foram vítimas deste problema. Para tanto, o jornalista deve cumprir sua missão de informar, buscando os dados que o ajudarão a compor uma representação desta realidade. Ele sai de seu mundo e vai penetrar em um novo universo. Mariane Salerno e Thiago Jock vão para Belém para acompanhar o drama de mães que perderam seus filhos recém-nascidos, vítimas da precariedade da Santa Casa; em Mojú, interior do Pará, Caco Barcellos investiga onde começa o problema da falta de recursos em hospitais que atendem gestantes; Gabriela Lian e Caio Caveccchini viajam para o interior do Pernambuco para conhecer de perto o trabalho das parteiras que realizam partos dentro de casa; e Taís Itaqi e Felipe Gutierrez acompanham um dia na maternidade pública modelo de São Paulo, onde a taxa de mortalidade de bebês é baixíssima e a de gestantes, praticamente nula.

O programa começa revelando, através da edição – veloz e impactante – e do *BG*¹⁶ de fundo, o clima de tensão do qual todas as coberturas serão permeadas. Imagens de corredores de hospitais lotados, macas sendo encaminhadas com rapidez às salas de parto, e gestantes sofrendo contrações. Juntamente com estes *takes*¹⁷, a atuação de uma das repórteres já aparece logo na abertura. Taís Itaqi está no corredor do hospital de São Paulo e fala ao microfone demonstrando seu nervosismo: “Tá nascendo um outro

¹⁶ Conforme a definição por Vera Íris Paternostro (1987, p.87), o *BG* (ou *background*) é o “ruído do ambiente ou música que acompanha, ao fundo, a fala do repórter”.

¹⁷ “*Take* ou ‘tomada’ designa uma quadro da imagem. Mudar um *take* significa substituir aquela imagem por outra”. (PATERNOSTRO, 1987, p.99).

já... A gente não tem tempo de respirar aqui”. (PROFISSÃO REPÓRTER, 05 ago. 2008). Logo no início, é possível perceber que o *Profissão Repórter* não é como um programa jornalístico qualquer. Ali, o jornalista está mais perto do telespectador, e este vai poder ter acesso às emoções de quem acompanhou o acontecimento de perto (assim como se viu na primeira aparição da repórter Taís).

Caco Barcellos diz em *off*¹⁸: “Vida e morte se cruzam no *Profissão Repórter* de hoje”. (PROFISSÃO REPÓRTER, 05 ago. 2008). Assim que uma pequena seqüência de imagens sobre o tema do programa aparece, o jornalista volta em cena, mas agora diante da câmera: “Eu estou aqui no Pará e nossa equipe percorre três estados do país para mostrar”. (PROFISSÃO REPÓRTER, 05 ago. 2008). Entram, novamente, os *takes* de cada cobertura empreendida pela dupla de repórteres, coberta pela voz, em *off*, de Caco: “dia de nascimento em casa - os obstáculos do caminho das parteiras do Nordeste. E partos em série – um depois do outro em uma maternidade modelo de São Paulo. A emoção do nascimento”. (PROFISSÃO REPÓRTER, 05 ago. 2008).

O jornalista volta a aparecer na tela: “E a dor da morte aqui na Santa Casa de Belém, cenário de uma tragédia nacional”. (PROFISSÃO REPÓRTER, 05 ago. 2008).

E completa o texto em *off*:

Duzentos e oitenta bebês mortos em sete meses. Vamos contar essa história de todos os ângulos e mostrar que este drama começa longe daqui, nas cidades distantes da capital, onde a saúde não chega. Os bastidores da notícia. Os desafios da reportagem. Agora, no *Profissão Repórter*”. (PROFISSÃO REPÓRTER, 05 ago. 2008).

A abertura da atração deixa, de certa forma, nítida a função que Caco vai exercer diante dos jovens aprendizes. O jornalista experiente será como um “mentor”, ajudando-os a elaborar um material representativo daquela realidade. Por isso, durante

¹⁸ A voz em *off* é aquela que acompanha uma imagem. Seria a narração do jornalista sem que este apareça diante da câmera. O que se vê é a cena captada pela câmera unida a uma explicação/ direcionamento de quem elabora a matéria.

todo o programa ele faz interrupções com a voz em *off*, mesmo quando a cena se trata da apuração de outro profissional. É como se estivesse colocando o desafio para os repórteres, chamando-os e encorajando-os a participar da aventura. Por isso, em muitos momentos, apresenta os correspondentes e a função que será desempenhada, como nos exemplos: “Nossa equipe vai passar uma semana no interior do Pernambuco à espera de um parto” (PROFISSÃO REPÓRTER, 05 ago. 2008), e “Em São Paulo, os repórteres Taís Itaquí e Felipe Gutierrez visitam o hospital público de referência no tratamento de gestantes de alto risco”. (PROFISSÃO REPÓRTER, 05 ago. 2008).

Pela denominação de “mentor” entende-se como aquele que também pode ser considerado herói, porém que já se encontra em “estágio” mais avançado. Ele adquiriu experiência em outras jornadas que percorreu e, por isso, está apto a passar os conhecimentos que adquiriu aos mais jovens. Com mais de trinta anos de profissão e pelo menos vinte atuando na área investigativa, Caco Barcellos é como um “instrutor” e, ao mesmo tempo, “colega de trabalho” para os repórteres que fazem parte da série, uma vez que ele tanto “monitora” as coberturas (com as interrupções em *off*), como participa do trabalho de apuração, elaborando a sua própria matéria.

5.2 AS PROVAÇÕES

São Paulo. Gabriela Lian está ao telefone e conversa com uma parteira do interior de Pernambuco:

Gabriela Lian: Quando é a senhora acha que nasce?

Maria José (parteira): Eu creio que lá pelo dia 25.

Gabriela: Mas a senhora não tem um dia certo?

Maria José: Não, coração, aí só Deus...

Gabriela: Ai, Dona Zezé, fico sem saber que dia ir... (PROFISSÃO REPÓRTER, 05 ago. 2008).

Quando ainda está para entrar em um universo diferente, estranho ao seu mundo, muitas vezes o herói se vê diante de um conflito: o medo de que as coisas possam não dar certo o impulsiona para a desistência. Para seguir adiante, é fundamental que ele esteja bem preparado e determinado a realizar seu objetivo. No caso do repórter, essa preparação requer, segundo Mônica Martinez, um trabalho psicológico. “O jornalista bem preparado deve estar pronto não apenas para questionar os limites materiais, mas também os entraves emocionais, mentais e até espirituais”. (MARTINEZ, 2008, p.78).

E desafio físico e emocional é o que não faltou aos jovens profissionais nesta edição sobre partos e maternidade. Gabriela e Caio tiveram que atravessar um rio a pé para seguir a parteira, esperaram, por mais de oito horas, o momento em que gestante deu à luz, assistiram a um parto realizado de maneira “amadora”, e ficaram comovidos quando viram a criança nascer com saúde e vitalidade. Taís e Felipe se desdobram para conseguir acompanhar a movimentação no hospital público de São Paulo. Lá são realizados partos um em seguida do outro e, como a equipe não queria deixar de registrar nenhum momento, tiveram que se esforçar em uma cobertura corrida e agitada.

Mariane Salerno e Thiago Jock enfrentaram uma provação ainda maior: apuraram o drama e a indignação das mães de Belém que perderam seus filhos na maternidade. Em uma passagem da apuração, quando eles acompanham o enterro de um recém-nascido, Mariane chega a comentar em *off*: “[...] o sofrimento das famílias abateu a nossa equipe. A imagem mais triste que testemunhamos foi a da mãe Maria Geovane. Antes do enterro ela pede para vestir a filha”. (PROFISSÃO REPÓRTER, 05 ago. 2008). Depois da imagem da mãe, Mariane e Thiago aparecem chorando.

Tudo isso faz parte dos desafios que o *Profissão Repórter* coloca diante de seus integrantes. Assim como acontece com os heróis, a *Provação Suprema* é importante porque o protagonista sempre consegue tirar dela uma lição ou aprendizado.

5.3 DESAFIOS E LIÇÕES

Para ser herói, é preciso mostrar força e determinação. Colocar o benefício coletivo em lugar de sua comodidade individual. Quando a tarefa já está cumprida, vem o alívio: o “guerreiro” introduz uma mudança na vida cotidiana e usa as lições que conquistou na aventura para curar as suas próprias feridas. Deste pensamento também compartilham os repórteres, que dispõem de um espaço na internet – o *blog* do programa – para dividir com o seu público os maiores desafios que enfrentaram e o conhecimento que puderam absorver deles. Taís Itaquí diz ter uma nova visão do nascimento:

Sempre pensei na dor que a mulher sente quando chega o momento do parto. Na dor que se mistura com ansiedade e emoção num momento que é tão esperado. Só que naquela correria e expectativa dos nascimentos parei pra pensar no bebê e no sacrifício da sua vinda ao mundo. Quando olhei pra carinha deles, assim que saíram da barriga da mãe, me comovi com tamanho esforço que fizeram para nascer. (BLOG PROFISSÃO REPÓRTER).

Já Caio declara, em um bate papo com os repórteres exibido pelo *site*, que o maior aprendizado foi de como lidar com as emoções durante a apuração:

Uma outra coisa que é interessante comentar é que quando a gente tem uma situação dessa, assim, que tem um parto, que a gente tem que registrar, que eu a Gabi e o Michael que participamos dessa matéria vivemos, é algo como uma montanha russa emocional. Uma hora você tá numa expectativa, aí noutra hora você acha que não vai dar certo... E a gente ficou esperando, a gente correu de carro, aí tem aquela hora que você já acha que não vai acontecer naquele dia mais, já acha que vai ter que ficar até o dia seguinte esperando nascer e aí, nasce... (informação verbal) ¹⁹.

¹⁹ Informação extraída do vídeo exibido pelo *site* www.g1.com.br/profissaoreporter_

Estas lições só aparecem nítidas porque o quadro explora práticas que provocam um envolvimento maior do repórter. Assim como já era utilizado no “Jornalismo Literário Avançado”, como classifica Mônica Martinez (2008, p.32), a equipe do *Profissão Repórter* prioriza a observação participante, a construção da rotina dos personagens, o fluxo de consciência e o próprio diálogo entre entrevistador e fonte. Com isso, torna-se quase inevitável que o jornalista não se sinta tocado pelo tema que está apurando, principalmente se o assunto se referir a algo impactante.

Para compor a grande-reportagem, o mediador precisa acompanhar a rotina de seus personagens, participar de algumas ações praticadas por eles, enfim, tornar-se quase que seu amigo íntimo, a fim de que ele entenda um pouco melhor o universo que está retratando e também, para que o entrevistado tenha total liberdade para fazer seus desabafo, tão ou mais importantes que as observações e interpretações do repórter.

Por ter a liberdade de tecer alguns comentários sobre o que está sentindo durante a apuração, o integrante do *Profissão Repórter* dá uma ênfase ainda maior nesse “envolvimento inevitável”. Isto pode ser observado em algumas passagens da matéria sobre maternidades, como por exemplo, o momento em que Gabriela Lian chora quando a filha de Nova nasce pelas mãos de uma parteira. Sua comoção é tamanha que ela não consegue omitir diante das câmeras. Fica claro que o programa quer uma participação efetiva do repórter, mesmo que para isso, a matéria tenha que ganhar um toque subjetivo.

E é a subjetividade o ingrediente principal na elaboração de uma saga heróica. Sem emoção, a narrativa não consegue tocar o receptor das informações, que quer “participar” da ação, vendo-se dentro da cena relatada. É como Christopher Vogler orienta aos escritores de épicos: “Quando você estiver tentando levantar a audiência,

aumente seu grau de consciência, amplie as emoções. A estrutura da história age como uma bomba, para intensificar o envolvimento do público”. (VOGLER, 1997, p.220).

O apelo emocional também é matéria-prima na elaboração do espetáculo. Isto porque o discurso espetacular prioriza a aparência em detrimento ao real, tende a tornar visível uma dimensão que não se pode tocar. Para que esta nova versão da realidade seja, de certa forma, “palpável” ao receptor, ele precisa senti-la. Por isso, o despertar da sensibilidade e da emoção é fundamental.

Na edição “Maternidades”, o espetáculo é elaborado a partir do sofrimento das mães que perderam seus filhos. Imagens de enterros de recém-nascidos, do precário atendimento nos hospitais e do semblante abatido das mães, aliadas aos depoimentos emocionados dos entrevistados, constroem esse universo abstrato que pode ser vivenciado pelo espectador. A tela da TV servirá de palco à vida de cada um. Ali, o público despeja suas angústias e sofrimentos pessoais. Ele sofre com as personagens, indigna-se com suas dores.

Mas isto só acontece se o impacto do não-verbal for tão forte quando o do verbal. Por isso, a câmera não se esquiva de revelar algo que possa deixar o telespectador perplexo – esta é a sua função. No caso da reportagem que escolhemos para análise, podemos citar alguns momentos em que esta prática pode ser notada: a imagem dos corpos de bebês mortos, envoltos por papel e guardados em um freezer dentro da Santa Casa de Belém; de mães dividindo o mesmo leito com seus filhos recém-nascidos no hospital de Mojú; de mulheres chorando a perda de seus filhos ao lado das sepulturas; do enterro de um bebê, sendo levado dentro de um caixote de compensado (e antes de ser sepultado, a mãe pede para abrir o caixão a fim de vestir a criança); do parto realizado dentro de casa por uma parteira e a tensão na hora de retirar

a placenta; e dos nascimentos que aconteceram na maternidade de São Paulo – a agitação nos corredores, as gestantes sofrendo contrações, o primeiro choro dos recém-nascidos. Tudo isso, esse apelo ao realismo, é de extrema importância para que o universo “aparente”, ou seja, aquele “encenado” diante da câmera, possa ganhar vida no íntimo de cada telespectador. A imagem, portanto, “se tornou a principal ligação do indivíduo com o mundo que, antes, ele olhava por si mesmo, de cada lugar aonde pudesse ir. A partir de então, é evidente que a imagem será a sustentação de tudo”. (DEBORD, 1997, p.188).

Uma outra característica desta espetacularização e que também está presente na maioria das reportagens apresentadas pelo *Profissão Repórter* é a própria investigação: o destaque para flagrantes, o emprego de artimanhas - como gravadores e câmeras ocultas, a busca da informação ou do depoimento exclusivo. Quando Mariane Salerno e Thiago Jock vão até a Santa Casa de Belém para apurar as denúncias da alta mortalidade de crianças, eles não conseguem fazer a matéria pelas vias legais. A direção do hospital não permite a gravação de imagens. Sem outra alternativa, eles recorrem a uma câmera escondida para registrar o que acontece no interior da maternidade.

Mariane: Só conseguimos entrar na Santa Casa com uma micro-câmera. O forte cheiro de tinta mostra pintura recente. A enfermaria está cheia e os acompanhantes se ajeitam como podem. Aqui eu conheço a Clélia. Ele teve gêmeos, mas saiu da maternidade só com uma menina. (PROFISSÃO REPÓRTER, 05 ago. 2008).

Continuando sua investigação, Mariane encontra Clélia em sua casa e a mãe lamenta a perda da outra filha. A equipe do programa consegue localizar um fotógrafo paraense que registrou a precariedade do hospital quando o caso tinha acabado de ser divulgado na mídia. Cristino Martins foi alertado por parentes e gestantes de que havia no hospital um freezer onde os corpos dos bebês e de fetos eram guardados. Ele

conseguiu tirar uma fotografia do local e conta à jornalista o que sentiu quando confirmou a denúncia:

Cristino Marins (fotógrafo): Uma cena terrível, que eu jamais vou me esquecer. Como é que eu vou abrir um freezer, olhar dentro de um freezer, na horizontal e vou encontrar mais de doze bebês e fetos enrolados em um papel, você ta me entendendo? Identificados de uma forma grotesca com caneta... (PROFISSÃO REPÓRTER, 05 ago. 2008).

Mariane, então, se encontra com Caco – que classificamos como o “mentor” dos jovens “heróis” -, para discutir as informações que apurou:

Mariane (para Caco): As guias de sepultamento para bebês aparecem assim: causa da morte – ignorado. Causa da morte: desconhecida.

Caco (para Mariane): Você conseguiu provar?

Mariane: Sim, nós temos imagem. Então há um descaso em explicar. Os pais não recebem nenhuma explicação.

Caco: É. Como é que não recebem uma causa? Todo mundo tem uma causa de morte, né?

Mariane: É, é claro. E se não for o médico pra dizer qual é a causa, quem vai dizer?

(PROFISSÃO REPÓRTER, 05 ago. 2008).

Durante o processo de investigação, a repórter localiza mães que perderam filhos e ainda Michelle Paes, vítima de erro médico. O obstetra que fez o seu parto esquecera uma compressa dentro de sua barriga. A mulher sofre com as seqüelas até hoje.

5.4 O RECONHECIMENTO

Diante desse empenho em localizar personagens que pudessem comprovar todas as denúncias e, assim, o ajudasse a trazer a verdade à tona, a aproximação do repórter à figura heróica acaba sendo natural. Somente por aparecer na televisão, o trabalho do jornalista já é visto de maneira diferenciada. E, quando a dedicação deste profissional ganha ênfase – no caso do *Profissão Repórter*, através da revelação dos bastidores e do próprio desafio que é delegado aos novatos – o público tende a dignificá-lo ainda mais. Ele reconhece a importância de seu esforço dedicado para conquistar um bem coletivo.

Admite que o repórter está ali, correndo todos os perigos em seu lugar, justamente para mantê-lo informado.

Tudo isso pode ser comprovado, no caso específico do *Profissão Repórter*, através dos comentários que os telespectadores deixam no *blog* da série, como o de Joseni Magalhães, postado no dia 06 de agosto de 2008, dia seguinte à exibição da matéria sobre maternidades:

Olá. Parabéns... 1.000 vezes parabéns a vocês pelo excelente programa. O encontro com vocês é encontro com gente, é encontro com as lágrimas, com o riso, com a dor. Hoje, as minhas lágrimas se misturaram da dor ao riso, da tragédia à esperança. E sempre uma profunda indignação com o descaso do poder público com o povo. Amo também em vocês (equipe) esta humanidade gostosa do choro, do medo, do espanto, do riso, que nos aproximam de uma maneira muito significativa diante dos fatos.
Abraço. (BLOG PROFISSÃO REPÓRTER)

Na própria exibição do programa “Maternidades” esse reconhecimento pelo público pode ser notado. Nova Oliveira da Silva, a gestante que deu à luz em sua casa com o auxílio de uma parteira, decidiu mudar o nome da criança logo depois que conheceu a repórter Gabriela Lian – designada para acompanhar o parto.

Caco (no off): O bebê iria se chamar Aline Caroline ou Rakelli. Mas a chegada da nossa repórter mudou os planos da mãe.
Nova: Gabriela.
Caio (para Nova): ‘Chará’ da repórter?
* Nova balança a cabeça positivamente. (PROFISSÃO REPÓRTER, 05 ago. 2008).

Guy Debord (1997, p. 189) diz que aquele que fala no espetáculo é objeto de “adoração” por parte de seu público. Mas existe também uma outra reverência: a autovalorização. O próprio repórter tende a envaidecer-se de seu trabalho e suas conquistas. Ele reconhece a importância de seu papel na sociedade e, além disso – no caso de admiradores de aventuras - se vê realizado ao vencer as dificuldades e elaborar uma reportagem que dê conta de representar um acontecimento ao telespectador. Nilson Lage (2004, p.09) acrescenta:

Se perguntarmos para as pessoas em geral que figura humana é mais característica do jornalismo, a maioria responderá, sem dúvida: o repórter. Se interrogarmos um jornalista sobre quem é mais importante na redação, ele – excetuado o caso de algum projetista gráfico ou editor egocêntrico – dirá que é o repórter.

A profissão se reveste, assim, de um caráter romanceado. Os jornalistas se orgulham do papel social que representam e, acima de tudo (quando se trata de uma investigação), se orgulham do desafio de descobrir segredos e anunciá-los ao público, acreditando que sua função é revolucionária.

Talvez seja por esta necessidade de valorização – e a crença na importância em deixar isso bem nítido –, que o *Profissão Repórter* escolha mostrar todos os jornalistas em ação e o passo a passo deste trabalho. No programa “Maternidades”, por exemplo, além de aparecer os bastidores da gravação, o repórter cinematográfico várias vezes aparece filmando ou mesmo fazendo interferências na cobertura. Quando a dona-de-casa Nova está dando a luz à sua filha, Caio Cavechini, que atua como cinegrafista nesta edição, aparece capturando as imagens do parto a câmera portátil. Minutos após, Caio conversa com Gabriela Lian e depois, com a parteira Cícera:

Caio (com a câmera na mão): São sete e dez. E a ganhadora do bolão do horário foi a Gabriela.

Gabriela (para Caio): Mulher sabe das coisas. Vocês não sabem nada.

Caio (com a câmera na mão/ olha para o relógio): Eu pensei que só fosse acontecer às nove e meia da noite.

Caio (aparece filmando e pergunta para Cícera): O que é mais difícil agora?

Cícera (apalpando a barriga da gestante): O difícil agora é esse aqui. A placenta. O segredo é isto aqui. (PROFISSÃO REPÓRTER, 05 ago. 2008).

São heróis os que realmente mergulham no universo desconhecido onde se instala a aventura, que participam dos desafios e não abrem mão de estar presente em todos os “acontecimentos-chave” da narrativa. Assim também notamos na série *Profissão Repórter*. Jovens profissionais, determinados a vencer os obstáculos da reportagem como uma forma de auto-conhecimento e da conquista de valorização por

seu trabalho. Como “mártires”, estão sempre com a sociedade que representam, voltam todo o seu trabalho a ela, e esperam desta um retorno. O programa termina, mas deixa um “gostinho de quero mais” nos telespectadores, propondo a satisfação deste desejo através da interatividade permitida na sua página virtual. Ali, os repórteres se “rehumanizam” e reafirmam o clima de aproximação e camaradagem com seu público – fundamental para que sejam reconhecidos como heróis da informação. “Caco: Nosso programa continua agora na internet. Você pode conversar com os repórteres da nossa equipe por meio do nosso site g1.com.br/profissaoreporter”. (PROFISSÃO REPÓRTER, 05 ago. 2008).

6 CONCLUSÃO

Em uma sociedade cada vez mais necessitada de um sentido para a realidade que a cerca, a função do jornalista se reveste de uma responsabilidade e um poder muito grande. Mais do que um mero produtor de notícias, o repórter assume o papel central de correspondente. Para tanto, precisa entender que está representando uma parcela importante da sociedade e que seu trabalho deve sempre ter o cidadão como referência. Esta atuação garante ao mediador um reconhecimento por parte da comunidade para o qual ele trabalha.

Assim também é a postura de um herói. Ele tem como motivação a busca de um benefício coletivo. O reconhecimento é consequência. O que vale é a determinação para atingir seus objetivos e as experiências que conquista a cada etapa. Esta é a jornada de um mártir: ele recebe um chamado à aventura, enfrenta os obstáculos, e volta para a casa com um “elixir”, que seria o bem oferecido a coletividade, uma nova descoberta que pode beneficiar os demais. Em *Profissão Repórter* detectamos várias semelhanças com este ciclo: os jovens recebem o desafio delegado – mesmo que implicitamente - por Caco Barcellos (mentor dos aprendizes), passam por várias dificuldades - reveladas no programa através dos bastidores da apuração -, elaboram a matéria final que é apresentada aos telespectadores, e absorvem uma nova lição, que é compartilhada com o seu público no *blog* do programa.

E, quando falamos em televisão, o *glamour* é quase sempre inevitável. A imagem reforça a importância de quem está ali, representando o público. A TV sabe fazer da vida um espetáculo, e a sociedade de massa, adepta à mídia audiovisual, acaba por se tornar uma sociedade da aparência, da representação. Na série *Profissão*

Repórter esse “show” é ainda maior. A realidade está mais próxima e palpável ao telespectador na medida em que os bastidores não são descartados. A revelação dos erros, conflitos e tensões da apuração de uma reportagem apaga a antiga imagem de um ser “intocável”, dotado de “superpoderes”. Por outro lado, é exatamente a quebra desses estereótipos que provoca a humanização do repórter. E aí notamos uma “mitificação inversa”: o público se identifica ainda mais com este jornalista humano, criando-se uma empatia ou simpatia, que será responsável pela construção de um laço entre emissor e receptor e, portanto, uma fidelidade em termos de audiência. Nota-se, assim, que o receptor quer ver na tela alguém mais próximo de si e não um ser “sobrenatural”.

Quanto mais o personagem televisivo demonstra seus sentimentos, mais ele conquista a simpatia do público. Ser herói é ser humano – um humano corajoso, determinado e, por isso, digno de admiração. Ele é como todos os outros, mas sua força o faz diferente, superior. Quem admira o herói, tem a expectativa de um dia ocupar o seu lugar, de também ser visto como um ser especial, dotado de virtudes e benefícios que o fazem chegar mais perto da informação. Daí a mitificação deste repórter mais próximo do receptor. Quando o público vê que aquele que está na tela é como ele, dignifica-o ainda mais, exatamente por reconhecer suas qualidades que o fizeram tornar-se um representante da sociedade.

As técnicas de apuração utilizadas por este correspondente da sociedade também são importantes. Sabe-se que a objetividade jornalística é um mito que já caiu por terra. No entanto, isto não significa que a subjetividade impeça o repórter de buscar uma cobertura equilibrada e o menos tendenciosa possível. Para isto, vale-se da prática de ouvir os vários lados da questão e deixar que o público tire a sua própria conclusão acerca do fato. O programa idealizado por Caco Barcellos se esforça para atingir essa

meta propondo a reportagem multiangular. Por isso, é necessária uma equipe de repórteres que se divide na apuração do assunto, assim, cada um pode acompanhar, de determinado local, uma vertente do acontecimento.

Na verdade, quando isto é explorado, consegue-se atingir um segundo objetivo: provocar a sensação de uma cobertura simultânea. As cenas se intercalam para dar a idéia de que tudo acontece ou aconteceu em tempo real. Mais um reforço à valorização do mundo da representação, aquele que não se pode tocar, apesar de tão próximo. Acompanhando uma reportagem multiangular, o telespectador consegue absorver mais informações do que se estivesse presente durante o desenrolar de um acontecimento. Presenciando uma ação, ele só poderia saber o que aconteceu naquele local. Ao visualizar uma matéria de televisão, ele poderá “participar” de vários atos ao mesmo tempo.

Apesar de constatarmos a eficiência de todas esses artifícios utilizados pelo *Profissão Repórter*, vale uma ressalva e um questionamento: até que ponto o desnudamento dos bastidores é informação e em que momento esta prática ultrapassa os limites do jornalismo para se firmar como um entretenimento destituído de valor cultural. A resposta desta questão está no próprio bom senso de quem elabora a reportagem. Não nos cabe ficar aqui, pontuando esta ou aquela atitude do repórter que não tem nada a acrescentar no conteúdo final da matéria. Apenas é preciso deixar claro que não se pode fazer do sentimento um espetáculo centrado na banalização. É possível tocar o público sem explorar as misérias humanas ou a falsidade e, mesmo, o exagero de comoção. Além disso, vale lembrar que o foco do trabalho jornalístico é a informação e não a trajetória pessoal do repórter/herói. Ao explorar demasiadamente a ação do repórter durante a apuração, corre-se o risco de fazer o público se distrair do

conteúdo informativo que se quer passar, exatamente por ele se deter apenas no “perfil épico” do correspondente.

Mesmo assim, diante da eficácia demonstrada pelo *Profissão Repórter*, seja pela sua ascensão de quadro para programa, pelos vários prêmios que já conquistou ou pela proliferação de comentários positivos dos telespectadores no *blog* da série, fica a convicção de que esta provavelmente não será uma experiência isolada.

A série idealizada por Caco Barcellos inaugura um novo perfil do repórter e traz o acréscimo de que existem diversas vias para se desenvolver um trabalho isento, ainda que a cobertura esteja permeada da subjetividade de quem a elabora. Em contrapartida, nota-se também que o programa estimula a tendência *voyerista* do público, sempre na ânsia por invadir o mundo privado. Desta forma, ao se discutir o programa, fica o questionamento: o *Profissão Repórter* é uma nova forma de se fazer jornalismo ou uma espécie de “*reality show* da reportagem”, onde o que vale é “desmascarar” o correspondente da informação? O que se pode diagnosticar é que, paradoxalmente, a humanização de personagens da TV não se traduz em uma desmistificação; pelo contrário, quanto mais humano, mais idolatrado. O herói é aquele que sai da vida comum para se destacar. E a resposta do público não poderia ser diferente: ele se projeta neste personagem para satisfazer os seus desejos mais íntimos, aventurando-se pelo mundo desconhecido e participando de cada nova descoberta.

7 REFERÊNCIAS

AGUIAR, Leonel Azevedo de. O jornalismo investigativo e seus critérios de noticiabilidade: notas introdutórias. **Revista Alceu**, Rio de Janeiro: Ed. PUC, v.7, n.13, p.73 -84, jul./dez. 2006.

ARBEX JÚNIOR, José. **Showrnalismo**: a notícia como espetáculo. São Paulo: Casa Amarela, 2001.

BARCELLOS, Caco. **Abusado**: o dono do morro Dona Marta. 16.ed. Rio de Janeiro: Record, 2006.

_____. **Caco Barcellos**: depoimento. Entrevistadora: Marília Gabriela. São Paulo: Globosat News Television (GNT), 8 set. 2008. Entrevista concedida ao programa Marília Gabriela Entrevista.

_____. Repórter: profissão perigo. In: KAPLAN, Sheila; REZENDE, Sidney (Org). **Jornalismo eletrônico ao vivo**. Petrópolis: Vozes, 1994. (17/31)

_____. **Rota 66**: a história da polícia que mata. 7. ed. Rio de Janeiro. São Paulo: Record, 2006.

BELTRÃO, Luiz. **Jornalismo interpretativo**: filosofia e técnica. Porto Alegre: Sulina, 1980.

BLOG PROFISSÃO REPÓRTER. Disponível em: <<http://www.g1.com.br/profissaoreporter>>. Acesso em 15 ago. 2008.

BRASIL, Antônio. 60 Minutes: aula de bom jornalismo. **Observatório da Imprensa**. 25 abr. 2004. Disponível em: <<http://www.observatorio.ig.com.br/artigos.asp?cod=278ASP023>>. Acesso em: 22 ago. 2008.

BUENO, Francisco da Silveira. **Minidicionário da língua portuguesa**. São Paulo : FTD, 2000.

CAMARGO, Gilson. Entrevista Caco Barcellos: meu patrão é a maioria. **Jornal Extra Classe - Simpro/RS**. Disponível em: <<http://www.sinpro-rs.org.br/extraclasse/mar06/entrevista.asp>>. Acesso em: 18 set.2008.

CAMARGO, Zeca. De novo U2. **Revista Fantástico**. São Paulo: Ed. Globo, n.1, dez. 2006, p.106-110.

CHAPARRO, Manuel C. **Linguagem dos conflitos**. Coimbra: Edições Minerva Coimbra, 2001.

DEBORD, Guy. **A Sociedade do espetáculo**: comentários sobre a sociedade do espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

FAUSTO NETO, Antônio. A deflagração do sentido: estratégias de produção e de captura da recepção. In: SOUZA, Mauro Wilton de (Org). **Sujeito, o lado oculto do receptor**. São Paulo: ECA/ USP/ Brazilienze, 1995. (189/222)

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio Século XXI Escolar**: o minidicionário da língua portuguesa. 4.ed. rev. ampliada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

HISTÓRIA do programa: mais de trinta e cinco anos de sucesso. **Site Globo Repórter**. Disponível em: <<http://www.g1.com.br/globoreporter>>. Acesso em: 24 set.2008.

KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. **Os elementos do jornalismo**: o que os jornalistas devem saber e o público exigir. São Paulo: Geração Editorial, 2003.

LAGE, Nilson. **A reportagem**: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística. Rio de Janeiro: Record, 2004.

LAGO, Cláudia. De romântico e de louco... reflexões sobre o romantismo jornalístico. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO DE PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO, 12., 2003, Recife. **Anais eletrônicos...** Recife: UFPe, 2003. Disponível em: < www.facom.ufba.br/Pos/gtjornalismo/doc/2003/lago2003.doc>. Acesso em 19. ago. 2008.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas:** o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. 3.ed. Barueri, SP: Manole, 2004.

LOSEKANN, Marcos. Batismo de medo. **Revista Fantástico**. São Paulo: Ed. Globo, n. 1, dez.2006, p.24.

MANUAL DE TELEJORNALISMO. Central Globo de Jornalismo. Rio de Janeiro: Globo, 1986.

MARIA, Glória. Meu momento fantástico: a triste sina de Safiya **Revista Fantástico**. São Paulo: Ed. Globo, n.1, dez.2006, p.184.

MARTINEZ, Mônica. **Jornada do Herói:** a estrutura narrativa mítica na construção de histórias de vida em jornalismo. São Paulo: Annablume, 2008.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensão do homem**. São Paulo: Cultrix, 2003.

MENDONÇA, Kleber. **A punição pela audiência:** um estudo do Linha Direta. Rio de Janeiro: Quartet Editora & Comunicação Ltda., 2002.

MORAES NETO, Geneton (Org.). **O livro das grandes reportagens**. São Paulo: Globo, 2006.

MORIN, Edgar. **Cultura de massas no século XX:** neurose. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

MOTA, M.R.P. **A épica eletrônica de Glauber:** um estudo sobre cinema e TV. 1.ed.Belo Horizonte: UFMG, 2001.

PATERNOSTRO, Vera Íris. **O texto na TV: manual de telejornalismo**. São Paulo: Braziliense, 1987.

PEREIRA, Jonathan. “Olhar do jovem gera material mais rico”, diz Caco Barcellos.

Folha Online. 25. ago. 2008. Disponível em:

<<<http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u437538.shtml>>. Acesso em: 03 set. 2008.

_____ Tinha preconceito com a TV, diz Caco Barcellos. **Folha Online**. Disponível

em: < <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u437539.shtml>>. Acesso em: 3 set. 2008

PONTUAL, Jorge Faure. Reportagem e documentário em Globo Repórter. In:

KAPLAN, Sheila; REZENDE, Sidney (Org). **Jornalismo eletrônico ao vivo**.

Petrópolis: Vozes, 1994.

RESENDE, F. A.. O jornalismo e a enunciação: perspectivas para um narrador

jornalista. In: XII ENCONTRO COMPÓS, 2005, Niterói. **Anais eletrônicos...**

Niterói: UFF, 2005. Disponível em:

<www.ufrgs.br/gtjornalismocompos/doc2005/fernandoresende2005.doc>. Acesso em: 19 ago.2008.

SODRÉ, Muniz. **A Comunicação do grotesco: um ensaio sobre a cultura de massa no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1985.

_____ **Reinventando a cultura: a comunicação e seus produtos**. Petrópolis: Vozes, 1996.

TRAQUINA, Nelson. As notícias. In: TRAQUINA, Nelson (Org.). **Jornalismo:**

questões, teorias e “estórias”. Revista Comunicação e Linguagens. Lisboa: Vega, 2003.

VIZEU, A. Telejornalismo: o conhecimento do cotidiano. In: XIV ENCONTRO

ANUAL DA COMPÓS, 2005, Niterói. **Anais eletrônicos...** Niterói: UFF, 2005.

Disponível em: < <http://posjor.ufsc.br/public/docs/92.pdf>>. Acesso em: 23 ago. 2008.

VOGLER. Christopher. **A jornada do escritor: estruturas míticas para contadores de histórias e roteiristas**. Rio de Janeiro: Ampersand, 1997.

WOLTON, Dominique. **O elogio do grande público**: uma teoria crítica da televisão. São Paulo: Ed. Ática, 2006.

APÊNDICE

Profissão Repórter

Decupagem do programa “Maternidades”, exibido no dia 05 de agosto de 2008.

*** O programa abre com imagens em movimento e um BG de fundo (indicando ação e suspense)*

Caco Barcellos (no *off*): Vida e morte se cruzam no Profissão Repórter de hoje.

** Várias imagens de partos, bisturis, médicos.*

Taís Itaquí (no *off*): Ai, é um menininho!

Caco (passagem): Eu estou aqui no Pará e nossa equipe percorre três estados do país para mostrar: dia de nascimento em casa - os obstáculos do caminho das parteiras do Nordeste. (imagens das parteiras atravessando um rio). E partos em série – um depois do outro em uma maternidade modelo de São Paulo.

Taís Itaquí (aparece andando no corredor do hospital): Tá nascendo um outro já... A gente não tem nem tempo de respirar aqui.

Caco (no *off*): A emoção do nascimento (*close* no olho lacrimejando de um pai).

Caco (passagem): E a dor da morte aqui na Santa Casa de Belém, cenário de uma tragédia nacional.

Caco (no *off*): Duzentos e oitenta bebês mortos em sete meses. Vamos contar essa história de todos os ângulos e mostrar que este drama começa longe daqui, nas cidades distantes da capital, onde a saúde não chega. Os bastidores da notícia. Os desafios da reportagem.

Caco (passagem): Agora, no Profissão Repórter.

APRESENTAÇÃO DE ABERTURA DO PROGRAMA

Gabriela Lian (no telefone, em São Paulo): Quando é a senhora acha que nasce?

Maria José (parteira): Eu creio que lá pelo dia 25.

Gabriela: Mas a senhora não tem um dia certo?

Maria José: Não, coração, aí só Deus...

Gabriela: Ai, Dona Zezé, fico sem saber que dia ir...

Caco (no *off*): Nossa equipe vai passar uma semana no interior do Pernambuco à espera de um parto.

** Crédito na imagem: Caruaru –PE*

** Imagem da estrada sendo filmada de dentro do carro da equipe. / Corte para Gabriela saindo do carro com o microfone na mão*

Gabriela (bate palma na porta de uma casa): Com licença...

Caco (no *off*): Segunda - feira. Nove horas da manhã.

Gabriela (cumprimenta a parteira Maria José da Silva): Tudo bem?

Maria José: Tudo bem.

*** Obs.: quando o crédito com o nome dos entrevistados aparece, sobe um BG típico do programa.*

Gabriela: Quem é que está na fila pra dar a luz essa semana?

Maria José: Adeíne, Luciene Ambroziona, Solange e Graciete.

Caco (no *off*): Gabriela Lian²⁰ e Caio Cavechini²¹ vão atrás das parteiras da região. A primeira delas é dona Zezé, em Caruaru.

** Imagem da parteira andando na estrada de terra junto com outras mulheres*

Gabriela (no *off*): São onze horas da manhã e Dona Zezé vai visitar as gestantes da zona rural.

Maria José: Essa ponte caiu aqui já tem uns vinte anos.

** Imagem de Gabriela e Dona Zezé atravessando o rio e molhando toda a roupa*

Gabriela (para Maria José): Ai! Dona Zezé, não tem outro jeito mais fácil de chegar lá não?

Maria José: Tem o quê, minha filha? Tem que molhar ‘os’ negócio pra poder ‘nois’ passar.

** Imagem de Dona Zezé dando as coordenadas e Caio grita demonstrando a dificuldade na travessia*

Gabriela (no *off*): Solange é uma das três gestantes que podem dar a luz a qualquer momento.

Maria José (mede a barriga de Solange): Trinta e oito semanas.

Maria José (mede e apalpa a barriga de outra gestante): Quarenta semanas.

** A parteira segura um aparelho artesanal de escutar a pulsão*

Maria José: Quer escutar aqui, Gabriela?

Gabriela (pega o aparelho e coloca na barriga da gestante): Não tô ouvindo nada, Dona Zezé!

Maria José (sorrindo): Ô, meu Deus!

Gabriela (conversando com a gestante): Pode ser de madrugada, a gente vai ficar aí essa semana inteira torcendo para o seu filho nascer logo.

Gabriela (no *off*): Diz a crença que a lua cheia dá força para os bebês nascerem, mas já estamos na terça-feira e nada de parto.

Maria José (fala para a criança que está em seu colo): Olha como você está bonita!

²⁰ Neste momento em que Caco Barcellos apresenta a repórter Gabriela Lian, aparece uma imagem com efeito azulado da repórter segurando o microfone.

²¹ Quando Caco apresenta o repórter cinematográfico Caio Cavechini, aparece uma imagem de Caio com a câmera voltada para si.

Gabriela (no meio de algumas mulheres): Quem daqui da rua que foi você quem fez o parto? (aponta para dona Zezé)

Mulher: Um bocado...

Gabriela: Tem um bocado?

Mulher: Se você entrar ali tem um bocado...

** sobe BG*

Gabriela (no off): Dona Zezé tem mais de mil afilhados pelo mundo.

** A parteira apontanta para várias crianças que nasceram sob suas mãos*

Gabriela (no off): Mas apesar da vontade dela e da nossa, não se pode escolher a hora de uma criança nascer.

Maria José (saindo da casa de uma gestante): Vou embora, tá comadre, qualquer coisa...

Gabriela (para a gestante): Vamos torcer pra que seja essa semana.

Gabriela (no off): Quarta-feira. Telefonema muda o rumo de nossa reportagem.

** Imagem da estrada filmada de dentro do carro e do próprio interior do carro*

Gabriela (no off): Estamos indo atrás de uma outra parteira. Um bebê está para nascer.

Gabriela (conversando com o motorista do carro): Ela me ligou e falou assim: 'Gabriela, corre pra cá!'

Gabriela (dentro do carro mostrando um mapa): A gente estava em Caruaru e agora estamos indo para Joaquim Nabuco, perto de Palmares.

Gabriela: (nervosa, mostrando o celular) O celular não pega mais. E o que a gente ta torcendo é pra chegar lá a tempo de pegar o parto.

CORTE PARA O REPÓRTER CACO BARCELLOS

** Crédito na imagem: Mojú – PA*

** Imagem de Caco brincando com as crianças*

Caco (conversa com uma mulher): Aquela criança dá trabalho, mas é uma alegria, não é?

** Imagem de crianças sorrindo*

Caco (no *off*): Numa mesma rua, crianças e barrigas de todos os tamanhos.

Caco (sentado em uma mesa de bar, conversando com uma gestante): Com quantos meses você está?

Gestante 1: Sete meses.

Caco (para outra gestante que está encostada na parede de fora da sua casa): Quantos meses são?

Gestante 2: Três.

Caco (para a gestante): É o segundo filho?

Gestante: Quê? Segundo? É o quinto!

Caco (assustado): Quê?

Gestante 2: Eu tenho vinte e um anos.

Gestante 3: Eu tenho cinco primas grávidas, comigo, seis.

Caco (para gestante 3): Tudo aqui de Mojú?

Gestante 3: Tudo daqui.

Caco (no *off*): Grávidas na garupa de moto. Adolescentes desocupadas à espera do parto. E com medo.

Caco (para gestante 4): Como é que é o hospital daqui?

Gestante 4 (sorri, com ironia): Precário.

Homem que vai ser pai: Em primeiro lugar é Deus, né? A gente tem que pedir a Deus para que nada aconteça com ela pra ter um parto normal.

Caco (no *off*): Estamos na cidadezinha de Mojú, interior do Pará. Viemos atrás da origem de um drama: a morte de quase trezentos bebês na Santa Casa da capital do estado. As grávidas dão a primeira pista sobre a qualidade dos equipamentos da cidade de Mojú, a cento e dez quilômetros de Belém.

Caco (para gestante 5): Você já sabe se é homem ou mulher?

Gestante 5: Não.

Caco (para gestante 5): Não quer saber?

Gestante: Não dá pra saber. Eu fiz uma ultrasson, mas não deu pra ver o que era.

Caco (para gestante 3): Você já sabe se é homem ou mulher?

Gestante 3: Não. Eu já fiz duas ultrasson e não deu pra ver.

Gestante 6 (prima da gestante 3): Não apareceu o sexo.

Caco (para gestante 3): Mas o ultrasson mostra o sexo.

Gestante 3: Mas no do hospital não apareceu. Teve que fazer particular.

Caco (na porta de uma casa): Boa noite! Dá licença?

Lindalva Barbosa: Eu falei pra ele: olha, doutor, eu acho que é pra nascer minha filha, mas ele nem ligou!

Caco (no *off*): Lindalva conta que teve uma forte hemorragia durante quatro horas sem receber atendimento. O hospital de Mojú estava lotado.

Lindalva: Aí eu tive que dividir uma cama com uma colega lá...

Caco (para Lindalva): Uma cama?

Lindalva: Sim, uma cama. Ela ficou de um lado e eu de outro. Porque não tinha leito...

Caco (no *off*): O casal perdeu a filha e até hoje não sabe o motivo.

Caco (para Éderson Marques, marido de Lindalva): Você reclamou para o hospital? Reclamou para os médicos?

Éderson: Não, eu tentei reclamar, mas eles não quiseram comunicação não...

Caco (no *off*): O descaso com a saúde no interior do estado também deixa crianças órfãs. Nilton conta que a mulher dele esperou doze horas por um atendimento e teve uma hemorragia depois de dar a luz. Edilene, de vinte e quatro anos, morreu a caminho da Santa Casa de Belém.

Edileuza dos Santos (irmã de Edilene): Seguiu direto. Foi quando a gente chegou lá pela doutor Freitas foi na hora, acho, que ela morreu, que ela olhou pra mim e pra filha dela, começou a 'lagrimar'...

Caco (no *off*): A tia Edileuza é quem amamenta a filha de Nilton. Ana Beatriz tem quarenta dias.

Caco (para Edileuza): Como você tinha leite para amamentar?

Edileuza (apontando para a filha que está no colo): Por causa dela aqui.

Caco (para Edileuza): Ainda tá dando de mamá pra sua filha?

Edileuza: Tô.

Caco (para Edileuza): O que você tá achando mais difícil?

Edileuza: Ah... Quando eu olho pra ela, né? Eu sinto a falta da mãe dela. Eu olho pra ela, né?

E sinto pena da criança. Porque ela ainda tá pequenininha e vai crescer sem saber quem foi a mãe dela. Tanto que a mãe dela queria uma filha mulher.

Caco (para Edileuza): Ah é? Ela queria muito?

Edileuza: Isso era o que ela mais queria.

** Imagem de Caco e Nilton caminhando em direção ao hospital*

Caco (para Nilton): Nilton, quando foi a última vez que você veio nesse hospital?

Nilton: Foi no dia que minha esposa faleceu.

Caco (no *off*): O serralheiro, viúvo, nos levou no hospital de Mojú, onde chegamos de surpresa.

Caco (para Nilton): Você se incomoda de entrar no hospital agora?

Nilton: Claro que não. Faço até questão de mostrar como é lá dentro.

Caco (para Nilton): Vamos ver se a gente consegue, né?

Nilton: Vamos ver se o pessoal deixa a gente entrar.

CORTE PARA A REPÓRTER MARIANE SALERNO

** Crédito na imagem: Belém- PA*

** Imagem de uma mulher colocando flores em um túmulo de cemitério*

Raquel Gonçalves (dona de casa): Eu já estava perdendo líquido há muito tempo e não sabia. Nas duas vezes que eu fui pra Santa Casa me mandaram de volta.

Mariane (para Raquel): E quando você foi realmente fazer o parto?

Raquel: Não. A criança já tava morta há duas semanas na minha barriga.

Caco (no *off*): A repórter Mariane Salerno encontrou Raquel no cemitério de Tapanã, periferia de Belém. Ela perdeu a filha aos sete meses de gravidez (close no túmulo da criança).

Raquel (emocionada): Eu tava falando para minha mãe: se tivesse cobertura eu ficava aqui

** Imagem dos túmulos do cemitério*

Mariane (na passagem): Este aqui é o único cemitério público de Belém, para onde vem a maior parte dos bebês. Os túmulos dos recém-nascidos já ocupam mais de vinte por cento do cemitério

Mariane (no *off*): Entre as pequenas sepulturas encontramos montinhos de terra. Aqui foram enterrados bebês de pais mais pobres, sem condições de pagar por um túmulo de concreto.

Mariane (no *off*): Maria do Socorro perdeu seu menino no dia das mães.

Maria do Socorro: É a pior dor que tem. É perder um filho.

Mariane (no *off*): Uma dor de muitas mães de Belém. Só em junho quarenta e quatro bebês morreram na UTI da Santa Casa. O número corresponde a cinquenta e seis por cento dos bebês que estavam internados. A taxa de mortalidade não deveria passar dos dez por cento, segundo a Sociedade Brasileira de Pediatria.

Mariane (entrando no hospital – conversa com o guarda): Olá, tudo bem? Eu sou do Profissão Repórter e queria gravar com vocês.

Guarda: O nosso regimento daqui diz que não pode gravar as coisas aqui dentro.

** Imagem de câmera escondida*

Mariane: Só conseguimos entrar na Santa Casa com uma micro câmera. O forte cheiro de tinta mostra pintura recente. A enfermaria está cheia e os acompanhantes se ajeitam como podem. Aqui eu conheço a Cléia. Ele teve gêmeos, mas saiu da maternidade só com uma menina.

** Mariane caminha em direção a um barraco*

Mariane (para um morador): E a Cléia, tá aí?

Morador: Tá sim, pode entrar.

Mariane: Oi, Cléia! E essa é a bebezinha recém nascida? (imagem do bebê dormindo em uma rede)

Mariane (para Cléia): E como é que você ficou?

Cléia da Costa (dona de casa): Eu fiquei triste, porque eu queria ver os dois. Eu estava grávida de dois. Aí eu fiquei muito triste.

** Imagem de Mariane diante de um computador com o fotógrafo ao lado. Eles estão vendo algumas fotografias*

Mariane (no *off*): O fotógrafo Cristino Martins entrou na Santa Casa no auge da crise. Ele foi alertado por parentes de gestantes da existência de um freezer que guardava corpos de bebês e fetos.

** Imagem da fotografia do freezer tirada por Cristino Martins*

Cristino Martins (fotógrafo): Uma cena terrível, que eu jamais vou me esquecer. Como é que eu vou abrir um freezer, olhar dentro de um freezer, na horizontal e vou encontrar mais de doze bebês e fetos enrolados em um papel, você tá me entendendo? Identificados de uma forma grotesca com caneta...

CORTE PARA A REPÓRTER TAÍS ITAQUI

** Crédito na imagem: São Paulo*

** Imagem dois pais segurando seus filhos recém-nascidos no colo*

Pai 1: Nasceram no dia vinte do sete. Na mesma hora. As duas. Sofremos juntos (os pais sorriem). Mas agora tá aqui o nosso presente.

Caco (no *off*): Pais orgulhosos. Com um presente único nos braços.

Douglas da Silva (pedreiro): Mikelli. Mikelli com ‘k’ e dois ‘eles’ no final.

Taís: Nossa, difícil!

** Taís e o entrevistado sorriem*

Caco (no *off*): Em São Paulo, os repórteres Taís Itaquí e Felipe Gutierrez²² visitam o hospital público de referência no tratamento de gestantes de alto risco.

Taís (para Marco Antônio): O que você está fazendo agora?

Marco Antônio (gari desempregado – com o bebê no colo): Eu tô curtindo um momento bom da vida.

Taís: É?

²² Neste momento em que Caco apresenta os repórteres, aparece uma imagem de Taís andando com o microfone e Felipe segurando a câmera.

Marco Antônio: É...

** Taís e Marco Antônio sorriem*

Taís (no *off*): Apesar da complexidade dos casos, o índice de mortalidade é baixo.

Mirian de Faria Silveira (diretora do hospital): Aqui a mortalidade neonatal, que são os bebês até vinte e oito dias, tá em torno de nove a dez, por mil nascidos vivos.

Taís: E das mães gestantes?

Mirian: Felizmente nenhuma mãe gestante, nesse ano, faleceu aqui no nosso hospital.

** Imagens de gestantes fazendo a ultrassonografia*

Médico (para a gestante): O seu bebezinho, Paula, já está com quase dois quilos. É um bebezinho grande já...

** Imagem de Paula emocionada*

Taís (para Paula): Vai dar certo agora.

Paula: Vai.

Taís (no *off*): No hospital público de Vila Nova Cachoeirinha, Paula conseguiu levar a gravidez adiante depois de três abortos.

Taís (para Paula): E esse aí agora é a sua esperança, né?

Paula: É...

** Imagem de arquivo*

Taís (no *off*): A maternidade modelo da Zona Norte de São Paulo já viveu momentos de crise com a falta de verbas e de funcionários.

Voz da repórter (na matéria de arquivo): Em janeiro de noventa e quatro uma infecção no berçário também matou bebês e provocou uma onda de denúncias das mães.

Entrevistada (na matéria de arquivo): As enfermeiras não usavam nem luvas, nem máscaras, nem touca, todas.

Taís (no *off*): A recuperação do hospital fez o número de partos pular de cem para quinhentos e cinquenta por mês.

** Imagem de Taís com o jaleco do hospital, acompanhando uma gestante que está sendo encaminhada para a sala de parto.*

** Taís coloca o microfone diante de uma gestante que está prestes a dar a luz e ela não consegue falar por causa da dor. Somente sorri.*

Taís (no *off*): No tempo que a gente passou aqui, reclamação só as das dores do parto.

** Volta imagem da gestante sentido dor*

Taís (demonstrando preocupação com a gestante): Ai, meu Deus do céu...

** Imagem de Taís atravessando o corredor ao lado da diretora do hospital*

Taís (no *off*): Neste corredor, três mulheres estão em trabalho de parto. Tivemos que correr bastante para acompanhar os nascimentos.

** Imagens de Taís e Felipe vestindo a roupa especial para a sala de cirurgia*

Taís (andando no corredor com a máscara tapando a boca): Tá nascendo um outro já...

Taís (para uma enfermeira): Pode entrar?

Taís (para o cinegrafista Felipe): Então, onde que a gente vai?

Taís (olha sorrindo para a câmera): Estamos perdidos!

CORTE PARA O REPÓRTER CACO BARCELLOS

** Crédito na imagem: Majú – PA*

Caco (no *off*): A primeira coisa que impressiona no hospital de Majú é o esgoto a céu aberto a dois metros do prédio.

Caco (entrando com Nilton no hospital): Dá licença? Nós somos do Profissão Repórter e queríamos ver a possibilidade de falar com a direção do hospital. A gente queria fazer uma reportagem aqui.

Caco (no *off*): Quem nos recebe é o doutor Vital. O médico de plantão num dia movimentado.

** Imagens de bebês dormindo lado a lado na mesma maca, e de mães com os bebês ao seu lado na cama*

Caco (para dr. Vital): Quantas deram a luz hoje?

Dr. Vital: Hoje, quatro.

Caco (no *off*): O médico não quis comentar a morte da mulher de Nilton porque não era o plantão dele. Mas durante a nossa conversa, ficou evidente a falta de estrutura do hospital. A mãe e os filhos gêmeos dividem a mesma cama.

Jaqueline Moraes (enfermeira): Tá faltando, realmente, os colchões para o berço.

Caco (para a enfermeira): Quer dizer que não pode usar os bercinhos?

Jaqueline: É. Aí a gente coloca as mães junto com o bebê.

Caco (no *off*): A incubadora está quebrada.

Caco (para dr. Vital): Esta não está funcionando bem?

** Imagem da incubadora vazia*

Dr. Vital: Ela não está funcionando bem.

Caco (para dr. Vital): E é a única que o senhor tem?

Dr. Vital: É a única que nós temos no momento.

Caco (no *off*): O filho de Débora nasceu prematuro. Como a incubadora do hospital de Mojú não funciona, o filho foi mandado para a Santa Casa de Belém, que agora pede para ser consultada antes.

Caco (para Jaqueline): Por que eles pediram isso?

Jaqueline: Por causa dessa demanda. Aí eles pedem para gente entrar em contato antes pra ver se tem leito. Mas a gente fica nessa situação: se eu não mandar, como eu vou segurar o bebê aqui?

CORTE PARA A REPÓRTER MARIANE SALERNO

** Crédito na imagem: Belém- PA*

Mariane (na porta do hospital): Essa movimentação é constante aqui. São ambulâncias que vem do estado todo do Pará trazendo pacientes grávidas aqui para a Santa Casa de Belém.

** Imagem de Mariane caminhando ao lado de Michele Paes*

Michele Paes (desempregada): Eu fui submetida a uma cesárea na Santa Casa dia dezesseis de dezembro de dois mil e seis e foi de urgência porque tava com oito meses ainda. E nessa cirurgia esqueceram uma compressa dentro de mim.

** Michele mostra a radiografia que detectou a presença do pano entre os ossos*

Mariane (no *off*): O laudo médico comprova o que Michele diz (imagem do laudo). O erro médico fez ela perder vinte quilos e ficasse cheia de cicatrizes.

** Michele mostra as cicatrizes na barriga*

Michele: Com tudo isso, meu marido me viu naquela situação e ele não quis ficar comigo, ele não quis ficar comigo naquele momento. Ele me deixou, eu fiquei sozinha.

** Imagens de enterros de recém-nascidos*

Mariane (no *off*): Durante os seis dias de reportagem em Belém, o sofrimento das famílias abateu a nossa equipe. A imagem mais triste que testemunhamos foi a da mãe Maria Geovane. Antes do enterro ela pede para vestir a filha.

** Um homem abre o caixote onde está a criança. / A mãe olha para o bebê e começa a chorar.*

Mariane (no *off*): Vitória nasceu prematura e resistiu sete meses internada no hospital.

** Imagem de Mariane e Thiago Jock chorando*

Mariane (no *off*): Todos se emocionam. Nós não conseguimos chegar perto para fazer a imagem.

CORTE

Mariane (para Caco): As guias de sepultamento para bebês aparecem assim: causa da morte – ignorado. Causa da morte: desconhecida.

Caco (para Mariane): Você conseguiu provar?

Mariane: Sim, nós temos imagem. Então há um descaso em explicar. Os pais não recebem nenhuma explicação.

Caco: É. Como é que não recebem uma causa? Todo mundo tem uma causa de morte, né?

Mariane: É, é claro. E se não for o médico pra dizer qual é a causa, quem vai dizer?

Sílvia Comaru (Coordenadora da Câmara de Políticas Especiais): Nós viemos pra cá e estamos fazendo uma investigação especial de óbitos. O que a gente pretende agora é investigar, ir a esses municípios de onde vêm essas crianças falecidas e entrar como parceiras, no sentido de melhorar a atenção pré-natal.

CORTE PARA A REPÓRTER GABRIELA LIAN

** Crédito na imagem: Joaquim Nabuco – PE*

** Gabriela aparece com o microfone na mão caminhando em direção a um casebre*

Gabriela (no *off*): Onze horas da manhã. A gestante sente dores desde as quatro da madrugada.

Cícera Souza de Lima (parteira): E eu pedindo a Jesus que esse bebê não nascesse antes de vocês chegarem.]

** Obs: neste momento em que a parteira fala, a câmera foca bem o rosto da repórter Gabriela Lian, que segura o microfone em direção à entrevistada*

** Imagem do repórter cinematográfico, Caio Cavechini, enquadrando a cena*

Gabriela (no *off*): Para estimular as contrações, uma receita caseira.

Cícera: Isso aqui é um cafezinho com uma manteguinha dentro e uma pimentinha do reino.

Gabriela (para a gestante): Tem gosto de quê?

Gestante: De margarina.

Gabriela (no *off*): A parteira já está pronta.

Cícera (pegando os instrumentos): Aqui estão as minhas pinças e tesouras.

Gabriela (no *off*): Já são duas horas da tarde e o que parecia que ia acontecer logo não acontece.

** Imagem da parteira dando orientações à gestante*

Caco (no *off*): No próximo bloco. O parto em casa. A longa espera chega ao fim. E mais. Muita correria. Um parto depois do outro num hospital público de São Paulo.

SEGUNDO BLOCO

CORTE PARA A REPÓRTER TAÍS ITAQUI

** Crédito na imagem: São Paulo*

Taís (caminhando no corredor do hospital): Vamos, vamos, vamos... Vai entrar um parto o que?

Taís (no *off*): Apesar de saber que as gestantes já estavam em trabalho de parto, é sempre uma surpresa quando chega a hora.

** Imagem da gestante sendo encaminhada à sala de parto (áudio ambiente)*

Taís (entra na sala de parto / pergunta para a enfermeira): Eu posso ficar onde?

Enfermeira (para a gestante): Você é de onde? Da Bolívia?

Gestante: Da Bolívia.

Enfermeira: Está a quanto tempo no Brasil?

Gestante: Um ano.

** Imagem da gestante em trabalho de parto*

Enfermeira (retirando bebê): Isso!

Taís (no *off*): É a primeira vez que vejo um parto.

Taís (nervosa, olhando para o parto): A cabeça do neném já saiu já...

Taís (desviando o olhar): Ai, meu Deus!

Taís (olhando para o bebê que acaba de nascer): Ai, que lindo!

** Imagem do bebê chorando*

Enfermeira (para a gestante): E você queria um menino?

Gestante (emocionada): Sim...

Taís (para a gestante): Você preferiu não saber?

Gestante (chorando de emoção): Não...

Taís (para a enfermeira): Olha, ele já está de olho aberto já...

Enfermeira (para Taís): Os bebês de hoje já nascem de olhos abertos, muito ativos, muito vivos, né?

Taís (olhando para a câmera): Parece que já tem um bebê prematuro que vai nascer agora...

Taís (andando pelo corredor): Vamos lá... Onde que é? Tá nascendo um outro já... Em menos de meia hora. A gente não teve nem tempo de respirar aqui.

Taís (correndo pelo corredor): Vai, vai ter que dar tempo!

Taís (trocando de jaleco): A gente ainda vai ter que trocar a roupa. Porque é em outra sala...

Taís (pergunta para os enfermeiros): Onde é, gente? Tô com medo do bebê nascer logo...

** Som de um grito*

Taís (para Felipe – cinegrafista): Ai, meu Deus! Você ouviu esse grito?

Felipe: Ouvi sim

Taís (conversando com a enfermeira): Pode? A gente pode entrar? Ela não autoriza? A gente pode pegar imagem daqui de longe? E ela tá fazendo parto normal, né?

Enfermeira: Normal, e é prematuro. Até com bebê prematuro o parto normal é preferível, né?

Taís (olhando para a sala de parto): Ai, nasceu, nasceu! Ai, é um menininho!

Taís (andando pelo corredor): Agora a gente vai ter que tirar de novo essa roupa e daqui a pouco colocar de novo porque eu já vi que vai ser um atrás do outro.

Taís (tirando o jaleco): Tira e põe... Tira e põe...

Taís (para a câmera): Próximo!

** Imagem de outro parto*

Taís (no off): No terceiro parto, a mãe não está sozinha. O marido fica o tempo todo ao lado de Raquel.

** Imagem de Raquel dando a luz*

Taís (observando o parto): Tá nascendo, gente... O bebê tá apontando...

** Imagem do bebê chorando*

Taís (no off): O nascimento de Mariana foi o mais demorado, porém, o mais silencioso.

** Imagem do pai da criança chorando de emoção*

Raquel (ainda na maca da sala de parto): Não adianta gritar. Gritar é pior.

Ana Lucia de Oliveira (outra mãe que está no leito do hospital): Aí dei aquele vexame, né? Aquela gritação...

Taís (no *off*): Ana Lúcia é aquela mãe que fez o parto de emergência os gritos. Yuri nasceu prematuro, mas saudável. A mãe, agora acha graça da confusão que provocou.

Ana Lúcia: O taxista, coitado... Ficou, nossa, apavorado. Deixei ele apavorado. Parecia até que ele fazia aquele barulho de sirene pedindo pra todo mundo sair da frente, sabe.

Taís (para Ana Lúcia): E quanto tempo demorou pra chegar aqui?

Ana Lúcia: Bom, do homem gritando, fazendo assim, que nem uma ambulância, eu acho que deve ter dado uns dez minutos, rapidinho.

** Taís aparece com um celular na mão*

Voz no celular (da repórter Gabriela Lian): É a Gabi, você tá me ouvindo?

Taís (no celular): Tô te ouvindo sim.

Gabriela Lian: Por enquanto a gente tá só esperando ainda...

Taís: Nossa, ela ta há cinco horas sentindo as dores?

CORTE PARA A REPORTER GABRIELA LIAN

** Crédito na imagem: Joaquim Nabuco –PE*

Gabriela (no celular, falando com Taís): Ela tá um pouco agoniada aqui. Ela olha, ela ri. Aí ela fica séria de novo, ela senta, ela levanta...

** Caio (repórter cinematográfico) aparece gravando as imagens da gestante se movimentando.*

Cecília (parteira – para a gestante Nova): Tenha paciência, que a hora já está chegando. Você já está acostumada... Este não é nem o primeiro, como eu já lhe falei...

Gabriela (no *off*): Este é o quinto parto de Nalva. Dois foram feitos na maternidade. Os outros em casa, pelas mãos de dona Cícera.

Gabriela (para Nova): Você pensou em ter esse filho no hospital?

Nova Oliveira da Silva (dona de casa): Não.

Gabriela (para Nova): Por que não?

Nova: Por que elas deixam a pessoa pra lá como deixa um cachorro. Depois quando elas vão lá atender já tá quase ganhando.

** Imagem de Caio com a câmera na mão conversando com Gabriela*

Caio: Já está anoitecendo.

Gabriela: Já tá anoitecendo. A gente tá aqui desde as onze horas da manhã (olha para o relógio). Recebemos o telefonema às nove.

Gabriela (no *off*): Sete horas da noite.

** Imagem da gestante em trabalho de parto. / Corte para close no rosto de Gabriela, que demonstra certo nervosismo.*

** Imagem do bebê nascendo.*

Cícera: Respira fundo. Agora eu vou esquentar o bebê do frio.

** Caio filma a repórter Gabriela chorando de emoção*

Caio (com a câmera na mão): São sete e dez. E a ganhadora do bolão do horário foi a Gabriela.

Gabriela (para Caio): Mulher sabe das coisas. Vocês não sabem nada.

Caio (com a câmera na mão/ olha para o relógio): Eu pensei que só fosse acontecer às nove e meia da noite.

Caio (aparece filmando e pergunta para Cícera): O que é mais difícil agora?

Cícera (apalpando a barriga da gestante): O difícil agora é esse aqui. A placenta. O segredo é isto aqui.

Taís (no *off*): Dona Cícera reza.

Cícera: Minha Santa Margarida. Diga comigo (para Nova).

Nova: Minha Santa Margarida.

Cícera: Eu tô 'prenha' e tô parida.

Nova: Eu tô 'prenha' e tô parida.

Cícera: Tirei esse pedaço todo de carne da minha barriga.

Nova: Tirei esse pedaço todo de carne da minha barriga.

Gabriela (no *off*): A placenta sai. O risco acaba.

Cícera: Porque se ficasse um pedacinho dentro dela, era isso que levaria ela para o hospital.

Gabriela (no *off*): Antes de entregar o filho à mãe, a parteira cumpre o seu último ritual.

Cícera (dando banho no bebê/ apalpa a cabeça): Pra ela ficar com a cabeça bem redondinha.

Cícera (apalpa a parte de trás da cintura): Isso aqui é pra ela ficar com umas 'barroquinhas' no bumbum.

Cícera (pega na boca da criança e força um sorriso): Isso aqui é pra quando ela der um sorriso ela ficar com aquelas 'barroquinhas'.

Caco (no *off*): O bebê iria se chamar Aline Caroline ou Rakelli. Mas a chegada da nossa repórter mudou os planos da mãe.

Nova: Gabriela.

Caio (para Nova): 'Chará' da repórter?

* Nova balança a cabeça positivamente.

Cícera (com o bebê no colo / exhibe a criança para a câmera): Tô bonita, tá vendo?

Gabriela: Agora eu sou suspeita pra falar que é linda!

Cícera (se despedindo de Nova): Tchau. Fique com Deus e Nossa Senhora. E passe uma boa noite, bem feliz! Em nome de Jesus! Tchau, viu, comadre!

* *Sobe créditos finais do programa*

Caco: Nosso programa continua agora na internet. Você pode conversar com os repórteres da nossa equipe por meio do nosso site g1.com.br/profissoereporter.

ANEXO I

Comentário dos repórteres sobre a edição “Maternidades”²³

“Nem de longe”

Por Mariane Salerno



Não cheguei nem perto de saber como é a sensação. Nem perto de ter a dimensão da dor daquelas perdas. Foram seis dias em Belém, seis dias de conversas, histórias, visitas e ainda assim não sei dizer como é, o que elas sentiam. Queria muito ir embora, voltar para São Paulo, pra casa. Eu precisava mudar de assunto, de pauta, esta era muito triste, sufocante, angustiante, mas elas, as mães, não podem se dar ao luxo de fugir, vão conviver com o

assunto para sempre. Sofri junto, mas não da mesma forma. Só realmente sabe como é perder um filho, a mãe que perde um filho. Assim vou deixar que elas mesmas contem:

“Eu só saio de casa pra ver a sepultura da minha filha. Se eu pudesse, colocava uma cobertura e ficava aqui do lado dela”.

“Não deixo meu filho por nada, todo dia eu venho aqui (cemitério) conversar com ele”.

“Ele ia se chamar Arthur. Queria que tivesse a mesma inicial do pai Antonio”.

“Eu senti quando meu bebê morreu. O parto demorou e eu senti quando ele parou de mexer dentro de mim”.

²³ Material extraído do *site (blog)*: www.g1.com.br/profissaoreporter

“Eu fiz tratamento pra engravidar. A chegada dela era muito esperada. Eu cuidei direitinho dela na minha barriga os sete meses”.

Uma cena fala ainda mais alto. Era sempre uma Kombi branca que trazia os pequenos corpos pro cemitério. Nem sempre a mãe estava presente, algumas continuavam internadas, outras simplesmente não conseguiam suportar o enterro do bebê. Neste dia, uma delas estava lá. Não foi preciso perguntar quem era. A Maria Gilvane era a única que não conseguia falar, nem mesmo uma palavra. Tinha o rosto apático e estava inquieta. Queria abrir o pequeno caixão de qualquer jeito e, quando conseguiu, desabou. Depois voltou a ficar inquieta. O corpo do bebê estava só de fralda. Quando achou um pedaço de pano sossegou. Como toda mãe, ela queria agasalhar e proteger sua criança. Sua única filha estava ali sem vida, mas isso não fazia dela menos mãe.

“Vai nascer”

Por Mikael Fox



São 10 da manhã, eu, o Caio e a Gabriela estamos tomando café no hotel quando o telefone toca. Do outro lado da linha, uma voz agitada: “Meu, vocês não atendem o telefone? Tá nascendo, tá nascendo e é em Joaquim Nabuco.” Era o Lélío, diretor de jornalismo da emissora em Caruaru, que estava ajudando na produção da nossa matéria sobre parteiras.

Saímos acelerados para a pequena cidade no Nordeste, a duas horas de Caruaru, isso sem errar o caminho, o que nos custou mais meia hora. Tomados pela emoção e adrenalina do momento, a Gabriela relatava a sua conversa com a dona Cícera, a parteira de plantão: “Corre Gabriela, tá nascendo, corre” - e a Gabi podia ouvir os gritos da Nova, a gestante do outro lado do telefone. Isso me deixava mais ansioso do que eu sou, o Caio passou mal dentro carro, eu olhava pra trás e via ele branco, acho que foi

pressão, não sei ao certo, ele ficou enjoado, pois estava gravando a Gabriela. Chegamos ao local e a vizinhança toda nos aguardava. O bairro Morro Alto do Cemitério parou para acompanhar o parto da pequena Gabriela e a chegada da equipe do Profissão Repórter.

Chegamos às 11h50 em Joaquim Nabuco e, para nossa alegria, Nova ainda estava barriguda. A parteira Cícera estava nos esperando para dar início ao seu trabalho. Primeiro, ela fez um chá com café, margarina e pimenta. Ela dizia que isso aceleraria o trabalho de parto de Nova. Uma, duas, três, sete horas depois vem a confirmação: agora tá valendo mesmo. Às 19h10 a pequena Gabriela veio ao mundo. Ela não chorou muito, talvez tenha se intimidado com a câmera, a luz, aquele monte de gente em volta. O que vale deixar registrado, na verdade, é que a pequena menina chegou ao mundo trazendo alegria, emocionando a todos e com muita saúde.

“Dor e emoção”

Por Taís Itaquí

Sempre pensei na dor que a mulher sente quando chega o momento do parto. Na dor que se mistura com emoção e ansiedade num momento que é tão esperado. Só que naquela correria e expectativa dos nascimentos parei pra pensar no bebê e no sacrifício da sua vinda ao mundo. Quando eu olhei pra carinha deles, assim que saíam da barriga da mãe, me comovi com tamanho esforço que fizeram para nascer. Ficava pensando no bebê todo quentinho dentro da barriga, num lugar que já estava acostumado a viver, sem barulho, confortável e de repente uma revolução! De um momento para o outro um lugar desconhecido: frio, barulho, um aparelho que suga suas vias respiratórias, uma injeção de vacina, carimbo no pé, roupinha, capuz, tanta coisa de uma só vez. Que bom que lá deu tudo certo. Apesar disso, em nenhum momento deixei de pensar na reportagem da minha colega de trabalho Mariane Salerno, em Belém. Quando eu via aqueles bebês nascendo com saúde não deixei de pensar na tristeza daquelas mães que não tiveram seus filhos vivos no colo.

“Sorte”

Por Gabriela Lian

Sorte. Era o que faltava para nossa reportagem acontecer. Já estávamos em Caruaru, só esperando um parto, só esperando alguma mulher começar a sentir as dores. Mas e o medo de passar a semana e não acontecer nada? Voltar para a redação sem parto é voltar sem reportagem. Um mico! Acabei ligando para várias parteiras no estado de Pernambuco, o que incluí suas vizinhas, comadres, conhecidas... Deixei algumas no jeito: “A senhora promete que me avisa quando começarem as contrações? Isso, pode

me ligar a cobrar. Estamos a três horas daí? Não, chegaremos em uma, te garanto”. Assim foi, por uma parteira dessas chegamos ao parto gravado. E aquela sorte que a gente esperava lá no começo? Bem, a gente até precisava dela, mas decidi deixá-la de lado e correr por fora. É que nem sempre a “vontade de Deus”, ou até mesmo a nossa vontade, traz matéria pra redação.

ANEXO II

Retrospecto temático²⁴

(de 07 de maio de 2006 a 21 de outubro de 2008)

1) Profissão Repórter - Quadro do Fantástico

Ano de 2006

MAIO

07 de maio de 2006: Os pichadores em ação

14 de maio de 2006: Cortadores de cana

21 de maio de 2006: Um desafio na colheita de cana

28 de maio de 2006: Os caçadores de notícias

JUNHO

11 de junho de 2006: Julgamento que virou circo (caso Susana Richthofen)

25 de junho de 2006: A capital do comércio popular

²⁴ Fonte: [http:// www.g1.com.br/profissaoreporter](http://www.g1.com.br/profissaoreporter)

JULHO

09 de julho de 2006: A vida de quem a ganha nos sinais

16 de julho de 2006: Deficientes no mercado de trabalho

23 de julho de 2006: Vida de modelo

30 de julho de 2006: As grandes torcidas organizadas de São Paulo

AGOSTO

06 de agosto de 2006: Drama nos aeroportos

13 de agosto de 2006: Violência contra a mulher

20 de agosto de 2006: Vida subterrânea

SETEMBRO

03 de setembro de 2006: Perigos da grande rede

10 de setembro de 2006: Jovens vidas interrompidas

17 de setembro de 2006: O roubo de carro nas grandes cidades

24 de setembro de 2006: Uma corrida contra o tempo pela vida

OUTUBRO

08 de outubro de 2006: Coleta de lixo na grande São Paulo

15 de outubro de 2006: Vida de circo

22 de outubro de 2006: Vida de caminhoneiro

NOVEMBRO

05 de novembro de 2006: A vida por casa em São Paulo

12 de novembro de 2006: Casos de casamentos

DEZEMBRO

03 de dezembro de 2006: O destino dos bóias-frias

Ano de 2007

JANEIRO

21 de janeiro de 2007: O dia de visita em presídios

FEVEREIRO

MARÇO

04 de março de 2007: Profissão Repórter vai até a cidade mais violenta do país

11 de março de 2007: Os bastidores da visita de Bush ao país

18 de março de 2007: O crescimento do *telemarketing*

25 de março de 2007: Operação salvamento

ABRIL

01 de abril de 2007: Estudantes africanos no Brasil

08 de abril de 2007: Protestos contra o aquecimento global

29 de abril de 2007: Prostituição infantil

MAIO

06 de maio de 2007: O caos na Praça da Sé

13 de maio de 2007: A visita do Papa Bento XIV

20 de maio de 2007: A obsessão pela beleza

27 de maio de 2007: O aumento de viciados em crack

JUNHO

03 de junho de 2007: A história de Esmeralda Ortiz

10 de junho de 2007: A união contra o preconceito (Parada do Orgulho Gay)

17 de junho de 2007: Os sem-documentos

24 de junho de 2007: Os festejos de São João

JULHO

01 de julho de 2007: Sobrevivente da violência conhece a realeza

08 de julho de 2007: As saídas para quem anda endividado

22 de julho de 2007: A tragédia do voo JJ 3054

AGOSTO

19 de agosto de 2007: Festa de Barretos

SETEMBRO

16 de setembro de 2007: Os bastidores do caso Renan Calheiros

NOVEMBRO

04 de novembro de 2007: A seca que atinge 387 municípios do Nordeste

DEZEMBRO

02 de dezembro de 2007: Os repórteres entram em campo

Ano de 2008

FEVEREIRO

18 de fevereiro de 2008: Crianças enfrentam dificuldades para chegar à escola

MARÇO

09 DE MARÇO DE 2008: Profissão Repórter apura o caso que chocou o interior paulista

2) Profissão Repórter – Edições especiais (Quinta-feira à noite)

A vida do Mar

Caco Barcellos e sua equipe se aventuram para mostrar de perto a vida no mar. Pescadores de alto-mar, os trabalhadores do porto, a vida numa plataforma de petróleo, o treinamento da Marinha, o lazer num cruzeiro.

O Brasil sobre duas rodas

A cada minuto, três motos são produzidas no Brasil. A moto é o meio de transporte de 8 milhões de brasileiros. A equipe do *Profissão Repórter* sai às ruas para mostrar a vida de quem usa a moto para ganhar tempo e dinheiro. No trânsito caótico de São Paulo, as histórias surpreendentes de quem precisa da moto para sobreviver.

O Brasil da hora extra

Trinta e sete milhões de brasileiros têm mais de um emprego ou fazem hora extra. Nessa edição especial do *Profissão Repórter*, os jovens jornalistas acompanham a rotina de quem passa mais tempo no emprego do que em casa.

Em busca do sucesso

Provocar correria, ser o alvo de todos os olhares, atrair câmeras e flashes... A equipe do Profissão Repórter sai às ruas para mostrar os caminhos que levam à fama, os obstáculos e os desafios de quem quer se destacar na multidão.

3) Profissão Repórter – Programa semanal (Terça-feira, às 23h40)

03 de maio de 2008 - **À espera de um coração**

A reportagem de estréia é sobre a espera por um coração na fila que não anda. Trezentos brasileiros dependem de um transplante para viver. Os repórteres mostram, de diferentes ângulos, o esforço dos médicos e enfermeiras que trabalham contra o relógio para salvar quem tem a vida por um fio. E a emocionante história de Amanda, uma menina de 12 anos que recebeu um novo coração no dia do seu aniversário.

10 de maio de 2008 – **Meninos de ouro**

O *Profissão Repórter* revela quem são os meninos de ouro do futebol e como os clubes descobrem seus novos talentos. Os sonhos dos meninos no interior, a expectativa de ser descoberto por um olheiro, a desilusão com as falsas promessas. Na Itália, os repórteres acompanham o jogador Alexandre Pato: aos dezoito anos, ele é a grande aposta do Milan. No Brasil, a equipe do programa conhece Jean, que, aos treze anos, já tem salário de profissional e fama de craque.

17 de maio de 2008 – **Panela de pressão**

O *Profissão Repórter* mostra a “vida no aperto”! A luta por espaço no meio da multidão. A equipe se dividiu para mostrar o sufoco no metrô e nos trens de São Paulo. As imagens são impressionantes. O tumulto era tanto que o Caco se perde do cinegrafista, vê uma entrevistada ser levada pela multidão, quase quebra o dedo e grava a primeira entrevista de costas da vida dele! Tem sufoco no estádio lotado em dia de decisão (mil botafoguenses cercados por 60 mil corintianos); muita confusão na casa onde cinquenta moradores dividem o único banheiro e a única pia; e uma reportagem especial gravada pela convidada, Helena Tahira, no Japão, a metrópole mais populosa do mundo.

24 de maio de 2008 – **Hospital de Guerra**

A equipe do *Profissão Repórter* passa 24 horas no Hospital Getúlio Vargas, no Rio de Janeiro. Cercado por 21 favelas, perto do Complexo do Alemão, este é o hospital que mais atende a vítimas de tiro no Brasil. E foi em mais um dia de guerra entre polícia e traficantes que a equipe se dividiu para registrar o socorro às vítimas, a luta de médicos e enfermeiros para salvar vidas e a movimentação de policiais no setor de emergência, onde pacientes feridos são tratados como suspeitos.

01 de julho de 2008 – **Dia de pagamento**

No começo de mês, com a chegada do pagamento, os repórteres foram às ruas para mostrar a tensão no caminho do dinheiro, o malabarismo para fazer o salário chegar ao fim do mês, a vida na cidade que depende do salário dos aposentados. A equipe vai até a Amazônia, onde brasileiros não precisam de dinheiro para viver, a moeda lá é a castanha. No centro de São Paulo, nas praias do Rio, na cidade mais pobre do país, o

Profissão Repórter mostra o que acontece neste dia de pagamento.

08 de julho de 2008 – **Sexo**

Os jornalistas vão às ruas conhecer os trabalhadores e a indústria do sexo. Caco acompanha os bastidores das gravações de um vídeo erótico. Caio Cavechini e Thiago Jock mostram pai, mãe e filho que comandam juntos um cinema que só exhibe filmes de sexo. Felipe Gutierrez e Gabriela Lian contam a incrível história de Dona Rosinha: aos 73 anos, ela ainda tenta ganhar a vida nas ruas de São Paulo e o desafio da repórter Mariane Salerno: descobrir quem são as moças que vivem do sexo na beira da estrada.

15 de julho de 2008 – **Direção perigosa**

As gravações desse programa começaram antes da lei seca entrar em vigor. Na semana em que ela completa um mês, a equipe mostra o perigo ao volante antes e depois da mudança na legislação. Em Campo Grande, MS, um acidente provoca a morte de uma mulher de 34 anos. O motorista estava bêbado. Dias depois, ele dirigia livremente nas ruas de São Paulo. O *Profissão Repórter* registra o flagrante e mostra também: o resgate e o trabalho dos policiais nas rodovias do país, e a mudança de comportamento em São Paulo nas últimas semanas.

22 de julho de 2008 – **Linha de tiro**

Os jovens repórteres vão às ruas para mostrar a vida na linha de tiro. A tensão de quem vive no fogo cruzado entre policiais e traficantes no Rio de Janeiro. Nas escolas, alunos e professores ameaçados, convivendo com uma guerra. A equipe acompanhou o dia-a-dia do juiz mais protegido do Brasil, com escolta de 24 horas por dia e os que lutam contra a impunidade nos conflitos de terra do Pará e vivem marcados para morrer. Caco Barcellos vai para Recife, a capital com o maior número de homicídios do país.

29 de julho de 2008 – **Vida e trabalho debaixo da terra**

A equipe do programa se divide pra mostrar a vida embaixo da terra e os Trabalhadores dos subterrâneos do Brasil.

05 de agosto de 2008 – **Maternidades**

Morte e vida se cruzam no *Profissão Repórter*. Em sete meses, 280 bebês morreram na Santa Casa de Belém. Os repórteres vão até o cenário desta tragédia nacional e constatam que este drama começa longe, no interior do Pará, onde o atendimento médico é precário. Em São Paulo, a equipe acompanha um parto depois do outro em uma maternidade pública modelo. E Gabriela Lian e Caio Cavechini se aventuram para

conhecer de perto o trabalho das parteiras no Nordeste, que realizam os partos dentro de casa.

26 de agosto de 2008 – **Desaparecidos**

O *Profissão Repórter* mostra a busca de muitas famílias que têm um parente desaparecido. A dor das mães que procuram seus filhos, o trabalho da polícia para encontrar pistas e um encontro de irmãos depois de 29 anos.

02 de setembro de 2008 – **Câmeras na mão**

Elas estão por todos os lados. Câmeras nos circuitos de vigilância, nos celulares, em filmes amadores. O programa está cheio de flagrantes. Nesta edição, a equipe mostra um grupo do Rio de Janeiro que produz filmes de ficção científica de forma caseira e um grupo de motoboys de São Paulo que usa a câmera do celular para fazer flagrantes da cidade.

09 de setembro de 2008 – **Façam suas apostas**

Os brasileiros que vivem no mundo dos jogos. A equipe do programa acompanha uma operação caça-níquel e conhece viciados em jogos. Sufoco dos repórteres para registrar rinhãs de galo e a tensão no campeonato de pôquer e na primeira reportagem do nosso convidado. Caco foi até a Argentina, onde os brasileiros vão em busca dos cassinos legalizados.

16 de setembro de 2008 – **Queimadas na Amazônia**

A equipe se divide para registrar as queimadas na Amazônia. Caco Barcellos e o cinegrafista Mikael Fox sobrevoaram a floresta e voltaram ao cenário onde o Caco esteve há vinte anos; hoje destruído pelo fogo e pelo desmatamento. Felipe Gutierrez e Caio Cavechini viajaram por terra, 1.800 quilômetros de estradas, e mostram flagrantes de incêndios e o esforço de voluntários para tentar diminuir os estragos.

23 de setembro de 2008 – **Trabalhadores da noite**

Os repórteres acompanham os brasileiros que trabalham enquanto a cidade dorme. O trabalho duro para consertar as ruas, a policial que passa a madrugada fazendo a ronda na periferia e a correria num motel de luxo. Os jornalistas atravessam a noite com um taxista e conhecem a voz da madrugada num estúdio de rádio.

30 de setembro de 2008 – **Corrida do Ouro**

O *Profissão Repórter* mostra a busca pelo ouro no país de todas as formas: embaixo d'água, na lama, em túneis improvisados. No Amazonas, famílias se arriscam em balsas para extrair ouro do Rio Madeira e as prostitutas que ganham a vida com o ouro. Caco Barcellos embarca em uma aventura com os pilotos de garimpo nas pequenas pistas de terra perdidas no meio da selva amazônica. Em Minas Gerais, a tecnologia que substituiu o garimpeiro.

07 de outubro de 2008 – **Noite de sedução**

Os jovens repórteres mergulham no mundo da conquista. Tem campeonato de beijo em um carnaval fora de época no interior de São Paulo. Caio Cavechini conhece a história de Paulo, que tenta conquistar um amor de 20 anos. Cupido profissional: o programa mostra quem ganha a vida formando casais. E as velhas técnicas de conquista na pista de dança de um baile à moda antiga.

14 de outubro de 2008 – **Círio de Nazaré**

A equipe do programa confere, de perto, uma das maiores manifestações de fé do mundo e mostrar de onde vem tanta devoção. Os repórteres se unem aos mais de dois milhões de fiéis, desde a madrugada até o fim da procissão, na tarde de domingo.

21 de outubro de 2008 – **Cegos: lutas e conquistas**

O *Profissão Repórter* mostra a realidade de pessoas que vivem sem a visão. A história do menino cego que virou bicampeão olímpico de futebol e advogado, a escola que ensina crianças a lidar com a cegueira. Dona Maria: 47 anos na escuridão e o recomeço depois da cirurgia. Na hora da morte, a missão delicada da equipe do hospital que precisa pedir a doação das córneas.